

*Avery Lin - based on the account of a monk  
cultivating according to the principles of  
"Truthfulness, Compassion, Forbearance"*

---

# A ENTRADA NO MUNDO



ENTERING THE WORLD

入世間

UMA VIDA DE ERRÂNCIA, UMA ETERNA VOLTA  
PARA CASA

# **A ENTRADA NO MUNDO**

(ENTERING THE WORLD)

**Uma vida de errância, uma eterna  
volta para casa**

**Autora: Avery Lin**

Baseado no relato de um monge chinês que se dedicou com afincos à prática de um caminho espiritual fundamentado nos antigos princípios da tradição chinesa: **Verdade, Compaixão, Tolerância.**

---

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

# NOTA DA EQUIPE EDITORIAL

Este livro foi escrito com base em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para preservar a privacidade de certas pessoas e evitar qualquer impacto indevido, nomes de personagens e alguns detalhes identificáveis foram alterados, simplificados ou reconstruídos em forma literária.

Alguns trechos são contados a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas experiências e percepções naquele momento. Essas visões não necessariamente coincidem com a posição oficial de **THE LIVES MEDIA**.

No aspecto literário, embora a Equipe Editorial tenha feito os ajustes necessários, procuramos ao máximo preservar a simplicidade e o tom original do personagem, em respeito à sua voz genuína e ao espírito da narrativa.

## Equipe Editorial



# INTRODUÇÃO

As histórias contidas neste livro foram registradas durante os fins de tarde, em uma pequena casa silenciosa encostada à encosta de uma montanha nos arredores de Nova York. Diante de mim, ao lado de um bule de chá que esfriava sob a luz dourada do entardecer, estava **Ma Changsheng** – um praticante espiritual que já havia ultrapassado os setenta anos. Sua voz não era a de um mestre que prega do alto, mas sim o tom íntimo e sereno de alguém que atravessou incontáveis tribulações do mundo.

Meu papel durante aquelas conversas talvez tenha sido apenas o de escutar. Eu não estava ali como uma entrevistadora em busca de dramaticidade, mas como uma discípula mais jovem, com a rara sorte de poder sentar-se e, em silêncio, registrar o percurso de uma vida inteira.

Foi uma jornada que durou mais de meio século, iniciando nos anos tempestuosos da história recente da China, atravessando trinta anos de peregrinação em busca do Dao por diversas regiões da Ásia, até encontrar, enfim, um porto seguro para sua alma — em um lugar inesperado. Algumas histórias carregam um tom de

mistério, outras estão marcadas pela dor profunda, mas acima de tudo, todas irradiam uma serenidade incomum.

A história de **Ma Changsheng** não é apenas uma autobiografia. Para mim, ela é uma prova viva de perseverança, do alto preço da busca espiritual, e do poder invisível de uma fé capaz de guiar uma pessoa através de sofrimentos aparentemente insuportáveis.

Agora, peço licença para reunir e compartilhar essas preciosas memórias com você, querido leitor, na esperança de que o fluxo tranquilo desta narrativa fale por si mesmo.

**Avery Lin**

# PRIMEIRO DIA

---

**Avery Lin:**

Olá, Tio Ma, é um prazer reencontrá-lo hoje!

Como combinamos da última vez, hoje vim para ouvir o senhor falar sobre sua vida, sobre as experiências na busca pelo Dao, sobre a prática da cultivação espiritual no cotidiano e também sobre as suas reflexões e compreensões pessoais...

**Ma Changsheng:**

(Tio Ma olhou para Avery com um sorriso ainda nos lábios e um olhar caloroso.)

Olá, Avery. Eu também fico feliz em vê-la de novo. Sim, como já havíamos combinado, pode se sentar — vamos conversar. A história do tio não tem nada de grandioso, apenas o que vivi, o que vi e o que compreendi ao longo da caminhada. Se você quer ouvir, eu terei prazer em contar.

(Ele deu um gole no chá e, em seguida, colocou delicadamente a xícara sobre o pires — o som suave do contato ressoou levemente no silêncio da pequena casa.)

Falando da origem, precisamos voltar bastante no tempo, viu, Avery. Eu nasci em 1949, em Guangdong. Naquela época, o país ainda passava por muitas turbulências. Meus pais eram comunistas fervorosos, acreditavam plenamente no ideal revolucionário. Participavam ativamente de todas as atividades políticas. Naturalmente, fui educado nesse mesmo caminho. Desde pequeno, canções patrióticas e slogans sobre um futuro brilhante guiado pelo Partido foram se impregnando em minha mente.

Mas, veja só, dentro da mesma casa havia uma corrente diferente. Meu avô era um homem completamente distinto. Vivia quase como um eremita, amante da



simplicidade e da quietude. Era apaixonado pelo *Dao De Jing* e pelos clássicos do confucionismo. O nome que recebi — Ma Changsheng — foi escolhido por ele mesmo, carregando uma esperança que, quando criança, eu ainda não conseguia entender.

Ele exercia uma influência silenciosa sobre mim, através de seu modo de viver e suas palavras profundas. Não falava muito, nunca discutia com meus pais sobre os assuntos do momento. Mas aquele jeito sereno de viver, e aquelas poucas palavras que ele soltava de vez em quando — eram como uma chuva fina, que vai penetrando aos poucos, e acabaram me moldando sem que eu percebesse.

Os anos passaram. Em 1966, eu tinha dezessete anos quando o movimento da "Revolução Cultural" explodiu com força. Na juventude, é fácil se deixar levar por grandes ideais, por gritos empolgados. E eu não fui exceção — entrei animado na Liga da Juventude Comunista, participei das campanhas para "destruir os quatro velhos" — ou seja, tudo que fosse considerado antigo, ultrapassado, ou remanescente do sistema feudal. Naquela época, eu acreditava de verdade que estava ajudando a construir um mundo novo e melhor.

Ah, a juventude... impulsiva e com uma visão ainda tão rasa, não é, minha jovem?

(Tio Ma soltou um leve suspiro e lançou o olhar pela janela, onde a luz do entardecer começava a tingir as copas das árvores.)

**Avery Lin:**

Sim... Eu já li sobre o contexto daquela chamada “grande revolução cultural”. É realmente assustador...

Na época, como membro da Juventude Comunista, o senhor chegou a fazer algo de que se arrepende até hoje?

**Ma Changsheng:**

(Tio Ma permaneceu em silêncio por um instante, o olhar distante, como se estivesse voltando a lembranças pouco agradáveis. A tristeza ficava nítida em seu rosto marcado pelo tempo.)

Sim, sim, fiz coisas que até hoje, sempre que lembro, ainda me causam dor e um peso no coração. Foi justamente aquele entusiasmo cego, aquela fé ingênua nas palavras bonitas e nas promessas do Partido, que empurrou a mim — e a toda uma geração de jovens — a cometer erros graves.

(Ele fez uma pausa, e sua voz perdeu um pouco da firmeza.)

Naquela época, o espírito de “destruir os quatro antigos” estava no auge. Os templos, santuários e heranças culturais dos antepassados eram tratados como lixo, símbolos de superstição atrasada — algo que deveria ser destruído para dar lugar ao novo. E eu... fui tragado por essa onda.

Teve uma vez, em que fui designado junto com um grupo de jovens da Liga para “lidar” com um templo antigo, ao pé da montanha, não muito longe da vila. Diziam que aquele templo existia há séculos — sua arquitetura era antiga, coberta de musgo e história. Mas na minha cabeça, naquela época, só havia uma ideia: isso é resquício do feudalismo — tem que acabar!

Gritávamos, quebrávamos estátuas de Buda, derrubávamos altares. O som da madeira se partindo, dos objetos sagrados se estilhaçando... Eu ainda me lembro nitidamente da sensação de euforia, como se estivéssemos fazendo algo realmente “revolucionário”, algo “progressista”.

(A voz de Tio Ma embargou. Ele fechou os olhos por um momento, como se tentasse afastar as imagens que surgiam à mente.)

E então... aconteceu o acidente. Enquanto eu, empolgado, subia no telhado do templo para arrancar as últimas telhas, uma viga grande, apodrecida, caiu

repentinamente do alto — direto sobre minha cabeça. Só tive tempo de sentir uma dor aguda e cortante... depois, tudo ficou escuro. Não me lembro de mais nada.

Pensando bem, talvez aquilo tenha sido um tipo de retribuição imediata, sabe, Avery? Quando fazemos algo errado, mais cedo ou mais tarde, teremos que arcar com as consequências. Aquele ato de destruir um templo me acompanhou por muito tempo... como uma cicatriz na alma, lembrando constantemente de uma época de profunda ignorância.

**Avery Lin:**

Essas cenas são realmente dolorosas para toda uma geração — e ainda causam impactos profundos nas gerações seguintes, quando os valores tradicionais são apagados...

O fato de o senhor ter sido atingido por aquela viga e desmaiar... se olharmos do ponto de vista da cultivação espiritual, isso parece mesmo um tipo de retribuição imediata.

E depois disso, o senhor parou imediatamente? Ou teve alguma percepção mais profunda?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, o semblante introspectivo.)

É como você disse. Aquela queda, aquela viga... não foi apenas um acidente qualquer. Hoje, olhando para trás, percebo que foi um ponto de virada. Uma intervenção de um mundo que, até então, eu desconhecia completamente — e no qual eu nem sequer acreditava.

Fiquei inconsciente por três dias inteiros, Avery. Imagino que minha família e meus amigos devem ter ficado muito preocupados. Durante esses três dias, eu não tinha nenhuma consciência do mundo exterior. Mas, naquele estado de inconsciência, vivi uma experiência extremamente estranha — um sonho longo, vívido como a realidade, que até hoje permanece gravado em minha memória com todos os seus detalhes.

(O Tio Ma ergueu o olhar para o vazio, como se seus olhos atravessassem as paredes da pequena casa em direção a um lugar distante.)

Nesse sonho, eu me via em um lugar escuro, frio. De repente, surgiu uma luz suave, e uma figura apareceu diante de mim — um mestre espiritual, um monge imponente. Ele usava um manto amarelo escuro, tinha o rosto bondoso, mas carregava uma aura profundamente

solene. Ele me olhava de um jeito que parecia penetrar minha alma.

O mestre não falou muito, mas cada palavra dele soava como um sino ressoando no fundo da minha consciência. Ele me mostrou, sem rodeios, que as ações de destruir templos cometidas por mim e pelos outros jovens eram crimes graves, e que estávamos gerando um carma pesadíssimo. Ele explicou que os locais sagrados são moradas das divindades, e destruí-los é um desrespeito direto aos Deuses e Budas. Se não me arrependesse com sinceridade, mais tarde sofreria punições severas no inferno — um carma que nem mesmo mil vidas bastariam para saldar.

Ao ouvir isso, fiquei em pânico, Avery. Um medo avassalador tomou conta de mim. Eu temia o sofrimento descrito por aquele mestre, temia as punições. Mas, mais do que o medo, foi um arrependimento profundo que me envolveu. Percebi o quanto eu havia errado, o quanto fui ignorante ao acreditar em discursos radicais e ao participar daquela destruição absurda. Chorei... chorei muito dentro daquele sonho. Supliquei de coração ao mestre, implorando que ele tivesse compaixão de mim e me mostrasse um caminho para reparar meu erro.

(A voz do Tio Ma baixou um tom, e havia um leve tremor ao relembrar aquele momento.)

Ao ver que meu arrependimento era sincero, o mestre suavizou a voz. Ele disse que, como eu ainda tinha alguma bondade no coração e reconhecia meu erro, ele me mostraria uma saída. Ele falou com muita firmeza:

“Você deve abandonar imediatamente o caminho errado que está seguindo com o Partido Comunista. Saia do mundo secular, busque o Dao e encontre a Verdadeira Lei para purificar seu carma. Mas lembre-se: você não poderá se fixar em um templo. Terá que vagar pelos quatro cantos, buscando o Dao por todo lugar. Esta jornada será longa e difícil — ela servirá tanto para você pagar seu carma, quanto para testar sua sinceridade e determinação no caminho espiritual.”

Ao terminar de falar, a imagem do mestre começou a se dissipar até desaparecer por completo. Pouco a pouco, despertei do coma de três dias. Ao abrir os olhos e ver que estava em uma cama de hospital, cercado por familiares, entendi com clareza: aquilo não foi apenas um sonho qualquer. Foi um aviso... uma orientação vinda do destino. E naquele instante, soube que minha vida jamais seria a mesma.

### **Avery Lin:**

Sim, do ponto de vista de quem cultiva como nós, isso com certeza foi uma "revelação espiritual" muito clara...

E então, o senhor seguiu imediatamente esse chamado?  
Sua família apoiou?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu levemente, e um brilho de firmeza surgiu em seu olhar.)

Sim, Avery. Aquilo já não era mais apenas um sonho — foi uma revelação, um chamado que não dava para ignorar. Quando despertei, as palavras daquele mestre ainda ecoavam na minha mente, com uma força nítida e avassaladora. Todo o cansaço, toda a dor da ferida na cabeça pareciam ter desaparecido, cedendo lugar a uma determinação inabalável. Eu sabia o que precisava fazer.

Assim que me recuperei o suficiente, contei aos meus pais sobre minha decisão: eu iria me tornar monge, deixaria de vez o caminho que eles haviam traçado para mim.

(O Tio Ma suspirou, e um traço de tristeza passou em seu rosto.)

A reação dos meus pais... foi violenta. Eles não conseguiam aceitar aquilo de forma alguma. Para eles — que haviam dedicado toda a vida ao ideal comunista — ouvir que seu único filho queria virar monge, acreditando em algo que chamavam de “superstição”, foi como uma afronta, uma traição imperdoável. Acharam



que eu tinha batido a cabeça com força demais ou que alguém tinha me manipulado.

Gritaram, ameaçaram, até chegaram a me bater, esperando que eu mudasse de ideia. Disseram que, se eu realmente insistisse nesse caminho, que então deixasse de chamá-los de pai e mãe, que fosse embora e nunca mais voltasse. No fundo, eu sei que eles ainda me amavam, que queriam que eu reconsiderasse, mas o ideal que eles seguiam era tão absoluto que acabou obscurecendo até mesmo o amor.

Naquele momento, meu coração doía muito, mas minha decisão não se abalou. As palavras do mestre, as imagens do templo destruído, o carma que eu mesmo havia criado... tudo aquilo me empurrava para frente, me fazia sentir que precisava partir, precisava buscar o caminho da libertação.

Em meio a toda essa tensão, só meu avô não se opôs. Ele me olhou com uma expressão serena e compreensiva. Não disse quase nada. Apenas foi até o quarto, pegou um exemplar já gasto do *Dao De Jing*, e me entregou. Disse: “Só tenho isto para te dar. Guarde bem.” Esse livro, eu o carrego comigo até hoje — como uma relíquia, uma força silenciosa que vem do meu avô.

E assim, numa manhã de 1967, antes do sol nascer, eu deixei minha casa. Nas mãos, só levava o *Dao De Jing* e

algumas roupas velhas. Fui até um pequeno templo escondido nas montanhas. Lá, contei com sinceridade tudo o que havia vivido — o erro que cometi, o sonho extraordinário, minha decisão de abandonar tudo e buscar o Dao. O abade, um velho monge de olhar compassivo e compreensivo, aceitou fazer o ritual de raspar minha cabeça.

Ao perceber minha firme determinação e o voto de "vaguar por todas as direções, numa jornada longa", o mestre me concedeu o nome de cultivo: **Changxing**. Vestido com uma túnica marrom surrada que me deram no templo, comecei ali mesmo a vida errante, levando comigo o voto de buscar o Dao.

A partir daquele momento, o Ma Changsheng de antes havia morrido. Restava apenas um andarilho, carregando seu voto sagrado, caminhando em direção ao desconhecido, sem saber quando — ou se — chegaria ao destino.

Quanto aos meus pais... desde então, nunca mais ousei vê-los. Não queria fazê-los sofrer ainda mais — e, talvez, também temesse que isso abalasse a minha convicção.

### **Avery Lin:**

Foi realmente uma decisão firme e corajosa... Sinceramente, eu nem sei se teria coragem de fazer o

mesmo naquela situação, ainda mais quando nem se entende direito o que é a cultivação espiritual.

E depois que o senhor raspou a cabeça e se tornou monge, passou por muitas dificuldades nos primeiros dias? Imagino que tenha enfrentado zombarias ou até perseguição das autoridades...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma balançou a cabeça levemente, com um sorriso triste nos lábios.)

A decisão foi firme, sim, Avery, mas o caminho à frente era escuro e cheio de provações. Naquela época, tudo o que eu tinha era uma fé vaga — a certeza de que precisava partir, que precisava encontrar a Verdadeira Lei que o mestre me mostrou. Mas o que realmente era cultivação, o que significava trilhar esse caminho... eu ainda não sabia. Tudo se baseava numa promessa e numa intuição profunda que vinha do coração.

Os primeiros dias depois de deixar minha casa, vestindo aquela túnica marrom de monge, foram um verdadeiro teste. A primeira dificuldade foi a solidão. De um jovem que tinha família, amigos, um ideal coletivo aplaudido por muitos, eu me tornei alguém completamente só — sem parentes, sem abrigo. Quando a noite caía, e eu me encolhia num canto de mercado ou debaixo do beiral de um templo desconhecido, a saudade apertava. Sentia

falta de casa, dos meus pais, até mesmo dos tempos de ignorância, quando ainda havia companhia.

Depois vinham os olhares do mundo. Naquela época, a "Revolução Cultural" ainda fervia. Um jovem como eu, que deveria estar trabalhando com entusiasmo, participando das atividades "revolucionárias", agora estava de cabeça raspada, vagando como um monge pedinte. As pessoas me olhavam com desconfiança, curiosidade, até desprezo. Cochichavam, julgavam. Alguns me chamavam de preguiçoso, de alguém que fugia do trabalho, ou até de "reacionário" disfarçado de monge.

Os antigos amigos, com quem eu havia gritado slogans nas praças, ao me verem agora simplesmente me ignoravam. Alguns chegaram a zombar de mim, dizendo que eu estava "louco", "possuído por demônios". No começo, aquilo doía. Eu me sentia humilhado, abandonado. Mas então, eu me lembrava das palavras do mestre, do carma que precisava purgar — e tentava suportar. Eu comecei a ver aquilo como uma provação para testar minha determinação.

Quanto ao governo, felizmente nos primeiros tempos eu não sofri perseguição direta. Talvez porque eu fosse só um indivíduo perdido, vagando em regiões afastadas, sem chamar muita atenção. Ou talvez me vissem apenas como um "lunático" e não valesse o esforço. Mas a

tensão pairava no ar — a desconfiança por parte das autoridades em relação a qualquer um que saísse da linha “revolucionária” era constante. Por isso, eu tomava muito cuidado com o que dizia, evitava aglomerações e lugares onde pudesse ser mal interpretado.

Mas o desafio maior... era comigo mesmo. As dúvidas surgiam. Às vezes eu me perguntava: será que escolhi o caminho certo? Será que vou aguentar até o fim? Essas perguntas me atormentavam, principalmente nos momentos de fome, de doença. Mas então a imagem do mestre aparecia novamente na minha mente, junto com suas palavras. Isso me dava força. O *Dao De Jing* que meu avô me deu também se tornou meu companheiro inseparável — os ensinamentos ali dentro eram como uma água fresca, aliviando a inquietação do espírito.

E assim, passo a passo, fui dando início à minha jornada em busca do Dao — uma jornada que, naquele momento, eu não fazia ideia de quanto tempo duraria, nem para onde me levaria. Tudo o que eu tinha era uma fé... e a determinação de seguir até o fim.

### **Avery Lin:**

Então... naquela época, o senhor tinha algum plano concreto? Quero dizer, pensava em visitar grandes templos, ou subir até o Tibete, ou até atravessar para a

Índia como o monge Tang Sanzang na história de *Jornada ao Oeste*?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu com doçura, um sorriso levemente nostálgico.)

Dizer que eu tinha um plano concreto... não exatamente, Avery. Na minha mente só havia as palavras do mestre: “Você deve vagar pelos quatro cantos, buscar o Dao em todos os lugares.” Mas ele não disse para onde ir exatamente — nem qual templo, nem qual montanha. E, principalmente: “Você não deve se acomodar em nenhum templo fixo.”

Quanto à comparação com Tang Sanzang indo ao Ocidente buscar os sutras... aquela foi uma jornada grandiosa, com propósito claro desde o início. Eu, naquela época, não me atrevia a sonhar tão alto. Eu era apenas um pecador, carregando arrependimento e um voto: encontrar a Verdadeira Lei para dissolver o carma que havia acumulado.

No começo, tudo o que pensei foi simplesmente: caminhar. Seguir o caminho. Quando encontrasse um templo ou um mosteiro, pararia, ouviria, tentaria aprender algo. Onde houvesse uma montanha sagrada, um local conhecido por sua espiritualidade, ou algum mestre verdadeiro recluso, eu tentaria chegar até lá.

Escutava com atenção onde diziam haver monges ou taoístas com grande virtude — e ia atrás.

Meu único “mapa” era talvez uma fé vaga, uma força interna que me dizia: siga, e você encontrará. Procure, e você verá. Minha bagagem consistia apenas no *Dao De Jing* do meu avô e no desejo sincero de me transformar. Caminhava, perguntava, observava, escutava. Às vezes seguia apenas a intuição — se uma estrada parecia me chamar, eu a seguia.

Mas dizer que eu já tinha decidido, desde o início, que iria ao Tibete ou à Índia... não, não era assim. Acabei chegando a esses lugares mais tarde, como parte do longo percurso — não eram metas traçadas desde os primeiros passos.

Minha jornada era como um riacho, Avery. Ia se esgueirando por entre as pedras, contornando obstáculos, atravessando fendas — contanto que sempre corresse em direção ao grande oceano: o **Dao verdadeiro** que meu coração tanto buscava.

(O Tio Ma fez uma pausa e tomou mais um gole de chá. Do lado de fora da janela, o entardecer começava a cair, tingindo tudo de um tom dourado-alaranjado. O ambiente mergulhava num silêncio ainda mais profundo.)

**Avery Lin:**

E o seu avô, naquela época, chegou a lhe dar alguma orientação mais direta? Ele lhe entregou o *Dao De Jing*, mas o senhor conseguiu entender muita coisa? Porque eu imagino que, para um jovem ainda sem vivência ou base filosófica, ler um livro como o *Dao De Jing* deve ter sido um grande desafio!

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu levemente, olhando para um livro invisível no ar, depois voltou o olhar para Avery.)

Meu avô, como já contei, não era alguém de muitas palavras ou de ensinar de forma direta. O jeito dele de orientar era viver com simplicidade — e deixar o silêncio falar. Quando ele me entregou o *Dao De Jing*, não disse mais nada. Não explicou nenhum capítulo, nenhum verso. Só me disse uma frase: “Só tenho isto para te dar. Guarde bem.”

Naquele momento, o gesto dele, o olhar dele... foram mais valiosos do que mil ensinamentos. Era como se ele estivesse depositando ali toda sua confiança — e me dizendo, sem palavras, que aquele livro seria meu companheiro, meu guia no caminho adiante. E essa foi, talvez, a orientação mais profunda que ele me deu.



Quanto a entender o *Dao De Jing*... você tem toda razão, Avery. Para um jovem de dezessete, dezoito anos, com a cabeça ainda fervendo com os ideais “revolucionários”, recém-saído de um abalo tão grande, sem nenhuma base sobre budismo ou taoismo — ler as palavras de Laozi era realmente um desafio.

(O Tio Ma soltou uma risadinha leve, quase como rindo de si mesmo.)

Nos primeiros dias, para ser sincero, eu lia e era como um pato ouvindo trovão. Sabia reconhecer os caracteres, mas o significado profundo... era um nevoeiro.

“Dao que pode ser nomeado não é o Dao eterno; nome que pode ser nomeado não é o nome verdadeiro.” — frases assim, eu lia uma e outra vez, e tudo parecia vago, fora de alcance. Várias vezes fiquei desanimado, achando difícil demais de compreender.

Mas, sabe, aquele livro tinha algo magnético. Mesmo sem entender tudo, eu continuava lendo. Lia quando parava para descansar na estrada, lia à luz da lua quando não encontrava abrigo, lia com o estômago vazio. Ele era como um amigo silencioso, que me distraía do frio, da solidão. Com o tempo, parei de tentar “entender” com a mente. Apenas lia — deixava que os ideogramas, as ideias fossem se infiltrando pouco a pouco.

E foi assim, durante a longa jornada, quando enfrentei tantas dificuldades, conheci tantas pessoas diferentes, vi tantas realidades... que os ensinamentos do *Dao De Jing* começaram a se revelar. Aquilo que antes parecia incompreensível, depois de uma experiência ou um choque da vida, de repente fazia sentido. Eu dava um estalo: “Ah... agora entendo.” E achava tudo incrivelmente verdadeiro, incrivelmente profundo.

Por exemplo, ao enfrentar o desprezo ou o julgamento das pessoas, eu me lembrava das passagens sobre a suavidade e humildade da água. Quando via a impermanência do mundo, a constante mudança das coisas, eu refletia sobre o “não-eterno” no Dao.

E assim, pouco a pouco, o *Dao De Jing* deixou de ser apenas um livro para ler — tornou-se parte do meu processo de reflexão e observação da vida.

Não era um mapa com instruções claras, apontando cada curva. Mas era uma lanterna — iluminando os cantos escuros da alma, ajudando-me a enxergar o mundo com mais calma e profundidade. Talvez tenha sido um destino, uma providência, ter recebido esse companheiro silencioso já nos primeiros passos do meu caminho, justamente quando tudo era mais incerto e difícil.

(O Tio Ma se calou. O ambiente voltou ao seu silêncio natural. Lá fora, as folhas farfalhavam levemente e o

entardecer já se tingia de um tom mais escuro, sinalizando que o dia estava chegando ao fim.)

**Avery Lin:**

Ouvindo o senhor contar tudo isso, acabei fazendo uma associação inesperada entre o seu caminho de cultivação e o do próprio Sun Wukong, o Rei Macaco — naquele ponto em que ele busca tanto o Dao quanto o budismo. No início, Wukong segue o Mestre Bodhi da tradição taoísta e aprende os 72 poderes de transformação; depois, ao acompanhar o monge Tang na jornada ao Ocidente para buscar os sutras, ele termina alcançando o título de "Buda que Vence na Luta"...

Me desculpe se a comparação for um pouco fora do lugar, mas pensei nisso porque o senhor levava o *Dao De Jing* com o senhor, e ao mesmo tempo raspou a cabeça e seguiu pelo caminho budista...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu gentilmente, com um toque de divertimento pela associação feita por Avery.)

Não, Avery, na verdade sua comparação é bem interessante. E não é nada fora do lugar. O Rei Macaco é uma figura muito especial, e a sua jornada carrega sim

vários níveis simbólicos profundos sobre o caminho da cultura.

O fato de eu ter levado o *Dao De Jing* comigo, mesmo tendo me ordenado monge budista, à primeira vista pode parecer contraditório. Mas olhando agora, percebo que há mesmo um paralelo com Wukong: recebi do meu avô o livro clássico do Dao, mas foi a revelação daquele mestre budista no sonho que me levou a entrar para o monasticismo.

Quando decidi seguir o caminho monástico, a imagem daquele mestre budista ficou gravada no meu coração. Foi por isso que escolhi raspar a cabeça, vestir a túnica marrom e trilhar o caminho da renúncia. Era o meu modo de cortar de vez com o passado errado — de começar de novo.

Mas o *Dao De Jing*, como já te falei, era um presente do meu avô, um companheiro inseparável. Eu nunca vi contradição nisso. Na minha busca pelo Dao, enquanto caminhava, eu lia, refletia. A cada dificuldade, a cada obstáculo, a cada encontro ao longo do caminho, os versos do *Dao De Jing* — ou até mesmo palavras soltas de sutras budistas que eu ouvia — pareciam se iluminar mais. Eles funcionavam como pequenas lanternas, clareando cada passo meu.

Naquela época, eu pensava de forma simples: os sábios do passado, tanto do Dao quanto do Budismo, todos ensinavam as pessoas a fazer o bem, a viver com retidão, a buscar libertar-se do sofrimento. Então, fosse Dao ou fosse Buda, eu achava que ambos levariam a um destino elevado.

(O Tio Ma fez uma pausa, com um olhar que se perdeu levemente no tempo.)

Claro, esse era o modo como eu pensava décadas atrás. Mais tarde, quando tive a bênção de obter o Dafa verdadeiro, compreendi com mais profundidade a importância do “Fa de uma só via” — o princípio de que o caminho de cultivo deve ser único e focado. A partir dali, minha visão sobre essas questões mudou completamente.

Mas isso foi só depois, quando o destino já estava maduro.

Naquele início, eu era apenas um andarilho com um livro antigo nas mãos, buscando uma luz incerta adiante. E naquela fase, todas as palavras dos mestres iluminados do passado pareciam convergir para algo comum: a bondade.

Assim como Sun Wukong, que primeiro aprende artes taoístas com o Mestre Bodhi, depois acompanha o monge Tang em meio a incontáveis provas e até sofre com o aperto do aro dourado na cabeça — só para, no

fim, alcançar a iluminação como o Buda Vitorioso da Luta. Talvez, cada etapa do caminho seja uma preparação, um processo de purificação necessário.

(O Tio Ma olhou para Avery com um brilho encorajador nos olhos. Ficava feliz ao ver que ela fazia conexões profundas e refletia sobre essas questões espirituais — sinais claros de alguém com coração sincero na busca pelo Dao.)

**Avery Lin:**

Então, depois dessa fase inicial... como a sua jornada continuou, Tio?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma soltou um longo suspiro, como quem se prepara para relembrar uma parte da vida repleta de provas. A luz do entardecer já havia desaparecido completamente. A pequena casa mergulhava em uma penumbra suave. Ele estendeu a mão e acendeu um abajur. A luz amarela e acolhedora se espalhou pelo ambiente.)

Depois das dificuldades e incertezas iniciais, começou de fato a grande jornada — uma verdadeira “peregrinação aos quatro cantos”, como o mestre havia instruído. Foi uma trajetória que durou quase trinta anos, Avery.

Trinta anos vagando sem rumo fixo, experimentando todas as dores e sabores da existência humana — enfrentando provações tão severas que, por vezes, a linha entre a vida e a morte parecia fina como um fio de cabelo.

Meus passos passaram por incontáveis templos e mosteiros, tanto famosos quanto esquecidos, desde as planícies férteis até os altiplanos inóspitos do Tibete. E em certos momentos, levado pelas circunstâncias, cheguei a cruzar fronteiras — fui parar em terras budistas como a Índia, o Nepal e até a Tailândia. Sempre que ouvia falar de uma montanha sagrada, de um templo antigo ou de algum mestre virtuoso escondido, eu fazia o possível para chegar até lá — com a esperança, por menor que fosse, de encontrar a Verdadeira Lei.

Esse caminho, sem exagero, foi uma longa série de lutas pela sobrevivência. Fome e frio eram companheiros constantes. Houve dias em que eu não comia absolutamente nada. Vivia de esmolas, pedindo de porta em porta para poder continuar. À noite, meu abrigo podia ser qualquer coisa — o beiral de um templo, debaixo de uma ponte, um canto de mercado, uma caverna, ou o tronco de uma árvore à beira da estrada. Experimentei o frio cortante do inverno no norte e o calor sufocante do verão no sul. Enfrentei chuvas incessantes e ventos fortes sem nenhum lugar para me proteger.

A saúde também cobrava seu preço. Malária, disenteria... doenças que consumiam o corpo. Teve vezes em que achei que não ia sobreviver. Caí doente no meio do nada, em florestas profundas ou encostas isoladas. E o que me manteve vivo foi apenas o voto que havia feito diante daquele mestre, e a força de vontade de seguir o caminho do Dao.

E havia perigos por todo lado. Ser roubado era quase comum — perdi o pouco que tinha várias vezes. Uma vez, até um falso monge me enganou e levou embora a túnica que eu usava. Também houve ameaças de animais selvagens nas montanhas, escorregões em penhascos, quase me afoguei tentando atravessar rios... é impossível contar tudo.

(A voz do Tio Ma tornou-se mais grave, carregada pela memória dos tempos de dureza.)

A fome e o frio foram parceiros constantes, mas talvez o que mais desgasta uma pessoa não seja a dor física — e sim o desprezo e o abandono humanos. Ser enxotado, ser olhado com desconfiança, ser acusado de impostor, de espião... esses olhares ferem mais do que qualquer chicote. As noites solitárias, em que me via sozinho, cara a cara com minhas fraquezas, dúvidas, com a saudade sufocante da minha terra, dos meus pais... Havia momentos em que me perguntava se tudo aquilo fazia



sentido. Se eu estava mesmo no caminho certo. Se valia a pena ter abandonado tudo.

(O Tio Ma silenciou por um instante, como se deixasse as lembranças se acomodarem no tempo. Avery também permanecia calada. Só se ouvia o leve som da respiração na quietude do quarto.)

E mesmo assim, Avery, foram exatamente nesses anos intermináveis de provação que a minha fé se fortaleceu. E foi justamente nos momentos mais críticos, nos lugares mais improváveis, que encontrei encontros raros, presenciei coisas extraordinárias — daquelas que poucos acreditariam.

Essas experiências foram o que me deu forças para continuar caminhando, mesmo nos dias em que tudo parecia perdido.

### **Avery Lin:**

Uma jornada tão longa em busca da Lei... Trinta anos — mais do que toda a minha vida até agora. Deve ter sido cheia de provações, como passar por incontáveis tribulações em uma verdadeira *Jornada ao Oeste*...

Mas, em meio a tantas dificuldades, o senhor teve mais revelações? E nessa busca de trinta anos, também deve ter vivido encontros extraordinários, não?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu lentamente, o olhar perdido à distância, como se folheasse as páginas de um passado longínquo.)

Foram, de fato, trinta longos anos, Avery. Se não houvesse aqueles momentos em que uma luz aparecia no fundo do túnel, se não houvesse revelações inesperadas e encontros singulares... talvez eu não tivesse conseguido completar o caminho.

Quanto às dificuldades, elas foram incontáveis. Lembrome de um inverno em especial, nas montanhas do norte. A neve cobria tudo de branco. Os templos estavam fechados, desertos. Encontrei uma pequena caverna de pedra para me abrigar naquela noite gelada. Meus mantimentos já tinham acabado dias antes. A fome me corroía por dentro, e o frio fazia meu corpo tremer sem parar.

Naquela noite, não consegui dormir. Permaneci encolhido, abraçando o *Dao De Jing* contra o peito, tentando manter um pouco de calor e lucidez. Pensei que talvez fosse morrer ali mesmo.

Em meio à febre e ao torpor, vi novamente o mestre — ele apareceu em minha mente, não disse nada, apenas me olhou com compaixão e encorajamento. Quando

amanheceu, a neve havia cessado. Eu despertei com uma estranha sensação de força no corpo.

Arrastei-me para fora da caverna e, alguns quilômetros adiante, encontrei um caçador bondoso. Ele me deu um pouco de comida seca e indicou o caminho para uma aldeia próxima. Aquela vez, escapei da morte por um triz.

Outra ocasião: fui acometido por malária numa região de fronteira ao sul. Fiquei deitado por dias, inconsciente, numa cabana abandonada feita de palha. Sem remédios, sem ninguém por perto. Achei que meu fim havia chegado.

Mas então, durante a febre, sonhei que caminhava por um caminho cheio de espinhos, muito difícil... mas no final havia uma luz brilhante. Quando acordei, vi uma senhora idosa da etnia local sentada ao meu lado. Ela havia me encontrado ali e me deu uma tigela com chá de folhas — mal bebi, já comecei a me sentir melhor. Ela me disse que eu estava ali há dias, e achou que eu não fosse sobreviver.

Depois de momentos assim, minha fé só se fortalecia. Sentia que, por mais duro que fosse o caminho, algo — ou alguém — sempre me iluminava.

E quanto aos encontros extraordinários, sim, eles também aconteceram. Lembro-me de uma vez em que

fui até a região de Songshan, onde fica o famoso Templo Shaolin. Claro que, naquela época, o templo já não era mais o que diziam as lendas — sua aura solene e sagrada havia se perdido.

Mesmo assim, fui até lá com a esperança de encontrar algum mestre verdadeiro.

Fiquei vagando pelos arredores por alguns dias, e reparei num monge idoso. Ele tinha aparência muito simples e sempre se sentava sozinho sob uma árvore antiga, numa encosta afastada, longe do burburinho. Todos os dias eu o via ali, imóvel, quase fundido com a natureza.

Um dia, tomei coragem, me aproximei e me curvei, pedindo humildemente que me concedesse algum ensinamento.

O velho monge abriu os olhos lentamente, me observou dos pés à cabeça, e sorriu suavemente. Não me perguntou de onde eu vinha, nem o que queria aprender. Apenas disse uma única frase:

"A sinceridade pode abrir até a pedra. Mas aqui a pedra já se desgastou. O Dao não está mais neste lugar. Siga em direção ao sul, onde as montanhas são mais altas e as nuvens mais brancas."

Depois disso, ele fechou os olhos novamente e não disse mais nada.

Fiquei ali por um tempo, refletindo sobre aquelas

palavras.

"Aqui a pedra já se desgastou, o Dao não está mais neste lugar" — aquilo foi como um balde de água fria sobre minha esperança de encontrar algo naquele templo famoso.

Mas a continuação — "Siga em direção ao sul..." — soou como uma nova direção, uma orientação sutil.

Mesmo sem receber nenhum ensinamento concreto, senti naquela breve troca uma compaixão verdadeira e uma sabedoria profunda. Inclinei-me para agradecer e parti em silêncio. E dentro de mim, nasceu uma nova determinação — uma nova rota, ainda que envolta em névoa.

Encontros assim, ainda que breves, funcionavam como pequenos faróis — guiando meu caminho em meio ao oceano da vida.

Também me mostravam que os verdadeiros mestres raramente estão nos centros barulhentos e exibicionistas. Eles se escondem em meio à simplicidade, na quietude da natureza, na humildade do cotidiano.

(O Tio Ma parou de falar e olhou pela janela. O pôr do sol já se espalhava sobre a paisagem, tingindo seu rosto com um tom dourado. Do lado de fora, os insetos noturnos começavam a cantar baixinho.)

**Avery Lin:**

Tenho certeza de que aquele mestre do templo Shaolin enxergava muito além... talvez ele já soubesse do seu destino, do caminho que o senhor ainda precisava percorrer.

As revelações e encontros extraordinários que um praticante vivencia em sua busca espiritual sempre despertam grande interesse entre os mais jovens, como eu... Mas a noite já caiu, e o sol está se escondendo atrás da montanha... Eu proponho que a gente pare por aqui hoje — podemos continuar amanhã, tudo bem?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu, mantendo o sorriso sereno nos lábios. Lançou mais um olhar pela janela, contemplando o último brilho alaranjado do dia que ainda repousava sobre o cume distante da montanha... então voltou-se para Avery e disse:)

Está bem, Avery. Você tem razão — já está ficando tarde. Essas histórias são longas, não dá para contá-las todas de uma vez. Vamos encerrar por hoje. Amanhã, se você tiver tempo, continuamos nossa conversa.

(Ele se levantou devagar, alongando os braços suavemente, depois olhou para Avery com um olhar cheio de carinho.)

Fico feliz por poder compartilhar essas memórias com você. Ver como você escuta com atenção, com seriedade... e como suas reflexões são profundas — me faz lembrar de mim mesmo, nos meus primeiros anos de busca espiritual, também com o coração ardente por encontrar o Dao.

Vai descansar agora. À noite, os caminhos da montanha exigem atenção. Vá com cuidado.

# SEGUNDO DIA

---

**Avery Lin:**

Olá, Tio Ma. Voltei para nossa conversa...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma estava sentado à mesa de chá, olhando pela janela, onde os últimos raios de sol da tarde começavam



a se inclinar. Ao ouvir a voz de Avery, ele se virou com um sorriso gentil no rosto.)

Olá, Avery. Entre, sente-se. Acabei de preparar um novo bule de chá.

(Ele fez um gesto convidando Avery a sentar-se na cadeira em frente, e calmamente serviu uma xícara de chá fumegante. O vapor subia leve, trazendo consigo o aroma suave das folhas de chá da montanha.)

Então hoje, retomamos a história de onde paramos ontem.

Trinta anos de peregrinação em busca do Dao... realmente, foi um período longo da minha vida, cheio de altos e baixos, não é mesmo?

Como contei um pouco ontem, essa jornada não foi apenas feita de dias enfrentando fome, doenças e perigos, mas também de momentos em que testemunhei coisas extraordinárias — encontros quase inacreditáveis — e ocasiões em que pensei ter finalmente alcançado o destino, para então perceber que ele ainda estava distante.

(O Tio Ma deu um pequeno gole no chá, o olhar se perdendo novamente ao longe, como se voltasse no tempo àquelas décadas difíceis, mas também cheias de cor e significado.)

**Avery Lin:**

Sim, estou muito ansiosa para ouvir o senhor continuar. Mas, por favor, não se preocupe em seguir uma ordem cronológica. Conte conforme a memória trazer — o que for mais marcante, mais vivo no seu coração, compartilhe primeiro.

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu e assentiu com a cabeça.)

Você tem razão. Trinta anos é muito tempo... há memórias que permanecem vivas, outras que se esvaem como pedaços desconexos. Vou tentar compartilhar o que ficou mais gravado na alma — os momentos decisivos, as experiências que realmente moldaram minha busca pelo Dao. A linha do tempo talvez não siga uma sequência exata, mas seguiremos o fluxo das recordações. O importante é que o fio da jornada continue claro.

(Ele pousou a xícara de chá e olhou para Avery com um olhar encorajador.)

Falando sobre acontecimentos extraordinários que fortaleceram minha fé... um dos mais marcantes foi o dia em que testemunhei com meus próprios olhos um

mestre lama tibetano atingir o estado de *tōhuà* — a dissolução do corpo na luz.

Isso aconteceu cerca de dez anos depois que deixei minha casa. Na época, eu vagava por uma região remota do planalto Qing-Tibetano. A atmosfera naquele lugar era especial: o ar era puro e o silêncio, profundo. As pessoas dali eram extremamente devotas. Um dia, ao chegar a uma pequena vila, ouvi os moradores comentando com reverência que um grande lama, conhecido por sua elevada virtude, estava prestes a falecer. Eles diziam que ele faria uma última preleção do Dharma antes de entrar em meditação final.

Movido pela curiosidade — e por uma profunda vontade de encontrar um verdadeiro cultivador — fui até o local onde ele estava. Quando cheguei, a palestra já havia terminado. O lama era um senhor de idade avançada, com rosto sereno e bondoso. Sentado em posição de lótus sobre uma pedra, ele mantinha uma expressão de total paz interior. Ao redor dele, discípulos e moradores se sentavam em silêncio — o ambiente era de reverência absoluta.

Encontrei um lugar e me sentei também, com o coração em silêncio, esperando talvez uma pequena bênção.

De repente, o mestre, que até então estava de olhos fechados, abriu-os lentamente. Seu olhar era de uma clareza impressionante e se dirigiu diretamente a mim.

Fiquei surpreso — não entendi por que ele olhava justo para mim.

Sem mover os lábios, ouvi dentro da minha mente uma voz calorosa e compassiva dizer:

"A jornada ainda é longa. Permaneça firme."

Fiquei atônito. Antes que pudesse compreender o que estava acontecendo, o lama apenas sorriu com doçura e voltou a fechar os olhos, mergulhando novamente na meditação. Meu coração disparava. Aquelas palavras, curtas, mas intensas, pareciam uma energia viva que dissolvia todas as dúvidas e o cansaço acumulado ao longo dos anos.

Cerca de cinco minutos depois, algo inacreditável aconteceu diante de todos nós. O corpo do mestre começou a emitir uma luz multicolorida — um brilho de cinco cores vibrantes que se espalhava suavemente ao redor. Essa luz foi se intensificando, e aos poucos, seu corpo começou a encolher, diminuindo de tamanho... até que restou apenas uma esfera de luz em forma de arco-íris.

Essa esfera pairou por instantes no ar, cintilante, depois subiu lentamente ao céu azul profundo... e desapareceu. Nenhum corpo, nenhuma relíquia — apenas a luz que restava.

Todos ali ficaram em silêncio absoluto. Em seguida, todos se ajoelharam, em lágrimas.

Eu também me ajoelhei, sem conseguir conter o choro. Pela primeira vez na vida, presenciei uma partida tão transcendental. Não havia mais dúvida em mim: o mundo espiritual é real. Existem Deuses, Budas — seres que transcenderam o comum.

E aquela mensagem que ele me transmitiu, antes de partir: "Permaneça firme" — tornou-se uma âncora na minha alma. Era a prova de que o caminho que eu trilhava, por mais duro que fosse, tinha sentido — e precisava ser continuado com firmeza.

Essa experiência ficou profundamente gravada em meu ser. Foi uma das maiores fontes de força que carreguei nos anos difíceis que viriam.

Sempre que vacilei, sempre que pensei em desistir, me recordava daquela luz — daquela esfera de arco-íris, e da voz sem som: "A jornada ainda é longa. Permaneça firme."

(O Tio Ma parou. Sua voz trazia uma leve emoção. A xícara em suas mãos já estava fria — ele nem percebera.)

**Avery Lin:**

Nossa... que cena comovente... Eu já tinha lido na

internet sobre o fenômeno da “dissolução meditativa”, mas é a primeira vez que ouço alguém contar com detalhes, de forma tão viva...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu suavemente, o olhar ainda carregando a emoção da lembrança.)

Sim, Avery. Há coisas que, quando lidas em livros ou ouvidas de outros, a gente pode até duvidar. Mas quando você testemunha com seus próprios olhos, quando sente com seus próprios sentidos... a fé que isso gera é inabalável.

Também durante aqueles anos vagando pelas montanhas do Himalaia, tive a sorte de presenciar outro acontecimento extraordinário.

Naquela ocasião, eu estava atravessando uma região remota do Nepal — montanhas majestosas por toda parte, nuvens brancas envolviam os picos, o ar era incrivelmente puro.

Antes de chegar ali, eu já havia escutado histórias, de outros peregrinos e até dos locais, sobre um “monge voador” misterioso. Diziam que, de tempos em tempos, alguém o via sobrevoando de um cume ao outro com leveza e graça. Uns diziam que ele era uma encarnação de um Bodhisattva. Outros acreditavam ser um cultivador iluminado, recluso há muitas gerações.

Na época, ouvi, mas não dei muita importância — em

jornadas como a minha, histórias estranhas surgiam o tempo todo.

Até que, numa tarde, enquanto tentava me localizar em um vale solitário, olhei por acaso para uma encosta alta. E lá estava ele: um monge idoso, magro, parado tranquilamente na beira de uma rocha que avançava sobre o vazio.

O que me chamou atenção foi a leveza dele — parecia não estar sujeito ao peso do próprio corpo. Meu coração disparou. Algo dentro de mim dizia que havia algo especial ali.

De repente, ele flexionou levemente os joelhos... e começou a flutuar. Suavemente, como uma folha solta no ar.

Ele não voava rápido, nem em linha reta — simplesmente pairava, deslizando devagar de um pico até outro, cruzando todo o vale profundo abaixo de nós. Seu manto tremulava com o vento, parecendo uma enorme borboleta dourada no céu.

Fiquei ali parado, em completo silêncio, segurando o fôlego, mal acreditando no que via.

A cena durou apenas alguns minutos. Ele pousou suavemente numa outra pedra do lado oposto e, em passos lentos, desapareceu por entre a vegetação.

Só então percebi que estava em choque. Um misto de deslumbramento e reverência tomava conta de mim. Eu sabia — havia acabado de presenciar um fenômeno real, uma habilidade extraordinária que só é possível a cultivadores de altíssimo nível.

As histórias que eu ouvira... já não soavam como lendas.

Não ousei segui-lo. Não quis incomodá-lo. No fundo, sabia que aquele encontro era um presente do destino — não algo para se agarrar, mas algo para se guardar no coração. Ele apareceu como um sopro de mistério, e desapareceu como uma lenda viva, sem deixar rastros.

Momentos assim, mesmo sem trazer um ensinamento direto, têm um valor imenso. Eles me mostravam que os textos antigos — sobre poderes sobrenaturais, sobre a transcendência dos cultivadores — não eram meras metáforas. Eram reais. Essas experiências faziam com que o objetivo que eu buscava — a Verdadeira Lei — se tornasse algo palpável, possível. E me davam forças para seguir em frente, mesmo sabendo que o caminho até lá ainda era longo e cheio de provações.

(O Tio Ma suspirou levemente, depois sorriu para Avery.)

Essas são bênçãos, minha jovem. Mas nem sempre se tem a sorte de testemunhar o extraordinário. Na maior parte do tempo, eu enfrentava a realidade nua e crua: rejeições,



decepções... tantas tentativas em vão de encontrar um verdadeiro mestre ou uma orientação segura no caminho.

**Avery Lin:**

Sim, para nós que praticamos, ouvir falar de alguém levitando ou voando já não causa tanta surpresa. Mas para quem ainda não entrou no caminho da cultivação, quando ouvem falar disso geralmente ficam entre a dúvida e a descrença — mesmo se vissem com os próprios olhos, poderiam pensar que foi ilusão ou algum truque de mágica...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com expressão de concordância.)

Você está certíssima. Para as pessoas comuns, esse tipo de coisa é realmente difícil de aceitar. Acham que é invenção, alucinação ou, no máximo, algum truque muito bem elaborado. Afinal, isso foge completamente aos limites da ciência empírica moderna e vai além das leis físicas que aprenderam.

Mas para quem já começou a trilhar o caminho da cultivação, quem já teve mesmo que seja pequenas experiências com o mundo espiritual, com a energia e a consciência, essas coisas deixam de ser tão estranhas

assim. A gente entende que o universo ainda guarda infinitos mistérios — leis superiores que a humanidade, com sua percepção limitada, ainda não é capaz de alcançar.

Por isso mesmo, encontros assim — mesmo sem me revelar diretamente qual prática seguir — funcionavam como tochas no escuro, alimentando a chama da minha busca. Eles me lembravam de que aquilo que eu procurava era real, valia a pena, e que eu precisava persistir.

E como eu dizia, não eram só maravilhas. Na verdade, a maior parte da minha jornada buscando mestres e ensinamentos foi feita de esperanças seguidas por decepções. Fui a inúmeros grandes templos, a muitos mosteiros taoistas famosos — sempre que ouvia falar de um mestre virtuoso, um monge ou taoista iluminado, eu ia até lá e me oferecia como discípulo com total sinceridade.

Alguns, depois de me ouvirem expor meu desejo, apenas me olhavam longamente e recusavam com gentileza: “Seu destino não está neste lugar, Changxing. O seu caminho é mais longo e mais vasto do que aquilo que este local pode oferecer.”

Outros diziam: “Sinto a sinceridade no seu coração. Mas não tenho virtude suficiente para guiá-lo. Seu verdadeiro mestre ainda está adiante. Continue. Não pare.”

Houve também aqueles que, depois que me prostrei e abri meu coração, ficaram em silêncio por alguns instantes e então disseram: “Continue. Quando sua mente estiver serena, quando o destino estiver maduro, você ouvirá o chamado. Nesse momento, saberá o que fazer.”

Essas recusas delicadas, Avery, no início me deixavam desolado. Eu sentia como se estivesse caminhando sem fim, sem encontrar um abrigo verdadeiro. Mas, refletindo melhor, percebi que por trás dessas negativas havia compaixão — havia orientação. Eles não me rejeitavam por falta de sinceridade. Era porque meu tempo ainda não havia chegado, ou porque aquela prática não era o que eu realmente precisava.

Essas palavras veladas me faziam crer cada vez mais que existia, sim, uma providência especial em curso. Que o Verdadeiro Mestre e o Grande Fa que o mestre do sonho mencionara ainda estavam por vir — esperando o momento certo. E que meu dever era continuar caminhando, continuar me aprimorando, até estar pronto para esse encontro.

Esse sentimento — de decepção misturado a uma tênue esperança — me acompanhou por anos. E foi um teste constante para minha perseverança. Porque se eu não tivesse uma determinação de ferro, se não tivesse uma fé firme naquela promessa inicial... eu teria desistido há muito tempo.

(O Tio Ma fez uma pausa e serviu mais chá para si e para Avery. Seus olhos observavam o fino vapor que subia da xícara, como se enxergassem ali os caminhos, os rostos e os dias que haviam marcado os trinta anos de jornada.)

**Avery Lin:**

Em imagino que essas recusas tenham deixado marcas profundas. O senhor se lembra com mais detalhes de uma ou duas dessas ocasiões? Quando os mestres o recusavam, o senhor chegou a pedir outra chance? Algo como: “Mesmo que eu não possa ser aceito como discípulo, será que poderia ao menos permanecer por um tempo, só para ouvir o senhor ensinar o Dao?”

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu lentamente, como se as lembranças voltassem com nitidez, vivas como se tivessem acontecido ontem.)

Sim, me lembro. Essas recusas ficaram marcadas, porque cada uma trazia uma esperança... e depois, um vazio. E como você imaginou, nem sempre aceitei ir embora de imediato. Com o coração sedento pelo Dao, às vezes tentei insistir.

Lembro de uma vez, numa montanha conhecida da região de Hunan, onde diziam que vivia um mestre taoísta recluso há muitos anos — alguém de grande virtude. Depois de vários dias de busca, consegui encontrá-lo numa cabana muito simples, escondida entre um bosque de bambus. Ele já tinha mais de setenta anos, mas ainda mantinha uma postura vigorosa e um olhar penetrante como estrelas.

Ajoelhei-me, bati a cabeça no chão com sinceridade e contei toda a minha jornada, implorando para ser aceito como discípulo.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, olhando fundo em meus olhos. Aquele olhar parecia enxergar até meu âmago.

Então falou com voz calma: “Vejo sinceridade no seu coração. Mas o destino mestre-discípulo entre nós ainda não está maduro. O caminho que você deve trilhar... não passa por aqui.”

Meu coração afundou. Mas ainda assim, tentei mais uma vez: “Mestre, se não posso ser seu discípulo, peço humildemente que me permita ficar um tempo. Posso

prestar serviços simples, servi-lo. Não peço nada além de poder ouvir suas palavras, mesmo que poucas, sobre o Dao. Isso já seria uma bênção.”

O mestre manteve a serenidade. Balançou a cabeça: “Não tenho muito a te ensinar. O que você precisa aprender, terá que descobrir por si só, através da sua própria experiência. Permanecer aqui pode apenas atrasar seus passos.”

Ele acrescentou uma frase enigmática: “Se a água quer ser pura, precisa fluir. Se o fogo quer brilhar, precisa arder. Siga em frente, não tema as dificuldades.”

Naquele momento, entendi que não havia mais o que insistir. Apesar da tristeza e da decepção, percebi que suas palavras vinham de compaixão. Ele não queria que eu me acomodasse, mas que continuasse minha busca.

Agradei com uma reverência profunda e me afastei em silêncio — com uma nova pergunta queimando dentro de mim: “Então onde está o meu verdadeiro destino?”

Houve outra ocasião, em um antigo templo no Monte Emei, em Sichuan. A paisagem ali era de tirar o fôlego — uma das quatro montanhas sagradas do budismo na China.

Fui recebido pelo abade, um monge imponente, com presença digna e disciplina rigorosa. Expus com sinceridade meu desejo de me ordenar naquele templo. Ele me ouviu com atenção e respondeu: “Vejo que você

tem base e tem sede pelo Dharma. Mas este templo, com seus rituais e sutras diários, não é o lugar onde você encontrará o que realmente procura. O seu Fa não está nos volumes dessas escrituras, nem no som dos sinos e dos cânticos ao amanhecer.”

Também pedi para poder ficar no templo, nem que fosse apenas para fazer serviços gerais — apenas para estar próximo das Três Joias e absorver um pouco da atmosfera do Dharma.

Mas o abade recusou gentilmente: “Seu caminho é como o do vento. Para ver os céus e os oceanos, é preciso ir longe. Aqui, você seria como um pássaro numa gaiola — mesmo bem cuidado, não poderia voar com liberdade. Seu carma precisa ser depurado em meio às provas reais do mundo, não na tranquilidade da recitação de sutras.”

Ele concluiu: “Seu verdadeiro Mestre... possui um Fa extraordinário, capaz de libertar de verdade. Continue buscando. Quando o momento certo chegar, você o encontrará.”

Essas negativas, mesmo sem dar respostas concretas, eram como profecias veladas. Palavras que me davam forças para não perder a esperança.

Elas me fizeram entender que minha jornada talvez fosse uma preparação especial — que, ao encontrar o Verdadeiro Mestre e o Grande Fa, eu estaria

suficientemente moldado para recebê-los com reverência e compreensão.

Cada recusa, por mais dolorosa que fosse, tornou-se um novo degrau. Um teste a mais no caminho.

(O Tio Ma fez uma pausa e levou a mão à testa com leveza. Apesar de serem memórias de frustração, agora ele percebia que nelas havia sabedoria profunda e sinais de um destino sendo cuidadosamente guiado.)

**Avery Lin:**

E durante todos esses anos buscando o Dao, o senhor chegou a encontrar outras pessoas com o mesmo ideal? Digo, outras que também estavam em busca da Lei Verdadeira?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu levemente — um sorriso de quem reconhece em outros a mesma inquietação da própria alma.)

Sim, encontrei, Avery. E muitos. Nessa jornada de milhares de milhas, a solidão era constante — mas, de vez em quando, eu tinha a sorte de cruzar com companheiros de jornada, pessoas com o mesmo anseio no coração, que também buscavam o Dao.



Eles vinham de origens diversas: alguns eram estudantes que deixaram os livros, outros camponeses simples, até mesmo pessoas que tinham posição na sociedade e abandonaram tudo para trilhar o caminho espiritual.

Cada um com sua forma de buscar. Havia os que se dedicavam intensamente ao estudo dos textos clássicos, na esperança de encontrar ali a Verdade. Outros focavam na prática física — meditação, disciplinas rigorosas.

E outros, como eu, que simplesmente vagavam de templo em templo, de monastério a monastério, com a esperança de um dia encontrar o verdadeiro mestre.

Lembro de uma vez, no Sichuan, quando eu seguia rumo ao Tibete, encontrei um homem de aparência sofrida, mas com olhos incrivelmente brilhantes.

Ele praticava uma forma de ascetismo muito extrema: caminhava três passos, depois se prostrava totalmente no chão, tocando a testa no solo. Depois se levantava e repetia. Assim, sem parar, sempre em direção ao Tibete. Diziam que ele havia começado essa prática lá da província de Hubei, atravessando dezenas de cidades.

Num certo meio-dia, descansamos sob uma árvore. Foi a primeira vez que conversamos. Ao ouvi-lo, percebi sua fé inabalável — uma devoção rara.

Ele acreditava que, ao suportar voluntariamente tanto sofrimento, poderia purificar seu carma, comover os

Deuses e Budas, e ser aceito por algum mosteiro sagrado no alto do Tibete.

A dedicação dele me tocou profundamente. Naquele momento, eu também me sentia perdido, sem direção clara. Inspirado, pensei: “Talvez eu também deva tentar. Quem sabe isso seja uma forma de expressar sinceridade, de eliminar o carma.”

Tentei imitar. Três passos, uma prostração. Mas bastou uma curta distância para meu corpo inteiro doer. Foi aí que percebi o quanto aquele homem era realmente extraordinário em determinação.

Depois de muitos dias, chegamos juntos a um grande monastério tibetano.

Meu companheiro, com sua devoção inabalável, foi aceito como discípulo por um lama respeitado. Ele chorava de emoção.

Quanto a mim, quando pedi para ficar e estudar, o mesmo lama olhou-me longamente e respondeu com suavidade:

“O seu coração busca o Dao com sinceridade — isso é admirável. Mas seu carma ainda é pesado. Seu destino não está aqui. Seu caminho ainda segue adiante. Você precisará passar por mais antes de encontrar o verdadeiro mestre.”

Essas palavras caíram sobre mim como uma pedra. Eu também havia me esforçado, também suportado o sofrimento. Por que não fui aceito?

Ver meu companheiro ficando e eu tendo que seguir sozinho novamente foi doloroso.

Mas então lembrei do que o mestre no sonho havia dito: que essa jornada seria longa e difícil — feita para esgotar o carma e provar a perseverança.

Aquela recusa, por mais amarga que fosse, apenas reforçou em mim a ideia de que minha jornada era diferente — talvez especialmente arranjada para mim. Eu precisava continuar.

(O Tio Ma fez uma pausa, deixando os sentimentos se assentarem.)

Encontros como esse, mesmo breves, me davam ânimo. Mostravam que eu não estava sozinho. Que havia muitos outros, como eu, inquietos, buscando algo maior. Compartilhávamos nossas humildes experiências, pequenas percepções ou, às vezes, apenas sentávamos em silêncio, olhando para o horizonte — cada um esperando encontrar, um dia, sua resposta.

Mas essas companhias nunca duravam muito. Cada pessoa tem seu próprio destino, seu próprio caminho. Nos encontrávamos, seguíamos juntos por um trecho... depois nos separávamos, como barquinhos flutuando no vasto oceano — às vezes na mesma corrente, depois

seguindo rumos distintos. Mesmo assim, as lembranças desses encontros, da sinceridade com que buscavam o Dao... isso, eu guardo com carinho até hoje.

**Avery Lin:**

O método de cultivo de “três passos e uma reverência” — já ouvi falar. Até vi uma vez um vídeo no YouTube mostrando alguém fazendo isso. Ainda não tive a oportunidade de presenciar ao vivo, mas mesmo assim, consegui sentir a sinceridade e a devoção dessas pessoas...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, o olhar distante como se revisitando uma memória antiga.)

Sim, é verdade, Avery. Hoje em dia, com a internet, vocês jovens conseguem ver muitas imagens e vídeos de praticantes como esses. Mas no meu tempo, essas informações eram raríssimas. Testemunhar de perto uma fé tão profunda e uma determinação tão férrea tinha um impacto imenso. Mostrava claramente que a fé e a sinceridade podem levar o ser humano a superar limites que antes pareciam impossíveis.

(Ele fez uma pausa breve e depois prosseguiu, num tom mais grave, como querendo dividir uma perspectiva mais profunda da jornada.)

Esses encontros especiais, essas “coincidências”, ou os momentos de cruzamento com outros buscadores como eu — são como pontos de luz ao longo do caminho, momentos em que a energia parece se renovar. Mas, como já mencionei, a maior parte do tempo foi marcada pela solidão. Foi uma jornada de enfrentar os desafios sozinho — e, o mais importante, de aprender e compreender por mim mesmo.

Eu nunca tive um mestre fixo que me guiasse com método. Minha aprendizagem vinha de muitas fontes. O *Dao De Jing* que meu avô me deu sempre foi meu companheiro inseparável. Cada vez que eu passava por alguma provação, uma dor, ou testemunhava algo comovente, eu voltava a esse livro — e, frequentemente, compreendia ali um novo sentido, uma camada mais profunda de sabedoria que antes me escapava.

Também ouvia, aqui e ali, ensinamentos soltos de monges, taoístas e praticantes que cruzavam meu caminho. Cada um com sua escola, sua maneira de ver o mundo. Às vezes bastava uma frase, uma observação, que agia como uma chave, abrindo uma nova porta de entendimento. Eu absorvia tudo e depois passava muito tempo refletindo sozinho.

Até mesmo os camponeses humildes que conheci — aqueles com pés descalços e mãos calejadas — e os artesãos simples... às vezes, nas histórias do cotidiano que eles compartilhavam, eu aprendia lições preciosas sobre a vida, sobre paciência, sobre compaixão. A sabedoria, muitas vezes, não está nas palavras eruditas, mas na verdade e simplicidade da existência.

E a própria natureza, Avery. As montanhas majestosas, os rios caudalosos, as florestas sem fim... ou mesmo uma florzinha solitária na beira da estrada. Tudo isso eram mestres silenciosos. Ao observar o fluxo das estações, o ciclo da vida e da morte, o renascimento das coisas, fui começando a entender a impermanência, a harmonia sutil do universo.

Mas talvez os ensinamentos mais profundos tenham vindo das provações. A fome, o frio, as doenças, o desprezo, a solidão... tudo isso foi moldando minha mente, refinando meu coração. Foram essas dores que me ajudaram a enxergar com mais clareza meus próprios apegos, meus desejos, minhas vaidades. E, pouco a pouco, fui aprendendo a soltá-los. Cada vez que superava uma dificuldade, sentia-me um pouco mais leve, como se meu espírito tivesse ficado mais claro.

(O Tio Ma olhou nos olhos de Avery, com uma expressão firme e serena.)

Esse caminho de aprendizado solitário é árduo, Avery. Não há ninguém para segurar sua mão ou mostrar cada passo. Mas talvez justamente por isso ele seja tão valioso. Pois, nesse processo de errar, cair e levantar, tudo o que você aprende, tudo o que você compreende, torna-se parte viva de você. Não é um conhecimento emprestado — é uma realização verdadeira, adquirida através da experiência direta.

**Avery Lin:**

Sim, ouvindo o que o senhor contou, eu consigo sentir um pouco disso, mas para um jovem como eu, a maior parte do que aprendemos vem dos livros, ainda não temos experiências profundas da vida real... Durante o tempo em que buscava o Fa, além do Taoísmo e do Budismo, o senhor teve contato com outras escolas? Por exemplo, com aquelas “escolas do Caminho Secreto” mencionadas pelo Mestre em *Zhuan Falun*?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu levemente, um sorriso com um certo significado implícito.)

Você está falando das “escolas do Caminho Secreto”? De fato, durante esses trinta anos de andanças, nem sempre procurei apenas templos budistas ou taoistas tradicionais.

Com o coração ansioso por encontrar o Verdadeiro Fa, também me senti curioso e explorei muitos caminhos diferentes, muitas escolas que pareciam misteriosas e elevadas, pouco conhecidas pelo público.

(A voz dele tornou-se mais grave, o olhar refletia cautela.)

Durante essa jornada, houve uma fase em que eu quase me desviei do caminho, Avery. Foi uma lição profunda que me fez perceber o quão complexo e perigoso pode ser o cultivo sem a orientação do Fa reto e sem distinguir claramente o reto do desviado.

Isso aconteceu depois de mais de vinte anos de jornada. Já tinha visto e ouvido muitas coisas estranhas. Certa vez, ouvi dizer que, em uma região montanhosa isolada do sul, havia um "mestre" com aparência muito nobre, que ensinava uma prática supostamente capaz de abrir poderes sobrenaturais rapidamente. Movido pela curiosidade e pela impaciência de encontrar um atalho, fui procurá-lo.

Esse "mestre" realmente tinha uma aparência impressionante, falava com eloquência e usava muitos termos esotéricos e impressionantes. Ele falava sobre o universo, energias e reinos invisíveis. No início, ao seguir seus exercícios e métodos de respiração, senti algumas reações no corpo. Pensei: talvez tenha finalmente encontrado o caminho certo.



Mas com o tempo, percebi muitas coisas estranhas. Seus ensinamentos, embora parecessem profundos, careciam de compaixão verdadeira, de princípios retos. Ele insistia em buscar poderes, benefícios pessoais e até controlar os outros, ao invés de ensinar a cultivar o coração, abandonar os apegos. Suas exigências ficavam cada vez mais estranhas e até contrárias à moralidade básica.

O ápice foi quando eu meditava conforme o que ele ensinou, tentando "abrir algo" como ele dizia. De repente, vi cenas aterrorizantes diante dos olhos. Não eram reinos luminosos ou Budas majestosos como eu imaginava, mas uma escuridão opressiva me envolveu. Seres deformados e sinistros apareceram – parecia um lugar infernal, com gritos e disputas horrendas.

Fiquei completamente apavorado, tremendo. Uma sensação terrível tomou conta de mim. Parei imediatamente, saí daquele estado com o coração disparado e suor escorrendo pelo corpo.

Naquele momento, despertei. Percebi que havia tomado o caminho errado. Aquela prática, embora parecesse misteriosa, era cheia de elementos malignos, não era o Fa Reto. Se continuasse por ali, não apenas não alcançaria a salvação, como criaria carma e se tornaria vítima de espíritos baixos.

Na manhã seguinte, fui embora imediatamente, sem sequer me despedir. Com medo e arrependimento, jurei a mim mesmo que seria muito mais cauteloso. Compreendi que cultivar não é brincadeira – não se deve julgar uma prática só por palavras bonitas ou aparência. É preciso sentir com o coração e comparar com os princípios fundamentais de benevolência e retidão. Se uma prática contradiz esses princípios, por mais promessas grandiosas que faça, não pode ser o verdadeiro Fa.

Essa experiência, embora dolorosa, foi extremamente valiosa. Me deu discernimento e clareza para o restante da jornada. E mais ainda: intensificou o meu desejo ardente de encontrar um Mestre verdadeiro, e um Grande Fa autêntico.

(O Tio Ma soltou um suspiro longo, como se tivesse aliviado um peso ao compartilhar essa lembrança nada agradável.)

### **Avery Lin:**

Ouvindo o senhor contar até aqui, de repente me lembrei de um ensinamento do budismo: “Difícil é obter o corpo humano, nascer na Terra Central, ouvir o Fa reto”...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu levemente, com uma expressão meditativa e profundamente concordante.)

É verdade, Avery. “Difícil é obter o corpo humano, nascer na Terra Central, ouvir o Fa reto, encontrar um Mestre iluminado.” (人身難得，中土難生，正法難求，明師難遇。) Os ensinamentos de Buda não estão errados. Cada uma dessas coisas é extremamente preciosa e rara.

Ter um corpo humano pode parecer algo comum, mas segundo os sutras, para renascer como ser humano, com todos os sentidos plenos para aprender e cultivar, é necessário passar por incontáveis karmas e causas.

E nascer na “Terra Central” — um lugar onde existe uma cultura divina, onde os santos desceram ao mundo e deixaram escrituras e caminhos de cultivo — isso já é uma grande bênção.

Mas mesmo tendo o corpo humano e nascido num lugar com cultura de cultivo, conseguir ouvir o Fa reto e encontrar um Mestre verdadeiro para nos guiar é ainda mais difícil. É como procurar uma agulha no fundo do oceano.

Aquela vez em que quase segui um caminho perverso foi uma lição profunda sobre o que significa “difícil é ouvir o Fa reto”. Por fora, os caminhos desviados também

podem se disfarçar com belas palavras, com discursos que parecem profundos, e até causar sensações no início para atrair seguidores. Se a pessoa não estiver lúcida, se não tiver um coração verdadeiramente puro em busca do Dao, é muito fácil ser seduzido e enganado sem perceber.

Durante os trinta anos de busca incessante, encontrei inúmeros que se diziam mestres, gurus. Alguns até tinham certo nível de habilidade ou conhecimento, mas seus ensinamentos não eram o Fa reto, ou então não se alinhavam com meu nível de entendimento ou destino. E havia aqueles que eram meros charlatões, explorando a fé das pessoas para obter lucros. Distinguir o verdadeiro do falso, o reto do desviado, realmente não é tarefa fácil — especialmente para alguém sozinho como eu, sem ninguém para orientar.

E justamente por causa dessa dificuldade que, mais tarde, quando tive a fortuna de encontrar o Grande Fa verdadeiro, passei a valorizá-lo profundamente. Não é algo fácil de obter. É o fruto de uma longa jornada de busca, de muito suor, lágrimas, até mesmo sangue. É a compaixão infinita dos Céus por não abandonar um pecador que deseja sinceramente se redimir.

Aquela experiência de “quase seguir o caminho perverso”, apesar de perigosa, foi como uma dose de vacina: ela me deu resistência, me tornou mais perspicaz para discernir. Ela também fortaleceu ainda mais meu

desejo de encontrar o Fa reto e me tornou mais firme. Mesmo tropeçando, mesmo enfrentando frustrações, a chama da busca nunca se apagou.

(O Tio Ma olhou para Avery com um olhar cheio de vivência e uma fé inabalável.)

Por isso, se vocês, jovens de hoje, tiverem a sorte de encontrar o Fa reto e um Mestre iluminado para guiá-los, valorizem isso. É uma bênção imensurável que poucos no mundo têm a oportunidade de receber. Não deixem que as tentações ou as dificuldades momentâneas abalem a sua determinação. O caminho do verdadeiro cultivo pode não estar coberto de flores, mas é o único caminho que realmente nos leva de volta ao nosso verdadeiro lar.

### **Avery Lin:**

Ouvindo a história do senhor, olho para mim mesmo e percebo que obtive o Grande Fa com muita facilidade, sem ter passado por nenhum sofrimento ou tribulação. Talvez tenha sido apenas por causa da predestinação e de um pouco de iluminação que consegui obter o Dafa de maneira tão simples...

Pensar em sair sozinho pelo mundo em busca do Fa... sinceramente, se fosse comigo, eu nem teria coragem de imaginar. Tantas dificuldades, tantas provações e ainda por cima ter que viver sozinho por toda a jornada...

Durante todos esses anos, o senhor já encontrou praticantes solitários, cultivando nas profundezas das montanhas e florestas?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu com doçura, um sorriso que expressava compreensão diante dos pensamentos de Avery.)

O que você disse faz sentido, sim. Cada pessoa tem seu destino, um caminho diferente que lhe foi arranjado. Há aqueles que precisam passar por inúmeros sofrimentos para encontrar o Fa, enquanto outros o obtêm com mais facilidade, quando o momento já está maduro. O mais importante não é se o caminho até o Fa foi fácil ou difícil, mas se, depois de obtê-lo, a pessoa sabe valorizá-lo e se realmente se dedica com o coração à prática. Seu destino, provavelmente, foi semeado ao longo de muitas vidas passadas, e por isso, nesta vida, tudo correu com mais fluidez.

Quanto aos cultivadores solitários nas montanhas profundas, durante esses trinta anos de andanças, eu sim os encontrei, ouvi falar deles e pude sentir sua presença.

(O Tio Ma assentiu levemente, com os olhos fitando o vazio, como se estivesse revivendo uma cena do passado.)

Lembro-me de uma vez, quando passava por uma região montanhosa e remota no sudoeste da China, um lugar de florestas densas e perigos naturais, quase intocado pelo homem. Os moradores locais comentavam que havia monges reclusos nas profundezas da montanha, com níveis elevados de prática, mas que quase nunca apareciam. Movido pela curiosidade e esperança, resolvi arriscar e entrar sozinho floresta adentro.

Depois de vários dias atravessando a mata e cruzando riachos, finalmente encontrei uma caverna relativamente ampla, cuja entrada estava quase toda coberta por cipós. Lá dentro, o ar era úmido e sombrio, mas havia uma calma impressionante. Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, vi algo que me deixou pasmo.

No centro da caverna, sobre uma pedra plana, havia uma pessoa em meditação. Não sei há quanto tempo ele estava ali. Suas roupas estavam velhas e cobertas de poeira, como se tivessem enfrentado incontáveis chuvas e sol. Seu cabelo e barba estavam longos e completamente brancos, parecendo um velho de mais de setenta anos. Mas estranhamente, a pele do rosto e das mãos era lisa e rosada, sem nenhuma ruga — como a de um homem de trinta e poucos anos. E parecia que ele

não respirava. O peito não se movia, nem havia sinal de ar saindo pelo nariz. Parecia uma estátua — ou talvez um cadáver mumificado.

Fiquei parado, com o coração disparado, entre o espanto e um leve temor. Não tive coragem de me aproximar, apenas observei de longe. Um dia, dois dias, três dias se passaram e ele permanecia imóvel, em completo silêncio. Comecei a me perguntar: será que ele ainda está vivo? Que método ele pratica para alcançar tamanha profundidade na meditação?

No quarto dia, a curiosidade tomou conta de mim. Pensei em me aproximar para verificar se havia pulso. Mas assim que tive esse pensamento, antes mesmo de dar um passo, uma voz profunda e clara soou dentro da minha mente: “Não me incomode!”

Levei um susto. Olhei fixamente para ele. Seus lábios permaneciam cerrados, os olhos ainda fechados, sem qualquer indício de ter falado. Mas aquela voz... eu a ouvi claramente, como se tivesse sido transmitida direto ao meu coração. Um sentimento de reverência misturado com vergonha tomou conta de mim. Percebi que meu pensamento fora impróprio e que havia perturbado a meditação daquele ser.

Imediatamente juntei as mãos e curvei-me profundamente várias vezes, pedindo desculpas em



silêncio. Depois, retirei-me da caverna, sem ousar olhar para trás.

Ao sair daquela caverna, minha mente estava tomada de pensamentos. Percebi que o mundo contém mistérios que ainda não compreendemos. Existem métodos de cultivo e níveis de realização que desafiam qualquer compreensão comum. Aquele episódio reforçou minha convicção de que, apesar das dificuldades, o caminho que eu seguia não era em vão. Em algum lugar, existem mestres iluminados e o Fa genuíno aguardando por mim. Talvez meu destino ainda não estivesse maduro, minha prática ainda não fosse suficiente.

(O Tio Ma fez uma breve pausa e continuou.)

Fora casos extraordinários como esse, em outras ocasiões, ao passar por regiões montanhosas extremamente remotas, vi indícios da presença de praticantes. Às vezes era uma pequena cabana feita de folhas à beira de uma encosta. Dentro, não havia nada além de uma esteira gasta e alguns objetos simples. O dono provavelmente estava em retiro na floresta ou em meditação profunda. Mesmo sem vê-lo, só de observar aquele espaço, dava para sentir uma força de vontade extraordinária.

Esses praticantes solitários escolheram um caminho muito diferente. Eles não buscam reconhecimento, nem desejam que os outros saibam de sua existência. Apenas

permanecem em silêncio, enfrentando a si mesmos, à natureza e às provações internas com uma determinação inabalável. Esse caminho exige uma fé enorme em seu método e uma paciência gigantesca.

Acredito que cada um tem seu jeito de cultivar, seu destino. Alguns praticam no meio da vida mundana; outros escolhem as montanhas para se isolar. Nenhum caminho é fácil. O que importa é se o coração daquele que cultiva está realmente voltado à libertação. Ao ver esses praticantes, percebi ainda mais a vastidão do universo do cultivo e passei a valorizar profundamente a oportunidade de encontrar o Fa reto mais tarde — um caminho que permite à pessoa alcançar a perfeição mesmo vivendo no mundo comum, sem precisar se afastar da sociedade.

(O Tio Ma fez uma pausa e tomou um gole de chá. A história dos praticantes solitários parecia abrir um outro mundo, um universo oculto em meio às montanhas que cercavam aquela pequena casa.)

### **Avery Lin:**

Talvez essas pessoas estivessem praticando algum método de "reclusão silenciosa", ou algum tipo de prática solitária esotérica...

Voltando ao seu caminho, embora o senhor não tenha sido aceito formalmente como discípulo por nenhum "Mestre iluminado", com certeza, através dos textos clássicos e das experiências reais, o senhor deve ter compreendido muitas coisas valiosas... E sobre o *Dao De Jing* que seu avô lhe deu e que o senhor sempre levou consigo — ao longo dos anos, o senhor conseguiu perceber muitos significados mais profundos?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, seus olhos brilharam de respeito ao mencionar o *Dao De Jing*.)

Você está certo. Embora eu não tenha sido aceito como discípulo por nenhum mestre que me instrísse de maneira formal, essa jornada de trinta anos, cheia de experiências, com o acompanhamento dos textos clássicos — especialmente o *Dao De Jing* — me permitiu gradualmente compreender muitas verdades. Pode-se dizer que as provações, as oportunidades únicas e até os enganos que quase cometi foram todas lições, todos mestres no meu caminho.

E o *Dao De Jing* do meu avô... ele não foi apenas uma lembrança de família. Tornou-se meu confidente, uma lanterna que iluminou minha longa jornada. No começo, como já contei, eu o lia sem entender nada. Mas com o passar do tempo e diante das mudanças da vida errante,

cada vez que eu o abria, aquelas palavras ganhavam um novo brilho, uma nova camada de sentido se revelava.

(O Tio Ma fez uma pausa, como se rememorasse seu processo de aprendizado.)

Lembro-me de uma vez, quando estava passando pela região de Kunlun. Já haviam se passado quase dois anos de peregrinação pelas encostas íngremes da montanha sem nenhum encontro significativo. Certo dia, exausto, encontrei um pequeno e antigo templo taoísta perto do cume de uma montanha e pedi abrigo. Estava tão esgotado que dormi por um dia e uma noite, profundamente. E nesse sono profundo, tive um sonho muito estranho. Eu me vi em meio a um espaço vasto, nuvens brancas flutuando ao redor. Então apareceu Laozi — cabelos e barba brancos como neve, segurando um bastão de bambu, com um ar sereno e imperturbável.

Ele me olhou e sorriu com gentileza. Depois falou calmamente, mas cada palavra parecia gravar-se profundamente em minha mente: “Muito bem. Mas, se quer compreender meu livro, deve primeiro colocar-se no contexto de dois mil e quinhentos anos atrás para entender o significado original das palavras daquela época.” Ao terminar, sua imagem foi desaparecendo lentamente até sumir.

Quando acordei, o sol já estava alto. Aquelas palavras ainda ecoavam em minha mente. De repente entendi algo. Durante todo esse tempo, eu estava lendo o *Dao De Jing* usando os significados modernos das palavras. Mas a linguagem muda muito com o tempo. Se eu não entendesse o “sentido original” daquelas palavras, como poderia compreender verdadeiramente os ensinamentos profundos de Laozi?

Acredito que aquele sonho foi uma revelação. Desde então, eu nunca mais li o *Dao De Jing* superficialmente. Passei a buscar explicações antigas, estudar o contexto histórico e cultural do período das Primaveras e Outonos, para tentar entender como as pessoas da época usavam certas palavras e o que realmente queriam dizer.

Isso representou um divisor de águas na minha jornada com o *Dao De Jing*. Gradualmente, senti que começava a tocar o “fio oculto” do texto. Aquilo que antes era obscuro passou a se tornar muito mais claro.

Por exemplo, a frase inicial: “Dao ke dao, fei chang dao; ming ke ming, fei chang ming.” (道可道，非常道。名可名，非常名。) Antes de receber essa revelação, como muitos hoje em dia, eu entendia erroneamente o termo “fei chang” (非常) como “extraordinário”, “incrível”, “excepcional”. Então interpretava a frase como: “O Dao que pode ser falado é o Dao grandioso e extraordinário; o nome que pode ser nomeado é um nome especial e não

comum.” Parecia bonito e imponente, mas estava completamente fora da verdadeira intenção de Laozi.

Depois de estudar o significado original, compreendi que o caractere “fei” ( 非 ) significa “não é”, “não é propriamente”. Assim, “fei chang dao” ( 非常道 ) quer dizer “não é o Dao eterno, imutável, supremo”. Ou seja, o Dao que pode ser descrito com palavras, que é “dao-ke” (pode ser falado), não é o Dao verdadeiro, eterno — a essência do universo. O verdadeiro Dao é sem forma, sem imagem, e não pode ser capturado por palavras humanas. Quando tentamos “explicá-lo”, já o limitamos, transformando-o em conceito, doutrina — e ele já não é mais o *Chang Dao* (常道), o Dao eterno. Da mesma forma, “ming ke ming, fei chang ming” significa que o nome que pode ser dito não é o verdadeiro nome eterno das coisas. Os nomes são apenas convenções. A verdadeira natureza das coisas transcende qualquer denominação.

Essa compreensão me ajudou a desapegar de nomes, formas, expressões pomposas. Entendi que a Verdade não está em saber muitos livros ou repetir termos elevados, mas em sentir o Dao no sopro do ar, nos fenômenos da vida. Também passei a ser mais cauteloso ao ouvir interpretações “impressionantes”, mas que se desviam do sentido original e simples.

Outro exemplo: “A mais elevada virtude é como a água.” A água beneficia tudo sem disputar, permanece nos

lugares mais baixos que ninguém deseja. Isso me ensinou sobre humildade, paciência, o valor de servir em silêncio sem esperar recompensas. Nos tempos em que fui rejeitado e desprezado pelas pessoas, foram essas palavras que me ajudaram a manter um coração sereno, sem rancor.

E assim, capítulo após capítulo, verso após verso do *Dao De Jing*, com cada experiência que vivia, ele se revelava mais profundo. Não era apenas um livro para ler, mas um espelho para refletir, um mestre para consultar e aprender.

(O Tio Ma olhou para fora da janela. A luz do entardecer já havia suavizado. Seu rosto refletia a paz de alguém que encontrou sabedoria em meio às adversidades.)

### **Avery Lin:**

Oh! Ouvindo a explicação do senhor sobre a frase “*Dao ke dao, fei chang dao; Ming ke ming, fei chang ming*”, agora eu entendo melhor a intenção de Laozi... E com isso, consigo compreender com mais facilidade a frase seguinte: “*Wu ming, tian di zhi shi; you ming, wan wu zhi mu*”...

### **Ma Changsheng:**

Exatamente, meu caro. Quando já se compreende corretamente o significado de “fei chang Dao” e “fei chang Ming” da primeira linha, então a segunda linha — “Wu ming, tian di zhi shi; You ming, wan wu zhi mu” — se torna naturalmente mais clara.

Quando o “Dao eterno” ainda não tinha nome, ainda não havia sido limitado por um “ming” (nome), esse estado era o “wu ming” — o começo do Céu e da Terra (tian di zhi shi). Naquele momento, tudo ainda era indistinto, não havia separações, formas ou denominações. Era a essência primordial e pura.

A partir do momento em que os seres humanos começaram a perceber, distinguir e nomear as coisas — esta montanha, aquele rio, esta árvore, aquele animal — surgiu o estado de “you ming” (com nome). E esse “you ming” se tornou “a mãe de todas as coisas” (wan wu zhi mu). Pois a partir do nomear e diferenciar, os seres passaram a ser concebidos com clareza no mundo da consciência humana, e foi aí que surgiu a diversidade que percebemos. Cada nome equivale a um “nascimento” de algo no nosso universo perceptivo.

Compreender isso fez com que eu visse a sutileza com que Laozi empregava as palavras. “Wu” e “You” não são opostos absolutos, mas sim dois estados, dois aspectos de uma mesma realidade. Do “wu ming” do Dao nasce o



“you ming” das dez mil coisas. O “Wu” é a substância; o “You”, sua manifestação.

Isso também me ajudou a entender a importância de manter a mente “wu yu” — sem desejos, em serenidade. Porque somente quando a mente não está obscurecida por desejos, preconceitos e nomes que nós mesmos criamos, é que conseguimos “observar o mistério” — ou seja, enxergar o aspecto mais essencial do Dao, da realidade. Mas quando a mente está cheia de “desejos”, cheia de conceitos e nomes, só conseguimos “observar as manifestações” — ou seja, ver apenas o exterior, o limitado, a casca das coisas.

(Pausa breve. O tom da voz de O Tio Ma se torna mais contemplativo.)

Compreender isso através do Dao De Jing não só ampliou minha visão filosófica, mas influenciou diretamente o modo como passei a enxergar a vida, a forma como lidei com os sofrimentos ao longo do caminho de cultivo. Aprendi a abrir mão de alguns dos “nomes” que o mundo me atribuiu — mendigo, fracassado, supersticioso... — e a tentar enxergar a essência das coisas, em vez de apenas reagir às aparências.

E sabe, meu caro, esse entendimento sobre “wu ming” e “you ming” mais tarde, quando tive a sorte de acessar os

textos budistas, me fez perceber algumas conexões interessantes com conceitos como “natureza do vazio” ou “não-eu”. Embora a linguagem seja diferente, a intenção de apontar para uma realidade que transcende todos os nomes e aparências dualistas parece convergir. Isso só reforçou em mim a certeza de que a Verdade é única, mas pode se expressar por múltiplos caminhos, por diferentes linguagens.

(O Tio Ma sorriu — um sorriso de quem encontrou os fios invisíveis que unem as grandes correntes do pensamento.)

### **Avery Lin:**

Ouvir o que o tio compartilhou me fez entender a importância de se colocar no contexto e na perspectiva do autor para compreender o sentido original das palavras — só assim é possível captar os princípios elevados por trás das escrituras...

Mas a história gira como uma roda — e muitas palavras, embora pareçam iguais na forma, já mudaram completamente de significado. Algumas até viraram 180 graus... Isso torna a leitura dos textos antigos algo extremamente difícil.

O tio também acha assim? Com sua experiência, o tio percebeu muitas palavras cujo sentido original se perdeu?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu, com uma expressão séria e reflexiva.)

Você tem toda razão. Esse é, de fato, um dos maiores desafios para nós — pessoas dos tempos modernos — quando buscamos compreender e absorver as escrituras antigas, os ensinamentos deixados pelos grandes sábios do passado. O tempo passa, a cultura muda, a sociedade se transforma... e os significados das palavras acompanham essa mudança — muitos se “perdem”, se distorcem, ou até mesmo passam a ser compreendidos de forma completamente oposta ao sentido original.

Como você disse, a aparência das palavras pode continuar a mesma, mas o espírito, a essência nelas contida, já mudou bastante. Sem cautela, sem uma investigação séria do contexto em que essas palavras foram escritas, corremos o risco de interpretar mal — ou pior — de trair completamente a intenção original dos antigos.

Minha experiência com o Dao De Jing é um exemplo claro disso. Se eu não tivesse recebido aquela “inspiração” em sonho, talvez eu ainda estivesse preso às interpretações modernas e superficiais, aquelas que soam

bonitas, mas que estão bem distantes do verdadeiro sentido que Laozi queria transmitir.

E não é só com o Dao De Jing, viu, Avery. Ao estudar os textos do Budismo, ou mesmo os clássicos do Confucionismo, percebi o mesmo fenômeno. Há termos que hoje em dia usamos com conotações totalmente diferentes — até negativas — mas que na época antiga carregavam significados nobres e profundos.

(O Tio Ma parou por um instante, como se algo tivesse lhe ocorrido de repente.)

Ah, falando sobre a mudança de significado, me lembrei da palavra “jianghu” (江湖). Hoje em dia, quando se fala em “jianghu”, logo se pensa em marginais, bandidos, grupos de criminosos, histórias de violência, vingança... um mundo obscuro e perigoso.

Mas se voltarmos aos textos antigos e buscarmos o sentido original desse termo, descobriremos algo muito diferente — até poético. Durante minhas investigações, descobri uma origem bem interessante que poucos hoje conhecem. Dizem que, na antiguidade, nas regiões de Jiangsu e Hubei, viviam dois mestres muito respeitados e virtuosos. Muitas pessoas que buscavam o Caminho, ávidas por conhecimento verdadeiro, viajavam longas distâncias até essas terras para encontrá-los. Com o tempo, passou-se a chamar esses buscadores sinceros de

“pessoas do jianghu” — ou seja, aqueles que se dirigiam a Jiang (Jiangsu) e Hu (Hubei) em busca do Dao. Nesse contexto, “jianghu” simbolizava uma comunidade de buscadores espirituais.

Há também um outro sentido, mais simbólico, vindo da própria natureza. “Jiang” significa rio, “hu” significa lago. No início, “jianghu” referia-se simplesmente às vastas regiões de rios e lagos — lugares abertos, livres das amarras da corte, das burocracias dos centros urbanos, e dos rituais rígidos das cidades. Eram terras onde os espíritos livres — aqueles que não se sujeitavam à fama nem ao lucro — podiam viver em paz e liberdade.

No clássico taoísta Zhuangzi, há um trecho belíssimo que fala de dois peixes. Quando a água do riacho secou, eles se deitaram no chão, molhando um ao outro com a própria saliva para tentar sobreviver. Zhuangzi comenta que, embora esse gesto de auxílio mútuo fosse bonito, ele não se comparava à liberdade de “se esquecer um do outro no jianghu” (不如相忘於江湖). Aqui, “jianghu” simboliza a liberdade absoluta — um espaço onde cada ser pode retornar à sua verdadeira natureza, sem dependência, sem sofrimento.

Ou seja, “jianghu” no passado era uma ideia bela e elevada: representava tanto os buscadores sinceros do Dao quanto o espaço de liberdade para os corações desapegados. Era o refúgio dos sábios reclusos, dos

praticantes espirituais que vagavam pelo mundo, dos heróis que agiam com justiça e honra. Era o seu lar espiritual — onde podiam viver conforme seus ideais mais elevados.

No entanto, com o passar dos séculos, esses sentidos nobres foram sendo esquecidos. A palavra “jianghu” foi sendo cada vez mais associada aos lados obscuros da sociedade. Quando o espírito do Caminho se perde, quando o ideal de busca e de liberdade é trocado por um estilo de vida marginal, distorcido... a linguagem acompanha essa degradação.

Esse é só um exemplo, mas mostra como as palavras podem mudar profundamente. Há muitos outros termos nos textos antigos que, se não forem investigados com cuidado, nos levam a mal-entendidos — ou até à distorção completa do que os sábios quiseram ensinar. Isso nos impede de absorver a essência de seus ensinamentos e, pior ainda, pode nos desviar no próprio cultivo espiritual.

Por isso, estudar seriamente, com diligência, buscar fontes confiáveis, especialmente os comentários dos mestres do passado, é algo indispensável. Somente assim conseguimos separar o que é turvo do que é puro — e reencontrar o “som verdadeiro” dessas palavras sagradas.

(O Tio Ma soltou um leve suspiro — não de cansaço, mas de reverência à transformação das palavras e à dificuldade de se reencontrar com a origem.)

**Avery Lin:**

Nossa! Agora entendo que o sentido original da palavra “jianghu” era muito mais belo do que eu imaginava. Isso me faz perceber que, se não compreendermos o contexto antigo, não só os textos sagrados, mas até mesmo obras clássicas como *Jornada ao Oeste*, serão como “pérolas jogadas aos porcos” — o leitor moderno dificilmente conseguirá captar as intenções mais profundas do autor, não é, tio?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com o olhar brilhando de aprovação.)

Você está certíssimo. Isso não se aplica apenas aos textos espirituais, mas também à poesia clássica, às fábulas e às grandes obras literárias da antiguidade. Se não entendermos o contexto histórico, os códigos culturais, os símbolos ocultos que o autor quis transmitir por meio de cada palavra e imagem, ficamos apenas na superfície. É como se víssemos apenas a casca, sem alcançar a essência, a alma do que foi escrito.

As grandes obras dos antigos não foram escritas apenas para entreter. Muitas vezes, elas escondem camadas profundas de significado, lições sobre a vida, a moral e até mesmo revelações celestiais. Mas para decifrar esses níveis, o leitor precisa ter uma compreensão sólida da cultura, da história, e dos clássicos que embasam essas referências.

(O Tio Ma fez uma breve pausa, como para introduzir um exemplo concreto.)

Pegue, por exemplo, a obra *Jornada ao Oeste* — um clássico que quase todo mundo conhece e adora. À primeira vista, é apenas a história de uma viagem épica: quatro personagens enfrentam oitenta e uma provações para buscar escrituras sagradas no Ocidente. Mas parar por aí seria ver apenas a ponta do iceberg.

Você se lembra da parte em que Sun Wukong (o Rei Macaco) é aprisionado sob a Montanha das Cinco Elementos? Para um leitor comum, pode parecer apenas um castigo para um macaco travesso que causou confusão nos céus. Mas essa cena carrega um simbolismo profundo.

A Montanha dos Cinco Elementos — ouro, madeira, água, fogo e terra — representa os cinco componentes fundamentais que formam tudo no mundo, incluindo o corpo humano e os seres vivos em geral. O fato de



Wukong ficar aprisionado ali por quinhentos anos é uma metáfora poderosa: todos os seres dentro dos Três Reinos estão, de certa forma, presos às leis da matéria, aos ciclos da existência. Somos aprisionados pelo nascimento, envelhecimento, doença e morte — e não conseguimos escapar sozinhos desse sistema.

Wukong, com seus incríveis poderes, suas 72 transformações e sua nuvem voadora que percorre 108 mil li num instante, simboliza o desejo ardente do ser por liberdade. Mas mesmo com tudo isso, enquanto ele ainda pertencia aos Três Reinos e estava sob influência dos Cinco Elementos, nem mesmo ele podia sair “da palma do Buda” — ou seja, não podia transcender as leis universais sem o cultivo verdadeiro e a orientação do Caminho correto.

Os quinhentos anos sob a montanha simbolizam as incontáveis reencarnações que os seres vivenciam, enfrentando sofrimento, sendo refinados pelas adversidades, e eliminando carma e traços negativos — tudo isso como preparação para, um dia, receberem a chance de encontrar o verdadeiro Caminho e iniciar o cultivo espiritual.

Depois temos os quatro peregrinos. Cada um representa uma faceta da mente humana, e juntos formam um quadro completo do processo de cultivo. Tang Sanzang, o monge, pode parecer frágil, facilmente enganado pelos

demônios, mas tem um coração compassivo e uma fé inabalável no Buda — esse é o fundamento do cultivador. Sun Wukong, embora poderoso, é impulsivo e precisa ser contido pelo aro de ouro — símbolo da disciplina e das leis do Fa. Zhu Bajie é preguiçoso, comilão e lascivo — representa os desejos carnavais do homem. Sha Wujing é o trabalhador incansável, paciente, que carrega a bagagem — simbolizando a perseverança no cultivo.

Esses quatro, na verdade, são partes da psique de qualquer pessoa no Caminho. A jornada deles não é apenas uma viagem por terras distantes, mas uma metáfora para o cultivo interno, o aperfeiçoamento do caráter. Cada prova que enfrentam serve para expor apegos e impurezas que precisam ser eliminados, ajudando-os a se elevar espiritualmente.

Se não entendermos esses significados simbólicos, veremos *Jornada ao Oeste* apenas como um conto fantástico, e perderemos lições valiosas sobre o cultivo espiritual e o sofrimento cíclico dos seres nos Três Reinos — mensagens profundas que os antigos mestres queriam nos passar.

(O Tio Ma falava com entusiasmo, como se estivesse imerso num mar de símbolos e sabedoria. Seus olhos brilhavam com a alegria de quem havia descoberto verdadeiros tesouros espirituais escondidos nas entrelinhas.)

**Avery Lin:**

Nossa... Ouvindo o senhor falar sobre *Jornada ao Oeste*, consegui compreender mais um nível de significado... Quando eu era criança, assistia à série de televisão com muito entusiasmo, adorava as cenas de poderes mágicos e transformações. Mas eu não entendia os simbolismos que Wu Cheng'en queria transmitir com aquela obra...

Ah, veja só... já anoiteceu e eu nem percebi... Me desculpe, tio, não queria tomar tanto do seu tempo e acabar atrapalhando seu descanso noturno...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu com gentileza, lançando um olhar pela janela. De fato, a escuridão já havia caído, restando apenas alguns traços pálidos de luz no horizonte a oeste. O som dos insetos noturnos começava a preencher o ar.)

Não se preocupe com isso, Avery. Quando a conversa está em harmonia e podemos compartilhar coisas que tocam o coração, o tempo simplesmente voa — nem percebi. Ver o brilho de entusiasmo nos seus olhos, essa sensação de despertar interior ao ouvir essas histórias, já é uma grande alegria para mim.

(O Tio Ma se levantou e se espreguiçou suavemente.)

É verdade, a noite chegou de vez. E essas histórias, essas reflexões... há muitas ainda. Não se contam todas em uma única tarde. Hoje já falamos bastante — desde os encontros especiais pelo caminho, os mestres que recusam, os perigos de se desviar, até os significados profundos escondidos nos textos antigos.

Talvez devêssemos encerrar por aqui, para que ambos possamos descansar e refletir com calma. Amanhã, se você ainda quiser ouvir, eu contarei sobre os últimos anos daquela jornada de trinta anos... e como finalmente surgiu a oportunidade de encontrar o Grande Caminho que tanto busquei.

(O Tio Ma olhou para Avery com um olhar acolhedor e encorajador.)

Tudo o que conversamos hoje, reflita com tranquilidade. Os jovens de hoje têm muitas formas de acessar informação, mas o importante é saber filtrar, encontrar a essência, a verdade por trás de todas as aparências. Muitas vezes, a sabedoria mais profunda está escondida nas coisas mais antigas.

Agora vá, antes que fique muito tarde. Caminhar pelas montanhas à noite, mesmo sendo um trajeto familiar, exige atenção.

(O Tio Ma acompanhou Avery até a soleira da porta. O ar fresco da noite montanhosa envolveu os dois, trazendo o aroma das ervas e o silêncio solene da natureza.)

**Avery Lin:**

Sim, muito obrigado, tio. Fiquei muito feliz em poder ouvir seus ensinamentos... Então, até amanhã!

# TERCEIRO DIA

---

**Avery Lin:**

Olá, tio Ma. Voltei para continuar ouvindo seus relatos...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma levantou os olhos do livro que estava lendo e o colocou cuidadosamente sobre a mesa. Um sorriso gentil e familiar surgiu em seus lábios ao ver Avery.)

Olá, Avery. Sente-se, por favor. Eu também estava esperando por você. Hoje, vamos falar sobre um período que talvez tenha sido o mais significativo — um verdadeiro ponto de virada após trinta anos de busca incessante.

(O Tio Ma serviu o chá. O aroma suave se espalhou pela pequena sala, misturando-se à luz dourada da tarde que atravessava a janela. O ambiente permanecia calmo e acolhedor como nos encontros anteriores.)

**Avery Lin:**

Sim, ontem o senhor compartilhou algumas experiências e encontros especiais ao longo desses trinta anos de busca pelo Dao... Hoje, poderia começar contando como foi o momento em que finalmente encontrou o Grande Caminho?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu, pousando a xícara de chá sobre a mesa. O sorriso gentil e familiar voltou ao rosto, com um brilho sereno no olhar.)

Depois de tantos anos vagando, tantos momentos de esperança seguidos por desilusão, tantas vezes achando que havia encontrado e, logo em seguida, vendo tudo escapar... foi por volta de 1996, quando eu já estava

perto dos cinquenta anos, que o destino parecia enfim querer me revelar um caminho.

Naquele tempo, eu estava hospedado temporariamente em um pequeno templo isolado na região da Mongólia Interior. Minha saúde já não era das melhores, após tantos anos enfrentando o vento e a chuva. Numa tarde, enquanto ajudava a varrer o pátio do templo, tive a oportunidade de conversar com o abade ancião. Ele já era idoso, mas tinha olhos brilhantes, que transmitiam compaixão e sabedoria.

Fui sincero com ele, contei-lhe sobre os trinta anos de busca espiritual, as dificuldades, as confusões e até os desvios perigosos que quase cometi. O velho monge ouviu tudo em silêncio, apenas balançando a cabeça de tempos em tempos. Quando terminei, ele me olhou por um bom tempo — um olhar que parecia atravessar minha alma — e então disse, com uma voz serena, mas que ressoou em mim como o som de um sino despertando algo profundo:

“Changsheng, filho... sua determinação em buscar o Caminho é admirável, e sua perseverança já é suficiente. Talvez seu destino esteja prestes a se cumprir. Vá para o sul. Vá até Pequim. Lá, você encontrará o Grande Caminho.”

Ao ouvir aquilo, meu coração disparou. “Encontrar o Caminho... em Pequim?” Em trinta anos, tinha ouvido



tantos conselhos, tantas recusas... Tantas esperanças que se apagaram. Mas desta vez, não sei por quê, mesmo ainda com alguma dúvida, senti um pressentimento muito forte. As palavras do velho abade, o brilho em seu olhar... havia ali um peso, uma convicção que eu nunca tinha sentido antes.

(O Tio Ma fez uma pausa, tomou um gole de chá, e seus olhos se perderam ao longe, como se revivesse aquele momento decisivo.)

Fiquei no templo mais alguns dias, pensando repetidamente nas palavras do monge. Pequim... uma metrópole imensa, o centro do país... seria mesmo o lugar onde o Verdadeiro Ensino me aguardava? Um mendigo como eu, como encontraria algo assim em meio àquela multidão?

Mas aquele sentimento, aquela fagulha de esperança que eu achava extinta, reacendeu com força. Pensei: já percorri trinta anos, enfrentei tantos sofrimentos... agora que surge uma nova chance, por mais remota que seja, preciso tentar. Se não for, talvez me arrependa por toda a vida.

E assim, tomei a decisão de partir. Despedi-me do velho abade, levando no coração aquela última esperança, como se entregasse tudo à vontade do Céu. A viagem da Mongólia Interior até Pequim não foi fácil, mas,

estranhamente, senti como se uma nova energia fluísse dentro de mim — meus passos ficaram mais leves.

Chegando a Pequim — uma cidade vibrante, movimentada, tão diferente das montanhas solitárias que eu conhecia —, procurei abrigo num pequeno templo nos arredores, um lugar mais tranquilo. Após me instalar por um ou dois dias, comecei a ajudar nas tarefas do templo, mas também observava discretamente, atento a qualquer sinal, qualquer pista sobre o “Caminho” que o monge havia mencionado.

Meu coração estava inquieto, esperando... até que, numa manhã bem cedo, no dia seguinte...

(A voz do O Tio Ma embargou um pouco. Em seus olhos brilhava uma emoção intensa ao lembrar aquele momento tão marcante.)

**Avery Lin:**

Sim. Pelo que eu soube, em 1996 o Grande Fa já havia se espalhado amplamente nas grandes cidades. Então... o senhor teve alguma dificuldade ao entrar em contato com o Dafa? Será que o senhor reconheceu imediatamente, quando lhe foi apresentado?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu levemente, com um sorriso sutil nos lábios — o sorriso de quem está prestes a relatar algo extraordinário.)

É como você disse, Avery. Só mais tarde vim a saber que, por volta de 1996, o Dafa já estava sendo amplamente difundido em Pequim e em muitas outras grandes cidades. Mas, para mim naquele momento — um homem vindo das montanhas remotas da Mongólia Interior, recém-chegado e hospedado num pequeno templo nos arredores da cidade —, tudo aquilo era completamente desconhecido. Eu não tinha a menor ideia de que existia um caminho de cultivo sendo praticado por tantas pessoas.

O destino me levou a isso de forma muito natural, sabe? Sem nenhuma busca ativa da minha parte, além daquela esperança vaga que eu ainda carregava no coração.

Como eu contei, depois de passar um ou dois dias no templo, numa manhã bem cedo, quando o orvalho da noite ainda não havia se dissipado, fui despertado — não pelo sino do templo, como de costume —, mas por um som muito peculiar. Era uma música suave, pura, serena... uma melodia de exercícios que carregava uma energia compassiva e poderosa. Aqueles sons pareciam possuir uma força invisível que penetrava até o fundo da

alma, dissipando qualquer cansaço ou inquietação. O som vinha do pátio da frente do templo.

Curioso, fui espiar discretamente. E então... me deparei com uma cena que me deixou completamente surpreso. À luz difusa da alvorada, havia um grupo de cerca de trinta pessoas — homens, mulheres, jovens e idosos — praticando movimentos calmos e elegantes. Os gestos eram ao mesmo tempo suaves e solenes, quase como se estivessem realizando um antigo ritual sagrado. Os rostos de todos irradiavam paz e serenidade.

Ao observar aquela cena, um sentimento indescritível brotou em meu peito. Era como se tudo aquilo fosse estranhamente familiar — como se eu já tivesse visto antes, em algum sonho distante, ou talvez em uma lembrança de uma vida passada que não conseguia recordar com clareza. Aquilo não se parecia com nenhum tipo de arte marcial ou prática de qigong que eu tivesse visto ou estudado em todos os meus trinta anos de busca. Tinha algo profundamente único, imaculado.

Fiquei ali parado, observando em silêncio, sem ousar interromper. Sentia-me tomado por um misto de reverência e expectativa.

Quando o grupo iniciou o quinto exercício — a meditação sentada —, algo verdadeiramente extraordinário aconteceu. Senti como se uma força

invisível me atraísse, um impulso forte vindo de dentro. Sem pensar, sem hesitar, fui até um espaço vazio ao fundo do grupo, me sentei, e imitei sua postura de meditação, cruzando as pernas em posição dupla.

Naquele momento, eu não sabia que prática era aquela, ninguém me havia convidado, ninguém me ensinou. Foi apenas um chamado interno, irresistível.

E então... o milagre aconteceu. Após cerca de trinta minutos de meditação, imerso numa quietude absoluta que aquela música compassiva trazia... meu olho celestial se abriu subitamente!

(A voz de O Tio Ma tremia levemente. Seus olhos estavam úmidos ao recordar aquele momento sagrado. Ele fez uma breve pausa, permitindo que as emoções se assentassem.)

Foi uma experiência que jamais esquecerei em toda minha vida, Avery. Não era como os sonhos ou intuições nebulosas que eu tivera antes. Desta vez, tudo era vívido, real... absolutamente real.

**Avery Lin:**

Nossa... então o senhor teve a abertura do olho celestial

logo no primeiro dia de prática — isso é realmente algo muito raro...

E naquele momento... o que o senhor viu através do olho celestial que lhe comoveu tanto assim? Embora eu pense que, para alguém que buscou o Caminho durante trinta anos, mesmo visões breves já seriam suficientes para tocar profundamente o coração, não é?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu, com um olhar ainda carregado da emoção daquele instante. Ele levou a mão aos olhos, como se quisesse enxergar mais nitidamente as imagens do passado.)

Sim, é verdade, Avery. Mais tarde, quando comecei a cultivar, entendi que ter a abertura do olho celestial de forma tão intensa já no primeiro contato com os exercícios era algo extremamente raro — uma disposição especial do Mestre. Talvez os trinta anos de busca incessante, de superação de sofrimentos, tenham sido expressão suficiente da sinceridade do meu coração, e por isso me foi concedido esse destino tão precioso.

Quando o olho celestial se abriu repentinamente, a primeira cena que vi não foi o espaço à minha frente, mas sim imagens lentas, como se fossem filmes da minha própria vida — mas não desta vida, e sim de existências muito antigas.

(A voz de O Tio Ma ficou mais grave, como se mergulhasse em lembranças profundas.)

Vi com clareza que, em uma vida passada, eu era um oficial militar de médio escalão do reino de Shu Han, na era dos Três Reinos. Servia com lealdade sob o comando de Guan Yu. Lutei ao lado dele, enfrentando a morte inúmeras vezes. E, na fatídica batalha de Maicheng, quando Guan Yu caiu em desgraça, fui um dos últimos soldados a lutar com ele até o fim. Morri ao seu lado. A sensação de heroísmo, de lealdade inabalável... ainda era tão vívida quanto se tivesse acontecido ontem.

Em seguida, outra cena surgiu. Vi-me como um Primeiro Ministro no final da dinastia Tang. Um homem íntegro, justo, cheio de ideais para reformar o país e salvar a dinastia decadente. Passei quase dez anos no governo, propondo políticas ao imperador, mas ele era cego, cercado de ministros corruptos, e não me escutava. Cansado e desencantado, pedi demissão e me retirei para uma montanha remota, buscando paz para minha alma. A dor de um estadista honesto que não encontrou seu tempo, a frustração por não conseguir mudar o destino de sua nação, eram intensamente reais.

Além dessas duas encarnações, vi ainda outras imagens passando diante de mim, mas menos nítidas. Mesmo assim, só essas já bastavam para me fazer compreender que a vida humana não se resume a esta única existência.

Já desempenhamos inúmeros papéis, passamos por incontáveis altos e baixos no ciclo infinito de renascimentos.

De repente, as visões mudaram. Em vez de memórias de vidas passadas, começaram a surgir diante dos meus olhos espaços magníficos e deslumbrantes. Vi palácios celestiais feitos de materiais que não existem neste mundo, irradiando uma luz cintilante. Vi Deuses, Budas, Bodhisattvas e Arhats com uma dignidade e compaixão incomparáveis. Seus corpos emanavam halos brilhantes. A cena superava qualquer imaginação humana — nenhuma palavra pode descrever plenamente aquela beleza e solenidade sagrada.

(Avery Lin permaneceu em silêncio, escutando atentamente, seus olhos arregalados — sem qualquer dúvida. Ela podia sentir a verdade em cada palavra de O Tio Ma. Um profundo respeito pelas realidades espirituais e pelas dimensões superiores crescia em seu coração, junto com o desejo de se dedicar ainda mais ao cultivo. Talvez, naquele momento, tudo que ela pôde fazer foi acenar levemente com a cabeça, com um olhar cheio de compreensão e reverência — para não interromper o fluxo da memória de O Tio Ma.)

E não parou por aí, Avery. Enquanto eu ainda estava encantado com aquelas visões divinas, aconteceu algo ainda mais surpreendente. Meu olhar, sem querer,



voltou-se para os outros praticantes que estavam meditando ao meu redor. Vi fios sutis de destino ligando aquelas pessoas. E então, vi uma praticante sentada na frente — que mais tarde soube ser alguém muito dedicada a ajudar os iniciantes. De repente, surgiu diante dos meus olhos uma imagem de vida passada: ela havia sido minha esposa em uma encarnação anterior. E o homem que estava sentado ao lado dela — seu marido atual — havia sido, na dinastia Tang, um oficial rival, um oponente que dificultou muito minha vida naquela época.

(O Tio Ma fez uma pausa. Sua voz agora trazia uma mistura de comoção e compreensão.)

Nunca contei isso a ninguém, Avery. Apenas guardo comigo como um testemunho da maravilha do destino. Compartilho com você agora apenas para mostrar o quanto o Dafa é compassivo, capaz de dissolver karmas e reconciliações do passado, permitindo que antigos laços se convertam em oportunidades de cultivo conjunto dentro de uma mesma prática.

Todas essas visões — minhas vidas passadas, os reinos celestiais, os vínculos com outros praticantes — tudo isso aconteceu em poucos instantes... mas foram suficientes para transformar completamente a minha visão de mundo.

Quando a música terminou, os praticantes saíram da meditação lentamente. Eu ainda estava imóvel, em choque, sem conseguir reagir. Uma senhora de meia-idade — justamente aquela praticante que eu tinha visto como minha esposa em outra vida — aproximou-se com um sorriso gentil e me cumprimentou com doçura. Ela me entregou um livrinho simples, sem capa dura, apenas folhas grampeadas. Disse que aquele era o livro guia da prática, e que, se eu tivesse interesse, poderia levá-lo para ler.

Minhas mãos tremiam ao receber o livro. Naquele momento, ainda não sabia o nome dele. Mas, assim que comecei a ler as primeiras frases, e folheei as páginas seguintes... fui tomado por uma emoção ainda mais profunda do que quando o olho celestial se abriu. Cada frase, cada palavra tocava direto o meu coração, respondendo todas as perguntas, todas as angústias que eu carregava ao longo de trinta anos de busca.

Falava sobre o universo, sobre a vida, sobre o propósito da existência humana, sobre o verdadeiro caminho de cultivo, sobre Verdade–Compaixão–Tolerância... Tudo o que eu sempre quis compreender, estava ali — naquele livro.

E foi aí que percebi, com absoluta certeza: aquilo era o Grande Dafa. Era o Mestre verdadeiro de que o monge

ancião havia falado em meu sonho. Era o destino que eu buscara por trinta anos!

Não consegui conter as lágrimas. Não eram de sofrimento, nem de frustração — mas de pura felicidade, de uma alegria indescritível por finalmente ter encontrado o porto seguro depois de tanto vagar. Chorei de gratidão — gratidão ao Mestre grandioso que, com infinita compaixão, havia difundido esse Dafa para salvar seres conscientes. Gratidão por aquela arranjo maravilhoso que me permitiu encontrá-lo antes do fim da minha vida.

(O Tio Ma enxugou discretamente as lágrimas que escorriam por seu rosto. Sua voz ainda embargada, mas seu semblante irradiava uma felicidade serena — uma paz que só pode ser compreendida por quem viveu algo assim.)

### **Avery Lin:**

Sim... depois de trinta anos vagando por todos os cantos, suportando sol e sereno, ao finalmente obter o Grande Dafa e ainda ter o olho celestial aberto — vendo cenas tanto heróicas quanto divinas, e até reencontrando laços de destino — isso certamente causa um impacto profundo no coração de uma pessoa...

Li certa vez um relato semelhante: dizia que uma praticante, ao comparecer pela primeira vez a um grupo de prática no parque, sentou-se para fazer o quinto exercício — assim como o senhor — e seu olho celestial se abriu. Ela viu cenas do reino celestial, onde ela era uma deusa suprema daquele mundo... Sentiu como se, após incontáveis vidas de reencarnação, finalmente tivesse reencontrado seu verdadeiro “lar”. Ao presenciar tudo aquilo, ficou tão emocionada que as lágrimas escorreram...

Mas os outros praticantes que a viram chorando pensaram que era por causa da dor nas pernas, por sentar em posição de lótus logo na primeira vez. Então tentaram consolá-la dizendo: “Se estiver doendo muito, solte as pernas. Vá com calma, sem pressa...”

### **Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu levemente, com um brilho de compreensão profunda nos olhos. As lágrimas da felicidade ainda brilhavam no canto de seus olhos.)

Você está absolutamente certa, Avery. Esse sentimento de comoção não é simplesmente o espanto diante de algo misterioso — é o desabrochar de uma busca de toda uma vida. É a confirmação incontestável de que o caminho trilhado durante tantos anos não foi em vão, de que o mundo espiritual realmente existe, e de que há

princípios supremos que transcendem todo o entendimento humano comum.

Esse relato que você mencionou, da praticante que chorou ao ver seu lar celestial — é comovente, e me toca profundamente. De fato, Avery... Quando o olho celestial se abre, revelando cenários além da imaginação mundana, e conseguimos captar algo da nossa origem, dos nossos laços cármicos, a emoção que isso provoca é intensa — impossível de conter. As lágrimas vêm não da dor física, mas de uma alegria pura, de uma gratidão indescritível ao Mestre, ao Grande Dafa, por nos abrir os olhos e o coração.

(O Tio Ma sorriu com ternura diante do mal-entendido singelo dos praticantes no relato de Avery.)

É compreensível que os outros praticantes tenham pensado que ela chorava por causa da dor nas pernas. Para quem nunca teve uma experiência assim, é difícil imaginar o universo interior e os níveis de consciência que se revelam quando o olho celestial se abre. Eles interpretaram a cena com a lógica comum do mundo secular.

Comigo também foi assim. Quando as lágrimas da felicidade começaram a cair, aquela praticante — a mesma que eu vi como esposa numa vida passada — ficou um pouco surpresa. Ela me perguntou gentilmente

se eu estava bem, talvez pensando que eu estivesse emocionado por ser a primeira vez num ambiente de prática, ou quem sabe por algum sentimento pessoal. Eu não sabia como explicar a ela tudo o que tinha acabado de vivenciar e presenciar. Tudo o que consegui fazer foi agradecer... Agradecer por ter me entregue aquele livro sagrado.

Aquele livro, como descobri depois, se chamava *Zhuan Falun* (*Girando a Roda do Fa*). Ele realmente girou toda a minha vida, toda a minha visão da existência. De um andarilho mendigo, cheio de dúvidas, dores e perguntas sem resposta, eu me senti renascido.

Os anos seguintes — de 1996 até meados de 1999 — foram os mais serenos e preciosos da minha vida. Mergulhei no Fa, estudando com dedicação, praticando os exercícios todos os dias. Minha visão de mundo mudou completamente. Compreendi o verdadeiro significado da vida humana: não estamos aqui para competir ou desfrutar dos prazeres efêmeros deste mundo, mas sim para cultivar, para retornar à nossa natureza original e verdadeira.

O princípio de *Verdade-Compaixão-Tolerância* do Dafa era como um néctar celestial purificando minha alma. Passei a me examinar com base no Fa, corrigindo gradualmente meus pensamentos e comportamentos negativos, os apegos arraigados acumulados por toda uma vida.

Minha saúde melhorou de forma milagrosa. Doenças crônicas adquiridas ao longo de décadas de penúria, de frio, fome e exaustão... simplesmente desapareceram sem que eu percebesse. Meu temperamento também se tornou mais gentil, paciente, tolerante.

(O Tio Ma olhou para fora da janela, com o olhar perdido nas lembranças daquele tempo dourado.)

O ambiente de cultivo em Pequim naquela época era vibrante e puro, Avery. Todas as manhãs e no final da tarde, os parques, praças e espaços públicos da cidade estavam repletos de praticantes. A música dos exercícios soava suave, compassiva, ecoando em cada canto. Pessoas de todas as esferas sociais — funcionários públicos, intelectuais, trabalhadores manuais, jovens e idosos — praticavam juntos em perfeita harmonia. Ninguém precisava mandar. Todos vinham espontaneamente, valorizando profundamente a oportunidade rara de cultivar o Grande Dafa.

Ao ver aquele cenário, meu coração se enchia ainda mais de emoção e convicção.

Aqueles foram realmente tempos de ouro... uma paz inestimável antes da chegada da grande tempestade.

(A voz de O Tio Ma suavizou-se. Um leve pesar atravessou seu olhar ao mencionar o que viria depois.)

**Avery Lin:**

Aqueles anos certamente são uma lembrança gloriosa para os que viveram tudo aquilo, como o senhor... Naquela época, eu tinha apenas quatro ou cinco anos, não entendia de nada, e logo em seguida minha família emigrou para os Estados Unidos, pouco antes de a perseguição começar em 1999...

Sobre o “olho celestial”, segundo o meu entendimento, quando ele é aberto em alguém, isso pode trazer tanto benefícios quanto perigos: o benefício é que ajuda a fortalecer a fé na prática. Mas o lado ruim é que a pessoa pode cair facilmente em “ilusões” — ou, como dizem, “demônios criados pela própria mente” — e acabar se desviando do caminho...

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, e seu olhar expressou empatia ao saber que ela deixara sua terra natal ainda tão jovem, tendo escapado por pouco dos anos sombrios da perseguição.)

Então você também teve uma predestinação especial, Avery — o Mestre arranhou para que você saísse antes da tempestade. Isso é uma grande bênção.



Quanto ao olho celestial, o que você disse está muito certo. Sua compreensão sobre os prós e contras da abertura do olho celestial é profunda. De fato, é exatamente como você falou.

O benefício, como mencionou, é que ele pode ajudar a pessoa a ter mais fé na prática. Para mim, o fato de ter meu olho celestial aberto logo no primeiro contato com o Dafa, ver aquelas cenas de vidas passadas, ver outros reinos... foi como uma confirmação clara de que o que o Dafa ensina é verdadeiro, extraordinário. Dissipou todas as dúvidas que ainda restavam após trinta anos de busca, e me deu firmeza para entrar no cultivo sem hesitação. Também me ajudou a entender melhor o ciclo de reencarnação, o karma, o destino, e a existência dos Budas e Deuses — coisas que antes eu só podia sentir de forma vaga através dos livros ou experiências ocasionais.

Mas o perigo não é pequeno, especialmente se o cultivador não mantiver a mente firme e não se guiar pelo Fa. Como você disse, é muito fácil cair em “ilusões” ou “demônios da própria mente”. Quando o olho celestial se abre, a pessoa pode ver cenas estranhas, ouvir sons incomuns. Se a mente não for estável, pode achar que já cultivou alto, que já possui habilidades sobrenaturais. Aí nascem a ostentação, o orgulho... e piores seres de níveis baixos, entidades perversas, podem se aproveitar disso, enganando a pessoa com informações falsas e desviando-a do verdadeiro cultivo.

Já ouvi falar de casos assim — pessoas que, ao adquirir um pouco de habilidade através do olho celestial, não sabiam se manter com humildade e acabaram se perdendo, ou até cometendo atos contrários ao Dafa.

Por isso, quando o Mestre arranhou para que meu olho celestial fosse fechado gradualmente pouco antes da perseguição começar, entendi que isso foi uma proteção imensa. Porque em meio à tempestade, se o olho ainda estivesse aberto, talvez eu fosse perturbado por cenas ilusórias criadas por demônios, ou ficasse abalado ao ver os sofrimentos dos companheiros de prática e perdesse minha firmeza.

Com o olho fechado, fui forçado a voltar-me completamente para dentro, concentrar-me nos ensinamentos, cultivar meu coração, medir cada pensamento e ação segundo os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância. Passei a não mais me guiar por aquilo que “via” ou “ouvia”, mas sim por aquilo que o Fa ensina. Isso me ajudou a manter a clareza e a determinação nos testes de vida e morte que viriam depois.

O cultivo no Dafa é centrado no verdadeiro aperfeiçoamento do coração — na assimilação aos princípios universais da Verdade, Compaixão e Tolerância — e não na busca por poderes sobrenaturais ou mistérios. As habilidades são apenas subprodutos do

cultivo genuíno. Quando o xinxing se eleva, elas aparecem naturalmente. Mas se houver apego a isso, busca deliberada, então a pessoa sai do caminho — ou pior, se perde por completo.

O Mestre explicou isso claramente em “Zhuan Falun”. O verdadeiro cultivador deve “não buscar e ainda assim obter”. Se cultivarmos com diligência e com o coração voltado para o Fa, tudo o que for necessário virá naturalmente. Aquilo que não devemos ver ou saber, o Mestre também nos ajudará a evitar.

(O Tio Ma falou com sabedoria e profunda gratidão pelas disposições compassivas do Mestre. Ele olhou para Avery com um olhar encorajador.)

A forma como você compreende essa questão mostra que tem estudado o Fa com muita seriedade. Isso é algo muito precioso.

### **Avery Lin:**

Então, durante aqueles anos gloriosos, o senhor teve alguma experiência marcante de cultivo com os companheiros de prática, antes de a “tempestade” chegar em 1999?

### **Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu, um sorriso caloroso ao se lembrar das belas memórias com os companheiros de cultivo.)

Sim, Avery, embora tenham sido anos breves, foram repletos de lembranças inesquecíveis e experiências preciosas de cultivo ao lado dos companheiros. Era um ambiente extremamente puro, onde todos se esforçavam juntos para melhorar, ajudando uns aos outros sem qualquer interesse pessoal.

O que mais me marcou foram os estudos em grupo do Fa. Depois dos exercícios matinais ou vespertinos, costumávamos nos reunir em pequenos grupos — às vezes no próprio parque, às vezes na casa de algum praticante — para ler o *Zhuan Falun* e compartilhar nossas compreensões. A atmosfera era solene e, ao mesmo tempo, muito acolhedora. Cada pessoa, independentemente da idade ou posição social, compartilhava com sinceridade o que havia compreendido do Fa, as dificuldades enfrentadas ao cultivar o xinxing, ou as mudanças positivas em suas vidas desde que começaram a praticar.

Havia praticantes idosos com pouca instrução, cujas palavras simples e genuínas tocavam profundamente o coração de todos. Outros, com formação acadêmica, traziam análises profundas do Fa sob a ótica da ciência ou filosofia, enriquecendo a compreensão de todos.

Apreendi muito nesses encontros. Eles me ajudaram não apenas a entender melhor o Fa, mas também a reconhecer minhas próprias falhas ao ver o exemplo dos demais.

Também nos envolvíamos muito na divulgação do Dafa. Como todos sentiam os benefícios da prática, havia o desejo sincero de compartilhar isso com familiares, amigos e com qualquer pessoa predestinada. Nós distribuíamos panfletos sobre o Falun Gong, pequenos livros introdutórios, e íamos a locais públicos e até vilarejos distantes para apresentar o Dafa. Nunca forçávamos nada; tudo era feito com um coração genuíno, desejando que os outros também se beneficiassem.

Lembro de uma vez em que fui com um grupo de praticantes a uma vila pobre nos arredores de Pequim. Inicialmente, os moradores estavam desconfiados. Mas, com paciência, explicamos como o cultivo havia melhorado nossa saúde, nossa moral, e demonstramos alguns exercícios. Aos poucos, eles se abriram. Ver os sorrisos simples, os olhos cheios de esperança ao conhecerem o Dafa — aquilo aqueceu profundamente meu coração.

É claro que também enfrentamos incompreensões, até oposição. Mas os praticantes sempre responderam com bondade e paciência, buscando esclarecer e dissolver

mal-entendidos. Nesses momentos, todos nós também elevávamos nosso xinxing.

Uma lembrança que nunca esquecerei é o cuidado e o altruísmo entre os praticantes. Quando alguém passava por dificuldades na vida ou desafios no cultivo, todos se uniam para apoiar, encorajar e ajudar, sem esperar nada em troca. Aquele sentimento de irmandade era puro e verdadeiro — diferente das relações comuns no mundo. Éramos como uma grande família, com o mesmo propósito: retornar através do cultivo.

Ainda me lembro da praticante que, em uma vida passada, foi minha esposa — ela foi extremamente dedicada ao me orientar nos primeiros dias. Com paciência, me ensinava os exercícios, explicava o significado dos princípios do Fa. Outros companheiros, ao saber que eu havia vindo de longe, sem parentes na cidade, prontamente me ajudaram com o que fosse necessário. Pequenos gestos, mas cheios de compaixão.

(O Tio Ma suspirou suavemente, com um ar de saudade no olhar.)

Aqueles anos foram um verdadeiro campo de cultivo ideal — uma terra pura em meio ao mundo. Todos viviam com base na Verdade, Compaixão e Tolerância. Não havia disputas, nem invejas — apenas harmonia e diligência mútua. A energia pura daquele ambiente

ajudou muitos a se elevarem rapidamente, tanto no corpo quanto na mente.

Infelizmente, aquela beleza não durou. “A árvore quer descansar, mas o vento não cessa.” As forças perversas não puderam tolerar algo tão virtuoso prosperando no mundo.

(O ambiente ficou mais silencioso. O Tio Ma e Avery sentiram uma melancolia ao pensar no que estava por vir após aqueles dias dourados.)

### **Avery Lin:**

Sim... o que aconteceu depois realmente foi como dizem: “a árvore deseja ficar em paz, mas o vento não para de soprar”... Não dá para entender como os líderes do Partido Comunista Chinês da época não enxergaram as coisas boas do Dafa. Foram tomados por uma paranoia insana, inflaram seu ciúme até um nível demoníaco, e permitiram que o mal explodisse como uma erupção vulcânica!

Como testemunha viva, o senhor poderia compartilhar alguns eventos que vivenciou ou presenciou diretamente e que mostram a maravilha do Dafa? Por exemplo: acidentes em que alguém saiu ileso, ou casos de pessoas

com doenças graves — até mesmo mandadas para casa pelos hospitais — que se recuperaram rapidamente ao praticar o Dafa com sinceridade?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, uma sombra de tristeza passou por seu semblante ao mencionar a irracionalidade e brutalidade da perseguição. Respirou fundo, buscando serenidade antes de falar das maravilhas que presenciou.)

É exatamente como você disse, Avery. A loucura dos que estavam no poder naquela época é algo que desafia toda lógica comum. Talvez tenha sido justamente a pureza, a bondade e a força espiritual imensa do Dafa que fez com que aquelas mentes sombrias e cheias de inveja se sentissem ameaçadas. Eles não podiam aceitar algo que estava além do seu controle ou do materialismo que defendiam.

Mas deixando de lado essa parte dolorosa, nos anos anteriores à perseguição, pude presenciar — com meus próprios olhos — muitos casos reais que demonstram o caráter extraordinário do Dafa. Não eram boatos, eram fatos vividos por pessoas reais.

(O Tio Ma fez uma breve pausa, como se organizasse as memórias antes de continuar.)



Lembro-me de uma senhora de quase setenta anos que praticava no mesmo ponto que eu. Ela sofria de uma grave doença cardíaca. Tinha passado por inúmeros hospitais, e todos os médicos haviam declarado que seu caso não tinha solução. Só restava manter a vida com medicamentos e esperar o pior. Os filhos já haviam começado a preparar o funeral. Então alguém a apresentou ao Falun Dafa. No início, ela estava tão fraca que mal conseguia andar, precisava de ajuda para chegar ao local de prática. Ela não conseguia fazer os exercícios, apenas sentava e escutava a música, tentando recitar em voz baixa enquanto os outros estudavam o Fa.

Mas algo incrível aconteceu: depois de cerca de um mês, o rosto da senhora começou a recuperar o brilho. Logo ela conseguia andar sozinha e até executar os movimentos suaves do primeiro exercício. Após três meses, ela fez um novo exame — os médicos ficaram boquiabertos. A doença cardíaca, considerada incurável, havia regredido significativamente. Ela não precisava mais tomar remédios, estava forte, se locomovia com agilidade e até participava das atividades de divulgação do Dafa. Os filhos, que antes não acreditavam, chegaram a dizer: “Isso é um milagre!”

Também houve o caso de um jovem caminhoneiro. Ele contou que uma noite, dirigindo muito cansado, acabou pegando no sono ao volante. O caminhão desgovernado desceu um barranco e capotou várias vezes. Quando ele

acordou, estava preso dentro da cabine completamente amassada — mas, estranhamente, não tinha um único arranhão. Só se sentia um pouco tonto. As pessoas que viram o acidente acharam que era impossível alguém sair vivo daquilo. Mas quando o tiraram de lá, viram que ele estava perfeitamente bem. Ele disse que, enquanto o caminhão caía, em meio ao torpor, só conseguiu pensar no Mestre e no Dafa. Acreditava com convicção que foi o Mestre quem o protegeu naquele momento. Quando o caminhão foi periciado depois, a cabine estava quase destruída por completo. Ninguém conseguia entender como ele havia saído ileso.

Quanto a mim, como já contei, depois de vagar por tantos anos, minha saúde estava bastante debilitada. Carregava várias doenças causadas por uma vida difícil, alimentação precária e condições climáticas severas. Mas, depois que comecei a praticar o Falun Dafa, todas essas doenças desapareceram silenciosamente em pouco tempo. Meu corpo ficou leve, minha mente clara, como se tivesse renascido. Antes, quando o clima mudava, sentia dores por todo o corpo — isso não acontece mais. Não foi por causa de remédios, e sim por causa da maravilha de cultivar o coração e praticar os cinco exercícios.

Essas histórias são muitas, Avery. São testemunhos vivos da natureza extraordinária do Dafa. Ele não é apenas uma prática para melhorar a saúde física — é uma via

genuína de cultivo. Pode purificar o corpo, elevar o caráter moral, e até proteger o praticante nos momentos de perigo. E é por isso que, cada vez mais, as pessoas passaram a acreditar e a se dedicar ao cultivo.

(O Tio Ma falava com convicção firme. Seus olhos brilhavam ao mencionar as maravilhas que o Dafa havia lhe proporcionado.)

### **Avery Lin:**

A maravilha do Dafa talvez só possa ser realmente sentida por quem a vivencia diretamente. Para os que estão de fora, ao ouvirem tantos relatos, muitas vezes ficam entre acreditar e duvidar... às vezes até pensam que é tudo “história inventada”...

Eu mesma, embora já pratique o Falun Dafa há mais de dez anos, nunca passei por experiências como as que o senhor relatou. Minha base tem sido apenas a fé e a compreensão através da percepção do Fa...

### **Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu com a cabeça, olhando para Avery com um olhar afetuoso e compreensivo, cheio de encorajamento.)

Você está absolutamente certa, Avery. “Ouvir cem vezes não é o mesmo que ver uma vez, e ver cem vezes não é o mesmo que experimentar.” As maravilhas do Dafa, os milagres que ele proporciona, só podem ser verdadeiramente compreendidos — de forma profunda e completa — por aqueles que os vivenciam por si mesmos. Para os que estão de fora, por mais que ouçam relatos, se não tiverem uma mente aberta, se estiverem presos a conceitos rígidos ou a preconceitos da ciência empírica, dificilmente acreditarão. Alguns até podem achar que é invenção, ou superstição.

O fato de você praticar o Falun Dafa há mais de dez anos, mesmo sem ter vivenciado algo extraordinário, e ainda assim seguir firme apenas com base na fé e na percepção interna, isso é ainda mais valioso, Avery. Isso mostra que sua base é boa, e que você tem uma afinidade muito profunda com o Fa.

Sabe, o Mestre nos ensinou que o caminho de cultivo de cada pessoa é único, e que as disposições para cada um são diferentes. Nem todos precisam passar por milagres evidentes ou por testes de vida e morte para alcançar a consumação. Há pessoas que simplesmente estudam o Fa silenciosamente, cultivam seu caráter moral com sinceridade, praticam os exercícios com constância, e vão se elevando gradualmente — tanto física quanto espiritualmente.

Essa sua “fé” — que não se baseia em visões, em poderes sobrenaturais ou em experiências impressionantes, mas sim em uma compreensão genuína dos princípios do Dafa e na grandeza do Mestre — essa é a fé mais sólida. É a fé que não se abala diante de dificuldades, tentações ou comentários dos outros.

No meu caso, embora tenha presenciado muitas coisas, eu entendo que tudo aquilo foi apenas para fortalecer minha fé no início e me ajudar a atravessar os momentos mais difíceis. Mas o cerne do cultivo é sempre o mesmo: cultivar o coração, medir nossos pensamentos e ações segundo os princípios da Verdade, Compaixão e Tolerância. Se alguém se prende apenas às manifestações exteriores e esquece de cultivar o coração, não poderá se elevar de verdade.

Por isso, continue firme no seu caminho de cultivo. Cada pessoa valida o Fa à sua maneira. Alguns fazem isso com curas milagrosas, outros com resiliência diante de tribulações, outros ainda com o aprimoramento do próprio pensamento e da compreensão dos princípios do Fa. Todos esses são testemunhos da grandeza e da maravilha do Dafa.

O mais importante é se manter fiel ao coração inicial — aquele com o qual você se aproximou do Dafa — e valorizar sinceramente o Fa. Se você realmente deseja cultivar e retornar à sua verdadeira origem, o Mestre

sempre estará ao seu lado, iluminando e protegendo cada passo do seu caminho.

(O Tio Ma falou com sinceridade, seus olhos fixos em Avery com um olhar de confiança e ternura. Ele se sentia feliz ao ver que a nova geração, como Avery, já possuía uma compreensão tão clara e uma fé tão firme no Dafa.)

**Avery Lin:**

Sim, muito obrigada, tio...

O céu já está escurecendo, então talvez devêssemos encerrar por hoje. Agradeço de coração pelas suas partilhas sobre o destino que o levou a obter o Dafa e sobre o ambiente de cultivo na China entre 1996 e 1999...

Amanhã, falaremos sobre as cenas terríveis quando “a tempestade” se abateu — e, como testemunha viva, o senhor poderá compartilhar o que viu e ouviu pessoalmente. O senhor concorda?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma olhou pela janela — de fato, o pôr do sol já começava a tingir as copas das árvores com tons dourado-alaranjados. Ele assentiu levemente com a cabeça, uma sombra de preocupação surgiu em seu olhar ao pensar no que seria contado no dia seguinte.)

Sim, claro, Avery. Você tem razão — já está ficando tarde. As memórias desses anos de cultivo sereno e harmonioso são muito belas, mas também serviram como preparação para os grandes desafios que viriam em seguida.

Hoje, relembremos juntos minha jornada de trinta anos em busca do Caminho, e especialmente o momento afortunado em que encontrei o Dafa — os dias preciosos vividos num ambiente puro de cultivo e as transformações profundas que o Fa trouxe à minha vida. Fico muito feliz por poder compartilhar tudo isso com você.

(O Tio Ma fez uma breve pausa, e sua voz ficou mais grave.)

Amanhã, falaremos sobre um período muito diferente — um período marcado por provas duras e muita dor — quando aquela “tempestade” irrompeu. Como alguém que esteve no centro do furacão, farei o possível para relatar aquilo que vi com meus próprios olhos, aquilo que vivi, para que você — e talvez também os futuros leitores — possam entender melhor a crueldade da perseguição, e também a compaixão e firmeza dos verdadeiros praticantes do Dafa em meio à calamidade.

Não serão histórias alegres, mas fazem parte da história do Dafa, e também de minha jornada pessoal no cultivo.

Vá descansar agora. Nos vemos novamente amanhã à tarde.

(O Tio Ma acompanhou Avery até a porta. Seu coração estava um pouco pesado diante das memórias dolorosas que seriam reavivadas. Mas ele sabia que contar a verdade era também uma forma de expor o mal, de afirmar a retidão — e isso era algo que precisava ser feito.)



# QUARTO DIA

---

**Avery Lin:**

Olá, tio Ma, estou aqui novamente...

Ontem o senhor compartilhou comigo sobre o período de 1996 a 1999 — ou seja, desde o momento em que teve a oportunidade de obter o Dafa até antes do início da perseguição...

Hoje, o senhor poderia continuar compartilhando sobre o cenário anterior à "tempestade" e sobre a jornada que se seguiu? O senhor concorda?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma sorriu com gentileza, os olhos ainda transmitindo uma serenidade profunda. Ele assentiu suavemente com a cabeça.)

Olá, Avery Lin. Sente-se, por favor. Eu também estava esperando você. Sim, ontem falamos sobre um período realmente especial, anos em que a luz do Dafa iluminava muitos corações, oferecendo direção a tantas almas perdidas.

(O Tio Ma suspirou levemente. Havia um toque de nostalgia em seu olhar — não um pesar melancólico, mas uma sincera reverência ao passado.)

Você quer saber sobre o cenário antes da “tempestade” e o que veio depois... Tudo bem. Foi um período em que até o Céu e a Terra pareciam mudar, e o coração humano passou por grandes provações.

Para que você compreenda melhor, antes que o furacão irrompesse, o ambiente na China para nós, praticantes do Dafa... sabe, Avery, era algo completamente diferente.

(O Tio Ma fez uma pausa breve, como se estivesse reunindo imagens vívidas de sua memória.)

Antes de 1999, especialmente a partir de 1994 e 1995, o Falun Dafa já estava amplamente difundido. Das cidades às áreas rurais, de intelectuais a trabalhadores comuns — em toda parte se podia ver pessoas praticando. Os locais de prática pública se multiplicavam em parques, praças, pátios escolares... De manhã cedo e no fim da tarde, o som suave da música de prática e os movimentos lentos, harmoniosos, compassados... já haviam se tornado parte do cotidiano de muitos.

Mas o mais valioso, na visão do tio, era a transformação interior das pessoas. As pessoas aprendiam a viver segundo os princípios da Verdade, Benevolência e Tolerância — começavam a pensar nos outros antes de agir, e conflitos familiares ou sociais se dissolviam naturalmente. A saúde melhorava visivelmente; muitos que estavam gravemente doentes, sem esperança, voltavam a ter alegria de viver. Ninguém obrigava ninguém, ninguém fazia propaganda agressiva. Era tudo espontâneo, nascido da própria experiência e dos benefícios que o Dafa trazia a cada um.

Até mesmo os órgãos oficiais, em muitos lugares, viam tudo isso com bons olhos. Eles percebiam que as pessoas ficavam mais saudáveis, que a sociedade se tornava mais estável, que os gastos públicos com saúde diminuía...

Chegaram até a conceder prêmios, escrever reportagens reconhecendo os efeitos positivos. Tudo parecia seguir um caminho muito promissor, muito puro.

(O Tio Ma balançou levemente a cabeça, com uma expressão de leve apreensão.)

Mas então... nuvens negras começaram a se formar. No começo, eram apenas sinais discretos, pequenos indícios aqui e ali — mas foram se acumulando, prenunciando a chegada de uma grande tempestade.

Você quer ouvir sobre esses sinais, Avery, antes de entrarmos na tempestade em si e no que aconteceu depois?

**Avery Lin:**

Certo. Então o senhor poderia compartilhar qual era o estado de espírito e os sentimentos do senhor — e das pessoas ao seu redor — naquela época?

**Ma Changsheng:**

Hmm... Falar sobre o estado de espírito e as emoções daquela época... havia muitas camadas, Avery Lin.

Quando começaram a surgir os primeiros sinais — por exemplo, alguns artigos em jornais locais com palavras

distorcidas e difamatórias sobre o Falun Gong —, muitos de nós ficamos surpresos, até mesmo incrédulos. Porque sabíamos o que estávamos fazendo. Sabíamos que o Falun Gong ensinava as pessoas a cultivarem a bondade, a serem boas, a trazerem saúde e harmonia à sociedade. Muitos pensaram que aquilo era apenas um mal-entendido por parte de alguns jornalistas ou que alguém, por desconhecimento, havia escrito coisas que não correspondiam à verdade.

O estado geral da maioria dos praticantes naquela época ainda era muito puro e benevolente. Acreditávamos na bondade, acreditávamos que, se fôssemos sinceros e compassivos, os mal-entendidos seriam resolvidos. Quando saíam matérias assim, a reação natural de muitos era procurar a redação dos jornais, ou escrever cartas para os órgãos responsáveis, explicando o que era o Falun Gong, quais eram seus benefícios. Tudo era feito de maneira pacífica, com o único desejo de esclarecer a verdade.

Muitos, inclusive eu, continuávamos a praticar com convicção, indo todos os dias ao parque, estudando o Fa juntos. A fé no Mestre e no Dafa era muito sólida. Acreditávamos que Verdade–Compaixão–Tolerância eram princípios universais e que não poderiam estar errados. Às vezes até pensávamos: “Ah, talvez isso seja uma provação, para ver se conseguimos manter nossa mente firme diante de calúnias.”

No entanto, Avery Lin, quando os episódios começaram a se multiplicar e quando surgiram ordens veladas de instâncias superiores orientando órgãos e instituições a “ficarem atentos” aos praticantes do Falun Gong, alguns, especialmente os mais velhos que já haviam vivido campanhas políticas anteriores, começaram a ficar apreensivos. Eles percebiam que havia algo estranho acontecendo. Em nossos grupos de estudo, houve conversas discretas, onde compartilhávamos preocupações — mas, no geral, a confiança na retidão do Dafa ainda predominava.

Pessoalmente, com tudo o que eu já tinha vivido e compreendido através do Fa, eu também sentia que estava se formando um campo energético ruim. Eu entendia que qualquer coisa boa que se espalhasse neste mundo, especialmente em tempos de decadência moral como os dias atuais, inevitavelmente enfrentaria tribulações e interferência de forças perversas que não querem que os seres humanos sejam salvos. Meu coração buscava manter a serenidade, observar os acontecimentos e lembrar a mim mesmo e aos outros praticantes que era preciso redobrar a diligência, seguir o Fa como Mestre, e medir nossas ações com base em Verdade–Compaixão–Tolerância.

Quanto aos sentimentos... talvez fosse uma mistura. Havia a serenidade e confiança de quem cultiva, mas também uma ponta de preocupação ao ver algo tão bom

sendo mal compreendido e deliberadamente distorcido. Mas em nenhum momento houve medo ou intenção de responder com violência. Nós tínhamos apenas uma arma: a compaixão e a verdade.

Aquele foi o período imediatamente anterior à chegada da “tempestade” — uma fase em que a confiança e a inocência compassiva ainda estavam muito presentes, mesmo quando os primeiros ventos da inquietação começavam a soprar.

### **Avery Lin:**

Pelo que li nos registros históricos, a situação na época era extremamente tensa, o que acabou levando à petição pacífica de dezenas de milhares de praticantes em frente a Zhongnanhai. Mais tarde, o Partido Comunista Chinês usou isso como pretexto, alegando que o "Falun Gong cercou Zhongnanhai" com intenções subversivas...

Naquela época, o senhor pensava o quê? O senhor participou dessa petição pacífica?

### **Ma Changsheng:**

(Afirma com a cabeça, e seu semblante se torna mais sério.)

Sim, Avery Lin, você está certa. O evento de 25 de abril de 1999 foi um ponto de virada — a partir dali, a situação mudou rapidamente.

Antes disso, como mencionei, já havia artigos caluniosos e interferências veladas. Mas a escalada de tensões começou realmente com um artigo difamatório escrito por um acadêmico chamado He Zuoxiu, publicado em uma revista científica juvenil de Tianjin. Os praticantes locais foram até a redação para esclarecer pacificamente os fatos, apenas com o desejo de que a revista corrigisse as informações erradas e restaurasse a reputação do Falun Gong.

Mas, em vez de diálogo, o governo de Tianjin mobilizou a tropa de choque, prendeu e espancou alguns praticantes. Quando outros praticantes foram até lá exigir a libertação deles, a polícia de Tianjin respondeu que a ordem de prisão havia vindo de Pequim — e que, se quisessem resolver a situação, deveriam ir até a capital.

Essa resposta — somada às prisões arbitrárias — fez com que muitos sentissem que já não era possível permanecer em silêncio. Nós, praticantes, não temos objetivos políticos, não nos opomos a ninguém. Só queríamos um ambiente legal e livre para praticar, seguir os princípios de Verdade–Compaixão–Tolerância, e que nosso Mestre fosse respeitado, que os livros do Dafa pudessem ser publicados legalmente.



Quando a informação sobre os acontecimentos em Tianjin se espalhou, muitos praticantes de várias regiões, inclusive eu, sentiram que tinham a responsabilidade de se manifestar de forma pacífica. Não tínhamos organização, nem líderes que nos convocassem. Foi algo espontâneo, movido pela consciência e pela fé de que o governo ouviria os apelos legítimos da população.

(Pausa breve. Ele olha para longe.)

Naquele dia, eu também estava em Pequim, próximo ao Escritório de Apelações do Estado, que soubemos ser o local oficial para apresentar petições. Estavam presentes milhares, dezenas de milhares de praticantes de todos os cantos. O que mais me impressionou, e que mais foi distorcido depois, foi a calma e a ordem impressionantes daquela multidão.

Estávamos parados em silêncio nas calçadas, ao longo das ruas, sob a orientação da polícia. Não houve gritos de slogans, nem cartazes provocativos, nenhum empurra-empurra, nem obstrução do trânsito. Todos cuidavam do ambiente, até recolhiam bitucas de cigarro deixadas pelos policiais. Muitos estavam com livros do Dafa nas mãos, lendo em silêncio. O ambiente era solene e pacífico. Nosso único desejo era ser ouvidos e apresentar a verdade.

Essa alegação de que o “Falun Gong cercou Zhongnanhai”, usada amplamente pela propaganda oficial depois, foi uma deturpação deliberada e grotesca, Avery Lin. Zhongnanhai é a sede do governo central — um local extremamente sensível. Nenhum praticante teve a intenção de cercar coisa alguma. Estávamos em pontos indicados pela própria polícia, longe da entrada principal. Aliás, se fosse realmente uma “tentativa subversiva” como eles alegaram, você acha que o Partido Comunista teria permitido que dezenas de milhares ficassem ali o dia todo sem serem reprimidos com violência?

Nosso pedido era simples:

Libertar os praticantes presos injustamente em Tianjin.

Permitir a publicação legal dos livros do Falun Gong.

Garantir um ambiente de prática legal e sem interferência para os praticantes.

Naquele dia, o então premiê Zhu Rongji saiu e conversou com alguns representantes. Após a reunião, os praticantes presos em Tianjin foram libertados, e por um momento parecia que as tensões haviam diminuído. Todos deixaram o local em silêncio, limparam tudo e não deixaram um só pedaço de lixo para trás.

Naquele momento, havia uma esperança sutil em nossos corações — de que nossa bondade e calma haviam sido compreendidas, que o governo adotaria uma postura mais justa. Mas, no fundo, com tudo que eu já entendia sobre o regime, eu pressentia que aquilo poderia ser apenas a calmaria antes da tempestade.

O rápido crescimento do Dafa e seus valores espirituais, que eram opostos ao ateísmo e à ideologia da luta de classes do regime, causaram inveja e medo em certos líderes do partido. Eles não podiam aceitar que um grande grupo de pessoas tivesse fé em divindades e defendesse os princípios de Verdade–Compaixão–Tolerância — algo que eles rotulavam como “superstição” e que ameaçava o controle ideológico que tanto prezavam.

Essa acusação de “cercar Zhongnanhai” foi apenas um dos muitos pretextos fabricados para justificar a campanha de perseguição brutal que já vinha sendo silenciosamente preparada há tempos.

**Avery Lin:**

Então, o senhor poderia compartilhar algumas cenas ou eventos específicos que presenciou quando a perseguição começou oficialmente?

### **Ma Changsheng:**

(Um momento de silêncio. Seus olhos olham para o vazio como se estivessem revivendo aqueles dias turbulentos. Sua voz torna-se mais pesada.)

Quando a perseguição começou oficialmente, em 20 de julho de 1999, Avery Lin, foi como se o céu tivesse desabado. Tudo mudou de forma repentina. Da tênue esperança que ainda restava após o evento de 25 de abril, de repente mergulhamos em um pesadelo opressivo.

Lembro-me claramente: naquela manhã, e nos dias seguintes, todos os canais de televisão — tanto nacionais quanto locais — todas as estações de rádio e jornais começaram a divulgar, como se por comando unificado, uma avalanche de programas e artigos difamando o Falun Gong e nosso Mestre. Palavras venenosas, histórias inventadas sem o menor pudor, imagens manipuladas e encenações grotescas... tudo isso era repetido dia e noite sem parar.

A atmosfera da sociedade tornou-se sufocante, impregnada de desconfiança e hostilidade. Vizinhos, colegas de trabalho, até parentes — pessoas que antes elogiavam o Falun Gong, que nos cumprimentavam com alegria — agora começavam a nos olhar de forma diferente: alguns com medo, outros se afastando, e outros ainda acreditando na propaganda e passando a

nos criticar. Era como se o mundo inteiro tivesse virado as costas para nós.

Uma cena que nunca esquecerei foi ver os coordenadores de prática — aquelas pessoas dedicadas que organizavam os pontos de exercícios voluntariamente — simplesmente desaparecerem. Rapidamente circulavam boatos entre os praticantes: "Fulano foi preso esta madrugada", "Ciclano foi chamado pela polícia e não voltou mais".

Vi com meus próprios olhos quando a polícia invadiu a casa de um praticante coordenador do meu bairro. Eram umas 2 ou 3 da manhã. Ouvi batidas brutais na porta, gritos dos policiais, o choro desesperado de uma criança, os apelos da esposa... Eles reviraram tudo, confiscaram livros do Dafa, fotos do Mestre, e algemaram o praticante, arrastando-o para fora. As luzes dos carros da polícia cortavam a escuridão da noite, deixando atrás de si um silêncio arrepiante e o terror estampado nos rostos dos vizinhos que assistiam. Foi ali que soubemos com certeza: aquilo não era mais um mal-entendido. Era uma repressão sistemática e deliberada.

Os pontos de prática, onde antes compartilhávamos nossa alegria na cultivação, de repente se tornaram locais vigiados. Policiais e guardas ficavam de prontidão. Qualquer um que se aproximasse era afastado, identificado, ou até preso por tentar praticar. Os livros

do Dafa — que valorizávamos como a própria vida — e as músicas serenas dos exercícios passaram a ser tratados como “provas criminais”. Muitas famílias foram invadidas por policiais e agentes de bairro. Eles revistavam tudo, confiscavam os livros. Alguns tentavam explicar, outros choravam em silêncio vendo seus livros atirados sem cuidado em sacos de estopa.

Eles nos forçavam a entregar os materiais, a assinar declarações de renúncia à prática. Caso contrário, perderíamos o emprego, nossos filhos não poderiam estudar, nossas famílias seriam envolvidas e punidas.

A pressão pesava sobre cada pessoa, cada lar. Muitos que só buscavam saúde e paz interior se viram obrigados a escolher entre sua fé e a vida cotidiana, entre a verdade e uma segurança temporária para si e seus entes queridos. Foram dias de medo, confusão, dor e até indignação — embora contida e sempre pacífica.

Pessoalmente, como tantos outros praticantes, sentia uma dor profunda. Dói ver nosso Mestre sendo difamado. Dói ver o Dafa sendo manchado. Dói ver o povo sendo enganado por mentiras tão venenosas.

Mas, no fundo, a fé em Verdade–Compaixão–Tolerância e na retidão do Dafa nunca vacilou. Eu sabia: esse era o grande teste. Era a tribulação que todo cultivador teria que enfrentar. E não importava o quão difícil fosse,

deveríamos manter a compaixão e responder à mentira com a verdade.

**Avery Lin:**

Aquela cena foi realmente assustadora...

Então, naquela época, o senhor chegou a ser pressionado pela polícia?

**Ma Changsheng:**

(Acena levemente com a cabeça. Um sorriso discreto surge em seu rosto, mas não consegue esconder a seriedade das lembranças.)

Sim, Avery Lin. No meio daquela tempestade, qual praticante do Falun Dafa não foi “alvo de atenção” das autoridades ou da polícia? Eu também não fui exceção.

Depois que o decreto de proibição foi emitido, não demorou muito para que eu recebesse um “convite” para comparecer à delegacia do bairro e, depois, ao departamento de polícia do distrito. Eles não chamavam isso de “intimação” para prisão imediata, usavam termos mais suaves, como “convite para conversar” ou “entender a situação”. Mas todos nós sabíamos bem o que essas palavras queriam dizer.

Lembro-me de uma vez em que me mantiveram o dia inteiro na delegacia. Era uma sala pequena, onde alguns policiais se revezavam para “conversar”. Começavam com palavras brandas, perguntando quando comecei a praticar o Falun Gong, se havia benefícios, e, aos poucos, passavam a exigir que eu reconhecesse a “natureza supersticiosa e reacionária” do Falun Gong, de acordo com a propaganda estatal. Eles me mostravam materiais previamente preparados, artigos caluniosos, e pediam que eu os lesse para “aumentar minha consciência política”.

(Ele faz uma breve pausa, toma um gole do chá que Avery Lin havia servido, e continua.)

Meu coração estava muito tranquilo na época. Pensei: esta é a oportunidade para dizer a verdade, para que eles compreendam. Expliquei com calma que o Falun Gong ensina as pessoas a seguirem os princípios de Verdade-Compaixão-Tolerância, melhora a saúde, eleva a moralidade, e que não havia nenhum objetivo político por trás disso. Falei sobre os benefícios que eu e minha família recebemos, e as transformações positivas que o Dafa trouxe para a sociedade. Disse a eles que o que a mídia mostrava não era verdade, e sim calúnia.

Alguns policiais mais jovens apenas ouviam em silêncio. Eu percebia nos olhos deles certa curiosidade, talvez até uma leve hesitação. Mas também havia os mais velhos,



ou aqueles com uma postura “politicamente firme”, que me interrompiam dizendo que eu estava “iludido” ou “enganado”. Exigiam que eu assinasse um termo de renúncia ao Falun Gong, entregasse meus livros e materiais, promettesse não manter contato com outros praticantes, e não saísse mais para praticar ou “divulgar” nada.

Disse a eles:

“Senhores, Verdade–Compaixão–Tolerância são valores que todos os seres humanos deveriam seguir. O Falun Dafa nos ensina a viver segundo esses princípios, a sermos pessoas melhores, mais saudáveis. O que há de errado nisso? Se me pedem para abandonar esses valores, para deixar de ser uma boa pessoa, então não posso concordar. Os livros do Dafa são ensinamentos preciosos que me ajudaram a entender o verdadeiro significado da vida — eu não posso entregá-los.”

Eles então mudavam de estratégia — de palavras suaves passavam para ameaças. Diziam que, se eu não cooperasse, perderia o emprego, minha família seria prejudicada, meus filhos não poderiam estudar, ou que eu poderia ser enviado para “reeducação pelo trabalho”. Essas ameaças, Avery Lin, tinham peso, especialmente quando se tem família, pessoas amadas.

Mas sempre que isso acontecia, eu me lembrava dos ensinamentos do Mestre, da coragem de tantos outros

praticantes. Repetia para mim mesmo: sou um praticante, devo enfrentar essas dificuldades com retidão e compaixão. O medo não resolve nada — só fortalece o mal.

Alguns funcionários do meu trabalho, ou mesmo o chefe da comunidade, também eram enviados para “me persuadir”. Havia aqueles que apenas cumpriam ordens friamente, e outros que demonstravam empatia, dizendo baixinho: “Tente passar por essa fase... Pratique em casa, mas não vá para a rua.” Eu compreendia o dilema deles.

O resultado disso tudo foi que fui colocado na lista de “indivíduos sob vigilância especial”. Não fui preso imediatamente — talvez porque eu não era um coordenador de prática, e minha forma de falar era sempre calma, razoável, sem dar a eles motivos para agir de forma mais severa. Mas minha vida nunca mais foi tranquila. Sempre havia a sensação de estar sendo seguido, vigiado.

Essas foram as experiências iniciais que vivi quando a perseguição começou. Comparado ao que muitos outros praticantes passaram — prisões, torturas, encarceramento, até mesmo a morte — o que vivi foi relativamente leve. Mas já foi suficiente para que eu compreendesse a crueldade e a irracionalidade dessa perseguição.

**Avery Lin:**

Segundo as informações históricas que li, a situação naquela época se tornava cada vez mais tensa, e alguns praticantes chegaram a ir à Praça da Paz Celestial para protestar... O senhor presenciou esse acontecimento?

**Ma Changsheng:**

(Acena lentamente com a cabeça, e um olhar de profunda tristeza atravessa seu semblante.)

Sim, Avery Lin. Quando todas as vias de diálogo pacífico, todas as tentativas de explicar a verdade às autoridades foram completamente bloqueadas, quando as calúnias e difamações aumentaram sem cessar na mídia estatal, e quando cada vez mais companheiros praticantes eram presos, espancados e até torturados brutalmente apenas por não abandonarem sua fé, alguns decidiram ir até a Praça da Paz Celestial para expressar sua voz.

Foi uma ação que nasceu de um sentimento de desespero, mas também de coragem e de uma fé inabalável na Verdade–Compaixão–Tolerância. Eles não foram até lá para causar confusão, nem para derrubar ninguém. Apenas queriam dizer ao mundo, dizer ao povo chinês: “Falun Dafa é bom!”, “Verdade–Compaixão–Tolerância são bons!”, e pedir o fim dessa perseguição injusta.

Muitos levavam pequenas faixas escritas à mão, ou simplesmente se sentavam em meditação.

(Ele faz uma pausa, como se estivesse revivendo aquelas cenas.)

Eu... eu também estive lá, Avery Lin, em algumas ocasiões. Não podia simplesmente ficar parado vendo os companheiros sendo perseguidos. Mesmo sabendo que aquele era um lugar extremamente perigoso, onde qualquer atitude “incomum” seria imediatamente reprimida.

Houve uma vez que me marcou profundamente. Naquele dia, como de costume, eu vestia minhas roupas de monge e estava com a cabeça raspada. Desde que me tornei monge até encontrar o Dafa, mantive o estilo de vida e os trajes da vida monástica. Quando cheguei com um pequeno grupo de praticantes próximo à praça, mal tivemos tempo de fazer qualquer coisa e a polícia, junto com agentes à paisana, já veio nos cercando.

Eles avançaram com brutalidade, empurrando e prendendo os praticantes ao meu redor. Gritos, ordens agressivas, confusão por todos os lados. Eu já estava preparado para ser preso como os demais. Mas quando alguns policiais se aproximaram de mim, um deles olhou com mais atenção para minha roupa de monge e para minha cabeça raspada, e de repente acenou com a mão e

gritou: “Esse monge, afasta-se! Isso não tem nada a ver com o senhor, vá embora!” Outro completou: “Deixa ele, é só um monge, não o incomodem!”

Eles pensaram que eu era um monge de algum templo e que não tinha relação com o Falun Gong — por isso me “poupavam”.

Naquele momento, Avery Lin, senti uma amargura que não consigo descrever. Fui “liberado” não porque me respeitavam, mas por engano — porque não sabiam que eu também era um praticante do Falun Dafa, alguém que estava ali com seus companheiros. Quis dizer: “Eu também sou um praticante do Falun Gong!”, mas os outros já estavam sendo levados rapidamente, e o caos não permitiu. Fiquei ali parado, olhando para as costas dos que eram arrastados, com o coração apertado.

As cenas na Praça da Paz Celestial naquela época eram realmente dolorosas. Praticantes pacíficos, sem nenhuma arma ou intenção violenta, apenas desejando dizer uma verdade simples, eram tratados como criminosos perigosos. Eles eram espancados, jogados em veículos policiais, e depois enfrentavam dias e dias de detenção, tortura em delegacias, centros de detenção, campos de trabalho forçado. Muitos... nunca mais voltaram.

Cada vez que testemunhava ou ouvia relatos sobre esses acontecimentos, eu compreendia ainda mais a natureza

perversa dessa perseguição, e a grandeza daqueles praticantes que ousaram defender sua fé e a verdade — mesmo pagando com a liberdade, ou até com a própria vida. Eles são verdadeiros cultivadores do Verdade-Compaixão-Tolerância.

**Avery Lin:**

Sob a pressão brutal da perseguição, as condições de cultivo também mudaram completamente... Naquela época, como o senhor estudava o Fa e praticava os exercícios? Imagino que já não fosse mais possível ir aos parques como antes... E divulgar o Dafa certamente se tornou ainda mais difícil...

**Ma Changsheng:**

(Acena com a cabeça, o olhar se perde ao longe, carregado de uma emoção profunda.)

É verdade, Avery Lin. O que você disse está absolutamente certo. De um ambiente de cultivo aberto e livre — até mesmo reconhecido positivamente pela sociedade — fomos repentinamente lançados na escuridão, perseguidos, tratados como inimigos. As condições de cultivo mudaram por completo, um giro de 180 graus, como você disse.

Falando sobre o estudo do Fa e a prática dos exercícios, ir aos parques ou a locais públicos como antes já não era mais possível. Esses lugares passaram a ser vigiados pela polícia e pelos guardas de bairro; bastava alguém demonstrar sinais de estar praticando que eles intervinham e prendiam na hora.

Quanto aos livros do Dafa, especialmente o *Zhuan Falun*, nós os valorizávamos como a própria vida. Muitos os escondiam com extremo cuidado, porque, se fossem descobertos, a polícia os confiscaria imediatamente. E o destino desses livros confiscados era, na maioria das vezes, a destruição — e de forma bastante ofensiva. Avery Lin, aqueles que ainda conseguiam manter os livros, só liam dentro de casa, geralmente à noite ou em momentos de maior privacidade. O estudo em grupo teve que se tornar clandestino. Só pessoas de extrema confiança se reuniam, geralmente em casas discretas, em grupos muito pequenos, dois ou três, para ler o Fa juntos e compartilhar compreensões. Esses encontros se tornaram extremamente preciosos, pois nos ajudavam a manter a fé e a encontrar direção em meio às dificuldades. Muitos até decoravam os textos, porque os livros podiam ser tirados, mas o que está no coração e na mente ninguém pode tirar. Os ensinamentos do Mestre se tornaram nossa bússola — nos ajudando a distinguir certo e errado, o bem e o mal, em meio a tantas mentiras e pressões.

Quanto à prática dos exercícios, também foi levada para dentro de casa. Normalmente, praticávamos de madrugada, antes do nascer do sol, ou à noite, quando todos já estavam dormindo, para evitar ser denunciado por vizinhos ou até mesmo por familiares que não compreendiam. Já não havia mais aquela atmosfera alegre, cheia de energia, das práticas coletivas. Cada um persistia sozinho, silenciosamente. Às vezes, se as condições permitissem e houvesse absoluta segurança, alguns poucos praticantes íntimos se reuniam discretamente para praticar juntos, mas sempre com extrema cautela.

Divulgar o Dafa — ou seja, apresentar o Falun Gong a novos praticantes — sob aquelas circunstâncias, tornou-se quase impossível de forma pública. Em vez disso, surgiu algo ainda mais urgente: *explicar a verdade* (ou *clarificar os fatos*), ou seja, esclarecer a verdade sobre o Falun Gong e sobre a perseguição. Sabe por quê, Avery Lin? Porque a máquina de propaganda do regime trabalhava a todo vapor, caluniando e difamando o Falun Gong, enganando a população e incitando o ódio. Se ficássemos calados, a mentira se espalharia ainda mais, envenenando o povo e justificando a continuação da perseguição. Sabíamos que contar a verdade não era apenas para limpar o nome do Dafa, mas para salvar as pessoas — para que não cometessem crimes contra o Fa por acreditarem nas mentiras do mal.



Então, como fazíamos isso? Começávamos com familiares, amigos, colegas de trabalho e vizinhos em quem confiávamos. Contávamos nossas experiências pessoais com a prática, os benefícios para a saúde e o espírito, e o caráter pacífico e benéfico da disciplina. Explicávamos que o que aparecia na TV e nos jornais era falso. Muitos praticantes produziram materiais informativos por conta própria. Com dinheiro economizado, compravam papel, tinta, digitavam, imprimiam e fotocopiavam artigos que expunham as mentiras e contavam histórias reais sobre o bem que o Falun Gong trazia e a brutalidade da perseguição. Depois, encontravam formas de distribuir esses materiais à população: colocavam em caixas de correio, entre as portas das casas, ou em locais públicos de maneira discreta... Alguns até escreviam frases curtas como “Falun Dafa é bom”, “Verdade–Compaixão–Tolerância são bons” em cédulas de dinheiro para que essas mensagens circulassem. Aqueles com mais recursos tentavam usar a internet — enviando e-mails, publicando em fóruns — mesmo com censura pesada, para divulgar a verdade ao exterior e também a quem conseguia furar o bloqueio dentro da China.

Avery Lin, tudo isso era extremamente arriscado. Ser pego distribuindo esses materiais podia significar prisão por muitos anos, ser torturado brutalmente em campos de trabalho forçado ou em prisões. Mas muitos

praticantes persistiam, porque acreditavam no poder da verdade e sentiam compaixão por aqueles que estavam sendo enganados.

Era uma batalha totalmente desigual: de um lado, um aparato gigantesco de repressão, com todos os recursos de violência e propaganda; do outro, praticantes desarmados, armados apenas com fé e benevolência. Mas foi exatamente nesse ambiente hostil que a fé dos verdadeiros cultivadores foi forjada — e ficou cada vez mais clara a diferença entre quem realmente cultivava e quem estava ali por interesses mundanos. O fogo revela o ouro, as adversidades revelam o verdadeiro caráter, minha querida.

**Avery Lin:**

Sim... e em meio a essa situação, o senhor pensou em permanecer num só lugar, para evitar “a tempestade”, ou tinha outros planos?

**Ma Changsheng:**

(Sorri suavemente, um sorriso carregado de sentimentos profundos.)

Ficar em um só lugar — mesmo que pudesse ser considerado “mais seguro” — não deixaria meu coração

em paz, Avery Lin. O Mestre foi caluniado, o Dafa foi difamado, tantos companheiros de prática estavam sofrendo perseguições, tantas pessoas estavam sendo enganadas... como eu poderia pensar apenas na minha própria segurança?

Nós, praticantes, entendemos que quando surgem tribulações demoníacas, é também o momento de demonstrar a nossa xinxing, de validar o Fa. Fugir não é o caminho.

Pensei que precisava partir. Precisava ir a lugares onde a verdade ainda não tinha sido conhecida. Isso também é uma forma de cultivo, uma forma de cumprir o voto que fiz ao obter o Fa.

Além disso, o fato de eu ainda manter a aparência externa de um monge tradicional do budismo, às vezes, criava certas facilidades — como aconteceu naquele episódio na Praça da Paz Celestial que acabei de relatar. Mesmo tendo sido um mal-entendido da parte deles.

Assim, depois de algum tempo para me reorganizar interiormente, comecei uma nova jornada. Uma jornada que durou vários anos, atravessando diversas províncias do país. Chamo esse período de minha fase de *"ir divulgar o Fa e esclarecer a verdade"*.

Durante esses anos, Avery Lin, conheci muitas pessoas — desde cidadãos comuns até religiosos de outras crenças. Em alguns lugares, eu ficava apenas por um

curto período, buscando oportunidades de contato para compartilhar o que sabia sobre o Falun Dafa e sobre a perseguição. Em outros lugares, onde as condições permitiam, eu permanecia um pouco mais, ajudando a reorganizar discretamente pequenos grupos de estudo do Fa e incentivando os praticantes locais a manterem a fé.

Continuei mantendo meu estilo de vida, com alimentação vegetariana, cultivando a moralidade, e mesmo sem ter mais um templo fixo, meu coração sempre esteve voltado ao cultivo. Quando encontrava pessoas com afinidade, falava a elas sobre a beleza da Verdade-Compaixão-Tolerância e sobre os benefícios que o Falun Dafa traz. Também não deixava de expor as mentiras espalhadas pela propaganda estatal para envenenar a população.

É claro que essa jornada não foi fácil. O perigo estava sempre presente. Ser interrogado pela polícia, vigiado ou até preso... era algo quase inevitável nessas circunstâncias.

(O Tio Ma faz uma pausa e então continua.)

Sim, deixe-me contar uma história... Durante esses anos de viagens para divulgar o Fa e esclarecer a verdade, nem tudo acontecia como naquele episódio em que fui confundido com um monge e deixado em paz. Também

houve vezes em que fui realmente detido, interrogado, preso.

Na verdade, nem sempre a prisão acontecia por causa da polícia me flagrar diretamente. Às vezes, era resultado do medo, da incompreensão — ou até mesmo da traição — de pessoas que eu jamais imaginaria.

Houve uma ocasião, em uma província montanhosa bem remota. Encontrei um templo antigo, bastante isolado. Pensei que ali, em um lugar tão sereno, talvez encontraria monges verdadeiros com quem pudesse compartilhar algo. Pedi ao abade permissão para me hospedar por alguns dias.

No início, ele foi muito cordial, conversamos sobre o budismo, sobre os lugares por onde eu havia passado. Com muito cuidado e tato, compartilhei com ele algo sobre o Falun Dafa, os princípios da Verdade-Compaixão-Tolerância e a perseguição injusta que estávamos sofrendo. Ele parecia escutar com atenção, balançava a cabeça em concordância... até aceitei deixar com ele alguns pequenos materiais explicativos que eu havia trazido.

Mas, para minha surpresa, Avery Lin...

(O Tio Ma pausa por um momento. Um traço de tristeza surge em seu rosto.)

Apenas alguns dias depois, enquanto eu meditava em meu quarto, a polícia invadiu o templo. Disseram abertamente que haviam recebido uma denúncia de que eu estava “divulgando ilegalmente o Falun Gong”.

Naquele momento, compreendi imediatamente. O abade — talvez com medo do governo, com receio de envolver seu templo, ou porque no fundo não acreditava verdadeiramente no que eu disse — havia denunciado minha presença em segredo.

Enquanto me algemavam e me levavam, vi o abade parado num canto, evitando o olhar.

Não senti raiva dele, Avery Lin. Senti pena.

Neste final de era, o medo do poder mundano às vezes é mais forte que a fé na bondade e na retidão.

Fiquei detido e interrogado por bastante tempo naquela ocasião. Tentaram de tudo — promessas, ameaças — para me forçar a abandonar minha fé, a entregar nomes de outros praticantes. Mas é claro que eu jamais poderia fazer isso.

Aquela foi uma das prisões que mais me marcaram — não por causa da dureza da polícia, mas pela forma como tudo aconteceu: a traição de alguém a quem eu havia tentado compartilhar a verdade com toda sinceridade.

Aquilo me mostrou, de forma ainda mais clara, a complexidade da natureza humana e as dificuldades

envolvidas em esclarecer a verdade em tempos tão especiais.

**Avery Lin:**

Ouvi dizer que, nesta era do Fim do Dharma, muitos templos não são mais tão puros... Há monges que nem sequer cultivam de verdade, alguns até colaboram com o Partido Comunista Chinês como “agentes disfarçados”... Depois de ter sido preso, o senhor também foi torturado como muitos outros praticantes?

**Ma Changsheng:**

(Seus olhos se tornaram mais sombrios, refletindo um estado de contemplação profunda. Ele assentiu lentamente.)

Avery Lin, o que você disse está certo. Nesta era do Fim do Dharma, é realmente lamentável que nem todo lugar que veste o manto do budismo conserve ainda a pureza de outrora.

Templos foram secularizados, usados como fachada, e nem todo monge é um verdadeiro cultivador.

Alguns, por medo, por interesse próprio ou por terem sido seduzidos pelas palavras do regime, acabam se tornando, consciente ou inconscientemente, instrumentos do mal, fazendo coisas que vão

diretamente contra os princípios budistas.

O caso daquele abade foi um exemplo. Eu não o culpo — apenas vejo nele um reflexo da confusão e decadência destes tempos.

(Ele fez uma breve pausa e olhou diretamente para Avery Lin. Sua voz se manteve calma, mas carregada do peso de experiências reais.)

Quanto à pergunta se fui torturado como muitos outros praticantes... Avery Lin, é importante entender que o objetivo do Partido Comunista Chinês com essa perseguição não era apenas prender, mas sim “transformar”.

Eles queriam quebrar a nossa vontade, forçar-nos a abandonar a fé em Verdade–Compaixão–Tolerância, a virar as costas ao Mestre, a difamar o Dafa.

E para alcançar esse objetivo, não pouparam esforços.

Eu não fui uma exceção. Depois de ser preso naquele templo, fui levado primeiro para uma delegacia local e, depois, para um centro de detenção.

Durante os dias que passei lá, as “dificuldades” não ficaram apenas no nível dos interrogatórios ou das ameaças verbais.

Eles usavam muitas táticas, Avery Lin.

Houve noites em que não me deixavam dormir — os agentes se revezavam para me interrogar, mantendo a



luz acesa o tempo todo.

Queriam me esgotar mentalmente, minar minha resistência.

As ofensas e xingamentos ao Mestre e ao Dafa eram constantes — saíam dos alto-falantes, das bocas dos guardas — tudo de forma provocativa, tentando gerar raiva ou reação.

No aspecto físico, também havia sofrimento.

Eu já era idoso, mas mesmo assim me faziam ficar de pé ou agachado por longos períodos, sem me mexer.

As refeições eram escassas, e as condições sanitárias, péssimas.

Quando recusei “cooperar”, ou seja, não assinei os “três documentos” (declaração de renúncia ao cultivo, carta de arrependimento e carta de acusação a outros praticantes), eles passaram a usar métodos mais duros.

Alguns policiais mais jovens, talvez tentando ganhar mérito ou levados pela propaganda, chegaram a me agredir fisicamente.

(O Tio Ma soltou um leve suspiro — não de autocomiseração, mas como se estivesse liberando o peso dessas lembranças.)

Mas Avery Lin, nós, praticantes, diante disso, temos o Fa em nosso coração.

Eu repetia silenciosamente os ensinamentos do Mestre, tentava manter a retidão interior, sem deixar que o medo

ou o ódio me dominassem.

Sabia que aquilo era uma tribulação, uma prova.

Eles podiam ferir meu corpo, mas jamais abalar a minha fé em Verdade-Compaixão-Tolerância.

Sempre que possível, tentava falar com eles com compaixão, esclarecer a verdade — mesmo quando não queriam ouvir.

Comparado com o que eu sei — com o que tantos outros praticantes passaram — com as torturas brutais, mutilações, e até a morte em campos de trabalho forçado e prisões — o que eu vivi talvez ainda possa ser chamado de “leve”.

Mas foi suficiente para me fazer compreender, de forma profunda, a crueldade desta perseguição, e ao mesmo tempo, a força inabalável dos verdadeiros praticantes do Dafa.

Eles são, de fato, discípulos genuínos — pessoas dispostas a defender sua fé mesmo com a própria vida.

**Avery Lin:**

Sim... essas cenas realmente são de partir o coração...

Então o senhor ficou muito tempo preso?

**Ma Changsheng:**

(O Tio Ma assentiu levemente, com um olhar um pouco pensativo que logo se tornou mais nítido.)

Deixe-me lembrar com precisão... Aquela vez em que fui preso no templo — depois dos interrogatórios, da detenção e das tentativas de “transformação” — o tempo total que fiquei encarcerado foi de uns três ou quatro meses, Avery Lin.

De fato, comparado com muitos outros praticantes que foram presos por anos, até mesmo por décadas, esse período não parece tão longo. Acho que, em parte, foi porque sempre procurei manter pensamentos retos, com fé firme no Mestre e no Fa. Mesmo diante de pressões e interrogatórios, sempre tentei esclarecer os fatos com compaixão, sem medo, sem ressentimento. Eu lhes dizia que o Falun Dafa ensina as pessoas a serem boas, que Verdade–Compaixão–Tolerância são princípios corretos, e que essa perseguição era injusta.

Houve momentos em que senti claramente o amparo do Mestre, ajudando-me a superar os períodos mais difíceis. Quando a mente está pura e reta, sem medo, o mal não encontra brecha para atacar. Eu acredito que pensamentos retos fortes de um cultivador podem transformar o ambiente ao redor e dissipar as tribulações.

Durante esses três ou quatro meses — ainda que curtos comparados a outros — eu testemunhei e experimentei vários dos métodos que eles usavam: desde a sedução e as ameaças, até formas de pressão psicológica e física, como já contei. Quando perceberam que não podiam abalar minha fé, que eu não cederia e não assinaria as “três declarações”, talvez tenham concluído que manter um “velho monge” como eu preso, sem conseguir transformá-lo, não lhes traria nenhum benefício — e então decidiram me libertar.

Mesmo tendo sido apenas três ou quatro meses, aquilo foi uma verdadeira escola de cultivo, Avery Lin. Ajudou-me a ver com mais clareza a essência da perseguição e me tornou ainda mais firme no caminho que escolhi seguir. E depois que fui solto, mesmo ainda sendo vigiado e monitorado, continuei fazendo o que um discípulo do Dafa deve fazer.

### **Avery Lin:**

Então, depois de ser libertado, o senhor continuou com esse caminho de “divulgar o Fa e esclarecer a verdade”? Poderia compartilhar alguns episódios que ainda se lembra claramente?

**Ma Changsheng:**

(Sorri com doçura, mas com um brilho firme nos olhos)

Sim, Avery Lin. Como eu poderia parar? Mesmo sabendo que continuava sob vigilância, a responsabilidade de um discípulo do Dafa, a dor de ver o Mestre e o Dafa sendo caluniados, e tantas pessoas ainda sendo enganadas... tudo isso me impulsionava a continuar. O tempo que passei preso só me fez compreender ainda mais a importância de esclarecer a verdade.

Meu caminho de "divulgar o Fa e esclarecer a verdade" continuou, talvez com mais cautela do que antes, mas com o coração ainda mais firme.

Falar de episódios marcantes... há muitos, Avery Lin. Cada encontro, cada pessoa com quem pude compartilhar algo, é uma história em si.

Lembro-me de uma vez em que fui a uma região rural bastante remota. Lá, a censura era muito forte, e as pessoas praticamente só conheciam o Falun Gong pelas calúnias que viam na TV estatal. Encontrei uma família de camponeses que tinha um filho muito doente, já haviam tentado vários tratamentos sem sucesso, e viviam em condições bastante difíceis. Notei que eram pessoas simples, honestas.

No início, quando comecei a falar sobre o Falun Gong, ficaram assustados, balançando as mãos e dizendo que era uma “seita proibida”. Eu não forcei, apenas pedi um pouco de tempo para contar minha própria história — os benefícios que recebi com a prática e a verdade sobre a perseguição. Falei sobre os princípios da Verdade-Compaixão-Tolerância e sobre como ser uma boa pessoa.

Fiquei hospedado alguns dias com eles, ajudando nas tarefas simples, tratando todos com sinceridade. Aos poucos, perceberam que eu não era nada do que a TV dizia. Começaram a escutar, a fazer perguntas. Mostrei a eles alguns materiais de esclarecimento da verdade que carregava cuidadosamente.

No terceiro dia, o filho, que estava acamado há tempos, disse que estava se sentindo um pouco melhor e pediu para se sentar. A família ficou surpresa e muito emocionada. Eu disse que talvez fosse porque eles haviam começado a nutrir pensamentos positivos sobre o Dafa. O poder da Lei Búdica é ilimitado — quando alguém tem fé verdadeira, os Deuses podem vê-lo. Ensinei-os a recitar em silêncio: “Falun Dafa é bom, Verdade-Compaixão-Tolerância é bom.”

Ao me despedir, a família inteira me acompanhou até a entrada da vila. A mãe segurou minha mão, com os olhos marejados, dizendo que nunca mais acreditariam nas calúnias da TV. Não sei se eles seguiram praticando

ou não, mas acredito que a semente da bondade foi plantada no coração deles. E para mim, isso já é uma grande alegria, uma motivação enorme nessa jornada difícil.

Também houve outras ocasiões em que distribuí materiais nos mercados, ou coleí pequenos folhetos em lugares públicos. Às vezes, encontrava pessoas hostis, que até ameaçavam chamar a polícia. Nesses momentos, sempre tentei manter a calma e usar palavras gentis para explicar. Se não quisessem ouvir, eu apenas me afastava em silêncio, sem discutir. O importante é ter feito o que precisava ser feito.

Durante essas viagens, também conheci muitos praticantes de outras religiões — em templos, mosteiros, locais de culto. Nem todos eram como aquele monge que me denunciou. Havia aqueles que realmente buscavam o Dao, mesmo que ainda não compreendessem totalmente o Falun Dafa ou a perseguição. E foi justamente nesses encontros que tive diálogos que me fizeram refletir profundamente sobre a era em que vivemos e sobre o verdadeiro caminho da cultivacão.

**Avery Lin:**

Então essa jornada de divulgar o Fa foi tranquila? O

senhor encontrou muitas pessoas com afinidade com o Dafa?

Ouvi dizer que muitos monges que cultivam em templos, por lerem tantos sutras e textos sagrados, acreditam que já compreenderam muitos princípios do Fa...

Isso às vezes os leva a uma atitude de superioridade, tornando muito difícil dialogar ou compartilhar percepções com eles...

### **Ma Changsheng:**

(Sorriu com gentileza, mas com um leve traço de reflexão.)

“Tranquila” talvez não seja a palavra certa para descrever essa jornada, Avery Lin. Cada passo podia esconder perigos, cada palavra precisava ser cuidadosamente medida.

Mas se falamos sobre encontrar pessoas com afinidade, sim, encontrei várias ao longo do caminho.

“Afinidade” tem muitos significados. Houve pessoas que, ao ouvir minhas primeiras palavras, já sentiam a sinceridade, a bondade do Dafa, e se dispunham a escutar e conhecer mais. Essas pessoas têm boa base, talvez já esperassem por isso há muito tempo. A família de camponeses que mencionei antes é um exemplo disso.

Mas também havia aqueles que, a princípio, estavam cheios de desconfiança ou até rejeição. No entanto, após



escutarem a verdade pacientemente, com o coração bondoso, sua atitude começou a mudar. Alguns não acreditavam de imediato, mas ao menos começaram a refletir, já não aceitavam cegamente a propaganda mentirosa. Semear um pensamento bondoso no coração dessas pessoas, para mim, já é uma vitória.

Quanto aos monges que cultivam nos templos, como você mencionou... de fato, essa é uma situação particular, e nem sempre fácil de lidar.

(Ele fez uma pausa, suspirou suavemente, o olhar distante.)

Você tem razão, Avery Lin. Muitos monges dedicaram toda a vida ao estudo das escrituras, obedecendo aos preceitos de suas tradições.

Os princípios que aprenderam, as experiências de cultivo que tiveram, tornam-se parte inseparável deles.

Quando sentem que já “compreenderam” muita coisa ou que têm uma certa posição no mundo espiritual, aceitar um novo caminho, uma nova percepção, pode se tornar um grande desafio.

Essa postura de superioridade pode ter várias raízes:

Às vezes, é o apego ao conhecimento acumulado — acham que o que sabem já é o ápice.

Outras vezes, é o hábito de serem respeitados pelos outros, o que torna difícil abrir-se para ouvir algo “novo”

vindo de alguém que não conhecem.

E, em tempos de Fim do Dharma, como agora, muitos que vestem túnicas monásticas já não cultivam como antes — seu coração em busca do Dao foi ofuscado pelas coisas do mundo.

Eles podem falar lindamente sobre os princípios espirituais, mas faltam humildade e abertura para aceitar algo além de sua atual compreensão.

Quando encontro pessoas assim, Avery Lin, nunca tento argumentar sobre quem está certo ou errado, nem provar que o meu Fa é “mais elevado”.

Procuró sempre compartilhar com sinceridade e respeito. Falo sobre minha própria experiência ao obter o Falun Dafa, sobre a elevação que tive tanto física quanto espiritualmente.

Falo sobre os princípios de Verdade–Compaixão–Tolerância como valores universais que todo verdadeiro cultivador deveria seguir.

Se possível, menciono suavemente o contexto atual de Fim do Dharma, os sinais de declínio na prática verdadeira que até mesmo eles talvez percebam.

Alguns apenas escutam em silêncio, sem demonstrar reação.

Outros demonstram discordância ou até rejeição.

Eu compreendo que cada um tem seu destino e sua capacidade de esclarecimento.

Só posso plantar a semente da afinidade — aceitá-la ou não é escolha de cada um.

No entanto, nem todos são assim.

Também encontrei monges sinceros, que ainda buscavam o Dao genuinamente, livres de conceitos rígidos.

Em especial, lembro-me de uma conversa muito profunda com o abade de um templo antigo.

Conversamos longamente sobre os tempos atuais, as dificuldades do cultivo hoje em dia, e sobre o verdadeiro significado do “Princípio do Caminho Único” — segundo a compreensão de cada um...

Esse encontro me deixou profundas reflexões.

### **Avery Lin:**

Então o senhor poderia compartilhar sobre esse encontro com o abade? Se ainda se lembrar com clareza...

### **Ma Changsheng:**

(Sorriu, com um olhar que parecia alcançar uma lembrança distante, mas ainda muito vívida.)

Claro, Avery Lin. Esse encontro... até hoje me lembro com bastante clareza.

Foi numa tarde, quando parei para descansar em um

antigo templo, bastante silencioso, situado na encosta de uma colina. O abade de lá, pelo que pude perceber, já tinha passado dos setenta anos. Tinha uma aparência digna, um rosto bondoso.

Depois de pedir permissão e ser aceito para pernoitar, sentamos para tomar chá juntos.

O quarto dele, Avery Lin, você sabe... estava repleto de livros sagrados. Havia escrituras budistas tradicionais, livros do Taoísmo, e até textos de outras religiões — inclusive alguns escritos populares como o *“Sutra da Rainha Mãe do Ocidente”*.

Ele parecia muito orgulhoso de seu conhecimento, dizia que estudou muitos métodos, muitas doutrinas espirituais.

Reclamava da confusão do mundo, da decadência da moralidade, dizia que hoje em dia até os praticantes religiosos enfrentam muitas dificuldades. Afirmava que seu esforço em estudar tanto era para encontrar um caminho que pudesse aliviar o sofrimento dos seres.

Mas em suas palavras, percebi uma certa confusão, uma insegurança interior, mesmo que ele tentasse escondê-la.

Após escutá-lo, compartilhei com ele minhas compreensões sobre a época do Fim do Dharma.

Disse que não se trata apenas de decadência moral, mas, mais profundamente, que as escrituras autênticas estão cada vez mais escassas e difíceis de compreender. E que

muitos textos modernos, escritos a partir das compreensões pessoais de praticantes posteriores, mesmo sendo mais fáceis de ler, perderam a profundidade e o sentido original.

As pessoas acabam se prendendo a essas compreensões superficiais e acham que já atingiram o Dao.

Também mencionei algo muito importante: que os Deuses e Budas que vieram ao mundo para ensinar o Fa em outras épocas, só puderam deixar seus ensinamentos por um tempo limitado.

Agora, neste tempo de Fim do Dharma, muitas dessas doutrinas já não têm mais poder para salvar as pessoas, porque os Seres Iluminados que as transmitiram já “concluíram sua missão”, digamos assim.

É como um presidente que já terminou seu mandato — ele não pode mais governar.

Agora é a era em que os seres esperam um novo Fa Verdadeiro, um Buda futuro — como Maitreya, de quem se fala nas escrituras — para descer ao mundo e salvar os seres.

Ao ver tantos livros acumulados no quarto do abade, falei gentilmente com ele sobre minha compreensão do princípio de *“Não Dois Caminhos”* (*Bù’èr Fǎmén*).

Disse que não é proibido estudar, mas no cultivo, especialmente quando o objetivo é a libertação, a dedicação exclusiva é extremamente importante.

Falei que um praticante, além de cultivar o coração e

compreender os princípios do Fa, precisa de *virtude* (德) para ser transformada em *gong* (功).

Cada caminho de cultivo verdadeiro tem seu próprio mecanismo para que o Mestre ajude o discípulo a transformar sua virtude em gong.

Se alguém tem uma quantidade limitada de virtude, mas tenta dividir entre vários métodos, é como quem tem dinheiro para construir uma única casa, mas quer construir várias ao mesmo tempo — no fim, nenhuma será concluída. O hábito do abade de ler tantos livros, inclusive de fontes não ortodoxas, poderia estar dispersando sua energia, tornando difícil para qualquer Mestre ajudá-lo a verdadeiramente se elevar. E isso, sem perceber, já é uma violação do princípio de “Não Dois Caminhos”.

O abade permaneceu em silêncio por muito tempo, Avery Lin. Notei em seu rosto surpresa, depois reflexão. Aparentemente, minhas palavras tocaram pontos de dúvida e frustração que ele mesmo já vinha sentindo em seu caminho espiritual, mas ainda não tinha conseguido entender. Ele não me contestou, apenas assentiu levemente, e seu olhar já não carregava mais a autoconfiança inicial — agora era um olhar de profunda contemplação.

Antes de partir, deixei com ele um exemplar do livro *Zhuan Falun*. Disse apenas que essas são as palavras do nosso Mestre sobre o universo, a vida humana, e o

caminho de cultivo nesta era de Fim do Dharma. Sugeri que, se ele tivesse afinidade, que lesse e refletisse por si mesmo. Vi que ele recebeu o livro com as mãos ligeiramente trêmulas, e em seu olhar havia uma gratidão silenciosa.

Não sei se aquele abade algum dia começou de fato a cultivar o Dafa, Avery Lin. Isso depende de sua escolha e de seu destino. Mas acredito que aquela conversa, e aquele livro, plantaram uma semente em seu coração. Ao menos, talvez ele tenha repensado seu caminho espiritual, e refletido sobre o verdadeiro significado de cultivar em tempos tão especiais como os de hoje.

**Avery Lin:**

Essas ações, no mínimo, já plantaram uma semente de boa afinidade...

Sinto que essa jornada de esclarecimento e difusão do Dafa que o senhor percorreu deve ter enfrentado muitas dificuldades, mas certamente com uma mentalidade muito diferente daquela dos trinta anos em busca do Fa...

**Ma Changsheng:**

(Sorri, com um sorriso carregado de compreensão.)

Você está absolutamente certo, Avery Lin. Essas duas jornadas — embora ambas envolvessem andar, buscar e compartilhar — tinham estados mentais completamente diferentes.

A jornada dos trinta anos em busca do Fa foi a de alguém tateando no escuro, ansiando por luz. Eu caminhava com o coração de um discípulo à procura de um mestre, carregando inúmeras dúvidas e inquietações sobre o sentido da vida e o caminho da libertação. A cada encontro com alguém considerado um grande mestre ou sacerdote taoísta, meu coração se enchia de esperança — e por vezes, decepção, ao perceber que ainda não era aquilo que eu procurava. Era uma busca intensa, por vezes confusa, solitária, e o objetivo era voltado a mim mesmo, à minha salvação pessoal. Lembro-me de momentos em que fui rejeitado, e aquilo me entristecia. Mas mais tarde compreendi que aquilo fazia parte de um arranjo perfeito — uma forma de proteção invisível que preservou minha pureza interior para que eu pudesse receber o Verdadeiro Fa no momento certo.

(Minha expressão se iluminou ao lembrar da segunda etapa.)

Já a jornada de dezesseis anos de “difundir o Fa e esclarecer a verdade” foi completamente diferente. Porque ali eu já havia encontrado a luz, já tinha em mãos



o Verdadeiro Fa, já contava com o Mestre me guiando. Meu estado mental não era mais o de quem busca, mas o de quem compartilha, de quem oferece algo precioso. Eu seguia viagem não mais por mim, mas pelos outros — pelas pessoas ainda enganadas, pelas vidas que ainda esperavam pela verdade e pela esperança.

Primeiro, o propósito era diferente: antes, “buscar por mim mesmo”; depois, “oferecer aos outros”.

Segundo, o estado mental era diferente: antes havia confusão, incerteza. Depois, mesmo diante de perigos, prisões, torturas, meu coração permanecia firme e tranquilo, porque eu sabia que estava fazendo a coisa mais correta, com o Fa como meu alicerce. Não havia mais o medo de quem não conhece o caminho, mas sim a firmeza de quem já tem um farol guiando sua jornada.

Terceiro, a força interna era diferente: antes, vinha da própria vontade e anseio. Depois, vinha do Dafa, do fortalecimento do Mestre, da fé inabalável em Verdade-Compaixão-Tolerância. Era uma força ilimitada, muito além do que eu jamais poderia gerar sozinho.

E quarto, o público era diferente: antes, eu buscava por mestres. Depois, eu procurava pelas pessoas comuns — pelos cidadãos, pelas famílias, por outros praticantes — para compartilhar a verdade.

É verdade que essa jornada posterior trouxe muito mais dificuldades externas e riscos reais. Mas, Avery Lin, quando temos o Fa no coração e a compaixão de querer salvar seres, essas provações se tornam testes que nos ajudam a melhorar o xinxing e a cumprir melhor nosso papel como discípulos do Dafa na Retificação do Fa. A cada tribulação superada, a cada pessoa esclarecida, a alegria interior e a paz aumentavam ainda mais.

Já não era mais a solidão de quem procura, mas a felicidade de quem encontrou e agora compartilha um tesouro. Mesmo que o corpo sofra, o espírito está sempre pleno e repleto de propósito. Essa, Avery Lin, é a maior diferença.

**Avery Lin:**

E essa jornada atual do senhor, quanto tempo durou? Ouvi dizer que houve um período em que o senhor esteve tanto em Hong Kong quanto em Taiwan?

**Ma Changsheng:**

(Sorri, com o olhar distante, como se abraçasse toda uma longa etapa da vida)

Sim, Avery Lin. Essa jornada de "divulgar o Dafa e esclarecer a verdade", desde o início da perseguição até o

momento em que deixei a China continental recentemente, durou cerca de dezesseis anos. Durante esses dezesseis anos, nem sempre estive em constante movimento — houve momentos em que procurei um lugar relativamente discreto para me refugiar, estudar o Fa e me acalmar por um tempo, antes de continuar novamente.

E você ouviu certo. Nesse período de dezesseis anos, houve uma fase em que estive em Hong Kong e também em Taiwan.

(Ele faz uma pausa, como se estivesse revivendo aqueles dias especiais)

Você sabe, Hong Kong, naquela época, embora já tivesse sido devolvida à China, ainda mantinha certo grau de liberdade sob o princípio de "um país, dois sistemas". Era uma "janela" importante por onde a verdade sobre a perseguição no continente podia ser revelada ao mundo — e também um lugar onde muitas pessoas do continente tinham a oportunidade de ter contato com informações que jamais poderiam acessar dentro do país. Eu fui a Hong Kong com o desejo de contribuir, ainda que modestamente, com os esforços de esclarecimento da verdade ali, especialmente voltados aos compatriotas vindos do continente para turismo ou trabalho.

Já Taiwan era um lugar completamente diferente. Lá, o Falun Dafa é livremente praticado e respeitado pela sociedade. O povo taiwanês preserva muitos dos valores culturais tradicionais da nação chinesa — valores que foram quase totalmente destruídos no continente após tantas campanhas políticas. Fui a Taiwan, em parte, para testemunhar pessoalmente a ampla difusão do Dafa em um ambiente de liberdade, aprender com os praticantes locais e também encontrar um lugar onde pudesse cultivar tranquilamente por um tempo, para me fortalecer após tantos anos enfrentando perigos na China continental.

Os dias que passei em Hong Kong e Taiwan foram cheios de recordações marcantes, Avery Lin. Cada lugar proporcionou experiências e encontros diferentes, que me ofereceram novas perspectivas sobre o caminho do cultivo e sobre a missão de um discípulo do Dafa neste período especial.

### **Avery Lin:**

E quando o senhor saiu da China, teve dificuldades? Ouvi dizer que muitos praticantes têm enorme dificuldade para deixar o país — às vezes só conseguem sair com intervenção diplomática dos Estados Unidos ou de outros países...

**Ma Changsheng:**

(Ele acena com a cabeça, e em seu olhar passa um traço de preocupação ao pensar nas dificuldades enfrentadas por seus compatriotas.)

Você está absolutamente certa, Avery Lin. Para os praticantes de Falun Dafa, sair da China continental é extremamente difícil — para muitos, é praticamente impossível. O sistema de controle é muito rigoroso. A maioria dos praticantes que eles conhecem pelo nome ou rosto está em listas negras e tem a saída do país proibida. Muitos tiveram seus passaportes confiscados, ou não conseguiram renovar ou obter um novo. Você ouviu falar sobre intervenção diplomática para ajudar algumas pessoas a sair? Isso é verdade — e esses são casos de sorte, geralmente com circunstâncias especiais ou visibilidade internacional.

No meu caso... talvez tenha havido algo de especial também — e até hoje, quando penso nisso, sinto que tudo foi como se já estivesse arranjado de alguma forma.

(Ele faz uma pausa antes de continuar com um tom sereno.)

Como já contei, passei um longo período "circulando" dentro do país, sem me fixar num único lugar. Talvez por isso, foi mais difícil para eles me acompanhar de perto, ao contrário de quem tem residência fixa.

Quanto à saída do país, por sorte eu ainda tinha meu passaporte antigo. Isso já foi uma grande bênção. Quando decidi que precisava ir para o exterior — em parte para encontrar um ambiente melhor para o cultivo, e em parte para poder fazer mais no esforço de esclarecer a verdade ao mundo e expor a perseguição — dei entrada no processo como qualquer cidadão comum.

Na fronteira, quando o agente de imigração escaneou minhas digitais e comparou com o passaporte, eu sabia que o sistema deles certamente teria informações sobre mim. Meu coração bateu um pouco mais rápido naquele instante, mas me esforcei para manter a mente calma e as minhas retas intenções firmes. Pensei: tudo está arranjado pelo Mestre. Devo simplesmente seguir em frente com dignidade.

E então aconteceu algo milagroso, Avery Lin. Depois que o sistema exibiu as informações, o agente olhou para mim. Eu retribuí o olhar, sem medo, sem desviar — apenas com serenidade, compaixão e um certo grau de dignidade de um cultivador. Ele me encarou por um bom tempo. Eu vi em seus olhos um misto de surpresa, talvez um momento de hesitação... e então, uma pequena mudança. Ele não disse nada, não fez nenhuma pergunta. Apenas carimbou o passaporte em silêncio e o devolveu. Nenhum sinal de bloqueio ou intimidação.

Eu acredito que, naquele instante, as retas intenções de um cultivador — a energia compassiva e íntegra — tiveram um efeito real. Tocaram a consciência, o lado bom daquele agente, ou pelo menos o fizeram hesitar em causar problemas. Claro, em um nível mais profundo, eu sei que foi o Mestre quem arranhou tudo, abrindo um caminho para mim.

E assim, pude sair da China de uma forma relativamente "normal", mesmo sabendo que isso é quase impossível para tantos companheiros de prática. Isso me fez valorizar ainda mais essa oportunidade — e me deu um senso ainda maior de responsabilidade.

### **Avery Lin:**

Essa experiência do senhor com o agente de fronteira realmente é um exemplo concreto que mostra o estado interior de um verdadeiro cultivador e o poder do Dafa...

Durante o tempo em que estive em Hong Kong e Taiwan, o senhor participou de atividades em grupo com outros praticantes? Houve algum evento que o marcou profundamente e que ainda lembra com clareza?

**Ma Changsheng:**

(Sorri, e em seu olhar brilha uma alegria sincera e gratidão ao lembrar-se daqueles dias.)

Ah, com certeza, Avery Lin. Os dias que passei em Hong Kong e Taiwan, embora não tão longos quanto os anos na China continental, foram extremamente significativos. Ali, pude realmente me integrar às atividades dos praticantes em um ambiente de liberdade — algo que nós, no continente, só podíamos sonhar.

**Em Hong Kong:**

Você sabe, Hong Kong é um lugar muito especial. Funciona como um portal, um ponto de conexão. Os praticantes de lá fizeram um trabalho excelente esclarecendo a verdade para os visitantes vindos da China continental. Eu costumava participar com eles nos pontos de esclarecimento situados em locais turísticos bem movimentados. Ver nossos compatriotas, no começo ainda com medo e hesitação, aos poucos sendo tocados pelos cartazes, pelas imagens reais da perseguição, e também pela paciência e gentileza dos praticantes... muitos acabavam parando para ouvir, pegavam materiais informativos — alguns até faziam silenciosamente os “três desligamentos” ali mesmo (renunciar ao Partido, à Liga Juvenil e aos Jovens Pioneiros). Falar com eles diretamente, compartilhar, me fazia sentir que estava fazendo algo concreto para ajudá-los a se libertar do engano.



Quanto às atividades públicas, por volta dos anos de 2016–2017, quando estive lá, a situação em Hong Kong já estava se tornando cada vez mais tensa — o controle do regime comunista chinês estava se intensificando. Organizar desfiles massivos como nos primeiros anos da perseguição se tornava cada vez mais difícil.

Mesmo assim, os praticantes de Hong Kong eram incrivelmente corajosos e criativos. Eles ainda realizavam eventos públicos para dar voz à verdade, mesmo que em menor escala ou com formatos adaptados à nova realidade. Podia ser uma vigília com velas, uma manifestação pacífica, ou desfiles mais comedidos, mas ainda assim solenes, passando por áreas centrais da cidade para chamar atenção do público e dos turistas. Eles continuavam exibindo banners, e até mantinham a presença da Tian Guo Marching Band, mesmo que com um número mais reduzido de membros.

Para mim, mesmo que os eventos não reunissem mais “milhares ou dezenas de milhares” como antes, poder presenciar e participar de qualquer atividade pública em Hong Kong, naquele ambiente cada vez mais opressor, já era algo profundamente valioso e comovente. Era um testemunho de coragem extraordinária, de uma fé inabalável diante da tirania. Participei de algumas petições pacíficas, e de desfiles menores. Ainda que com menos participantes, a serenidade, a organização e a mensagem clara de Verdade–Compaixão–Tolerância e

pelo fim da perseguição estavam todas ali. E o mais importante: aquilo ainda era um choque, uma revelação para muitos — especialmente para os turistas vindos da China, que pela primeira vez viam algo assim.

Em Taiwan:

Chegar a Taiwan foi ainda mais impactante. Lá, o Falun Dafa é praticado livremente, respeitado tanto pelo governo quanto pela população. Há muitos praticantes — participei de estudos em grupo com centenas de pessoas, trocando experiências de cultivo de forma aberta e sincera.

O que me tocou profundamente, algo que nunca esquecerei, foi ter participado de grandes Conferências do Fa (Fa Conferences) e das formações de caracteres em larga escala. Talvez você já tenha visto essas imagens, Avery Lin. Milhares de praticantes, com uniformes de prática, sentados em perfeita ordem, em paz e serenidade, formando imagens sagradas gigantescas — o Mestre, o símbolo do Falun ou os caracteres “Verdade-Compaixão-Tolerância”. Quando eu estava ali, parte daquele mar de pessoas, sentindo aquele campo de energia compassiva e harmoniosa, vendo a união e a reverência de todos... pude realmente perceber a beleza e a grandeza do Dafa. Era como um quadro vivo da ampla difusão do Falun Dafa — em total contraste com as cenas de perseguição no continente.

Também participei de atividades de esclarecimento da verdade em pontos turísticos de Taiwan frequentados por chineses do continente. A abertura e o apoio do povo taiwanês ao Falun Gong foram algo que me comoveu profundamente.

Essas experiências em Hong Kong e Taiwan, Avery Lin, não apenas ampliaram minha visão e me permitiram aprender muito com os praticantes do exterior, mas, mais importante ainda, me fortaleceram. Percebi que, mesmo que no continente a perseguição seja brutal, fora da China, a Verdade–Compaixão–Tolerância ainda se expande — a luz do Dafa continua a brilhar. E nessa batalha entre o bem e o mal, no fim, a bondade certamente triunfará.

**Avery Lin:**

Nunca presenciei pessoalmente o ambiente em Taiwan, mas consigo imaginar que seja parecido com as grandiosas atividades que os praticantes realizam aqui em Nova York...

Hoje já está escuro, um pouco mais tarde do que ontem...

Será que o senhor poderia compartilhar um pouco sobre a sua vinda aos Estados Unidos? E talvez deixar algumas

palavras para os seres conscientes, especialmente para os mais jovens?

**Ma Changsheng:**

(Sorri com doçura, olhando para Avery Lin com um olhar caloroso.)

Sim, Avery Lin. As atividades em Taiwan, com sua liberdade e grande escala, realmente têm muito em comum com o espírito que os praticantes aqui em Nova York também expressam. São manifestações vivas da ampla difusão do Dafa no mundo inteiro — um contraste marcante com o que acontece em nossa terra natal.

Você tem razão, a noite já caiu. Nossa conversa já durou um bom tempo.

(Ele faz uma pausa, olhando para longe, depois volta o olhar para Avery Lin, com um ar pensativo e tranquilo.)

Quanto à vinda aos Estados Unidos... depois dos anos em Hong Kong e Taiwan, senti que minha missão precisava continuar em um lugar onde fosse possível falar mais alto, onde a verdade pudesse alcançar ainda mais pessoas ao redor do mundo. Nova York, como você sabe, é chamada de “a capital do mundo”. E os praticantes aqui também estão fazendo um trabalho

grandioso de esclarecimento da verdade e exposição da perseguição.

Poder chegar até aqui, eu considero como mais uma arranjo do Mestre. Assim como quando saí da China, tudo ocorreu de forma relativamente tranquila — além do que eu poderia imaginar. Eu mantinha apenas uma única intenção no coração: ir onde eu precisava ir, fazer o que eu precisava fazer. E então o caminho simplesmente se abriu.

(Ele sorri levemente. Sua voz se torna mais comovida ao começar a falar as palavras finais.)

Se eu pudesse deixar algumas palavras, especialmente para os seres conscientes neste tempo especial, e em particular para os jovens como você...

Primeiramente, espero que todos, onde quer que estejam, de qualquer nação que sejam, se esforcem para buscar a verdade sobre o Falun Dafa e sobre a brutal perseguição conduzida pelo Partido Comunista Chinês. Não acreditem cegamente na propaganda unilateral, nas informações distorcidas. Verdade – Compaixão – Tolerância são valores universais, nobres, e constituem a base moral da humanidade. Uma prática que ensina as pessoas a viver de acordo com esses princípios, que traz saúde e harmonia para milhões, jamais poderia ser

chamada de “culto maligno”. Use sua consciência para discernir.

Especialmente para os jovens, vocês são o futuro do mundo. Vivem em uma era repleta de tentações materiais, bombardeados por uma enxurrada de informações caóticas. É muito fácil serem levados por modismos superficiais e se esquecerem dos valores espirituais essenciais, de esquecerem o verdadeiro propósito da vida.

Espero que vocês valorizem a bondade, mantenham a moralidade. Não tenham medo de seguir um caminho diferente da maioria, se esse for o caminho correto. Sejam corajosos em buscar a verdade — não deixem que as mentiras encubram seus olhos. Dentro de cada pessoa há uma luz chamada consciência. Deixem que ela ilumine o caminho que trilham.

O mundo está passando por um período de grande transformação. Muitos falam de tempos de caos, de provações que a humanidade terá de enfrentar. Mas mesmo em meio ao perigo, há esperança. Eu acredito que, quando as pessoas mantêm pensamentos retos e escolhem o lado da justiça, um futuro brilhante as espera.

O Falun Dafa me deu — assim como a milhões de outros — respostas para as grandes perguntas da vida, trouxe paz interior e um verdadeiro caminho de cultivo. Se

tiverem afinidade, espero que vocês também possam conhecer isso. Pode ser uma grande bênção.

Lembrem-se: a vida humana é extremamente preciosa. Não a desperdicem com coisas vazias. Vivam de forma digna, com propósito, e deixem algo de bom para as futuras gerações.

(O Tio Ma olha para Avery Lin com ternura e esperança nos olhos.)

Acho que por hoje podemos encerrar por aqui, Avery Lin. Obrigado por ter escutado com tanta paciência as histórias deste velho senhor.

**Avery Lin:**

Muito obrigada por suas palavras...

Ao ouvi-lo mencionar mais uma vez que “a vida humana é extremamente preciosa”, não pude deixar de lembrar daquela frase: “Difícil é conseguir um corpo humano, difícil é nascer na Terra Central, difícil é ouvir o Fa Verdadeiro, difícil é encontrar um Mestre Iluminado”...

Mais uma vez, agradeço por tudo. Desejo ao senhor o melhor!

**Ma Changsheng:**

(Sorri, e em seus olhos brilha uma profunda empatia e respeito ao ouvir Avery Lin repetir aquela frase.)

Avery Lin, você citou algo muito significativo e profundo:

“Rara é a vida humana, raro é nascer na Terra Central, raro é encontrar o Fa Verdadeiro, raro é encontrar um Mestre Iluminado.”

(Em chinês: *Rénshēn nán dé, Zhōngtǔ nán shēng, Zhèng Fǎ nán qiú, Míngshī nán yù.*)

E é verdade. Cada uma dessas partes representa uma grande verdade — um lembrete do quão raros e preciosos são os encontros e as oportunidades nesta vida.

(Ele acena levemente com a cabeça, olhando para Avery Lin com apreço e admiração.)

Eu mesmo, depois de tantos anos de busca, de passar por tantos altos e baixos, só então comecei a compreender verdadeiramente o significado dessas palavras. Justamente porque “a vida humana é difícil de obter”, devemos valorizar essa existência. E porque “encontrar o Fa Verdadeiro e um Mestre Iluminado é raro”, quando temos essa oportunidade, devemos ser firmes, valorizar e cultivar com diligência.



Fico muito feliz que você tenha sido capaz de compreender essas verdades.

Mais uma vez, obrigado por dedicar seu tempo para ouvir, Avery Lin. Que você sempre preserve a bondade no coração, sabedoria na mente e que muitas bênçãos acompanhem o seu caminho.

\* \* \*

# PALAVRAS FINAIS

As quatro tardes de conversa com o senhor Ma passaram como um longo sonho. Quando a última conversa terminou, a escuridão já havia tomado conta da montanha. Ele me acompanhou até a porta. A noite era silenciosa, com o som distante dos insetos e o brilho suave da luz amarela que escapava da pequena casa. Olhei para ele — um cultivador que já havia passado por quase um ciclo completo da vida, com o rosto marcado pelo tempo, mas com um olhar incrivelmente puro e sereno.

As histórias que ele compartilhou continuam ressoando em minha mente: a jornada de trinta anos em busca do Dao, o momento arrebatador ao encontrar o Fa Verdadeiro, os anos de cultivo pacífico, seguidos pela tempestade da perseguição... e, acima de tudo, a firmeza inabalável diante de provações que pareciam insuperáveis.

Sua história não foi contada com palavras grandiosas, nem com acusações ou rancor. Foi apenas o fluxo simples e verdadeiro das memórias de alguém que dedicou sua própria vida à busca e proteção de uma fé — a fé em Verdade, Compaixão e Tolerância, valores

universais que, talvez, em algum lugar profundo da alma, todos nós ansiamos por seguir.

Ao sair da casa do senhor Ma, descendo pela trilha montanhosa já familiar, ergui os olhos para o céu noturno cheio de estrelas. E percebi, a jornada dele não era apenas sua. Em certo sentido, ela era o reflexo de incontáveis outras vidas neste tempo — pessoas que, silenciosamente, perseveraram na bondade em meio ao caos, e que continuam buscando respostas para as grandes questões da existência.

Este livro termina aqui, mas a jornada de cada um de nós ainda está pela frente. Que a história de alguém que veio antes possa ser como uma pequena luz — iluminando e aquecendo um pouco o caminho daqueles que ainda estão em busca da verdade e do sentido da vida.

**Avery Lin**

THE LIVES MEDIA

# **SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA**

## **SOBRE A AUTORA**

**Avery Lin** é uma escritora independente que explora temas relacionados à política, cultura, sociedade, ciência e espiritualidade. Seu trabalho busca a verdade, desperta a consciência e dá voz às reflexões sobre o destino da humanidade.

Suas obras frequentemente se originam de entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de iluminação.

## **SOBRE O PROJETO**

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de

notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

## CONTATO

- ✧ Website: [www.thelivesmedia.com](http://www.thelivesmedia.com)
- ✧ Email: [editor@thelivesmedia.com](mailto:editor@thelivesmedia.com)
- ✧ QR Code:



## OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)

– *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)

– *O Véu Vermelho* (The Red Veil)

– *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)

– *A Entrada no Mundo* (Entering The World) → este livro

– *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)

– *Antes de Nós* (Before Us)

– *Mil Vidas* (Thousand Lives)

---

**Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.**